

L. 25894  
Mai indiscreta

tragicomedia in 3 actus

no  
Cesario Martinelli

1795

0





OFERTA

# A MÃI INDISCRETA

TRAGICOMEDIA *L*

EM TRES ACTOS 25894

DO SENHOR

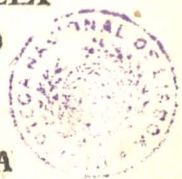
## CAETANO MARTINELLI

*POETA DRAMATICO*

NO ACTUAL SERVIÇO

DE

SUA Magestade Fidelissima



# D. MARIA I.

RAINHA DE PORTUGAL, E DOS ALGARVES,

&c. &c. &c.



*P. A.* 6041

LISBOA,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. XCV.

*Com licença,*

THE

AMERICAN

REPUBLICAN

AND

DEMOCRATIC

RECORD

OF

THE

UNITED STATES

OF AMERICA

AND

OF THE



1850

THE

RECORD

OF

## INTERLOCUTORES.

D. FLORA, Mãe de Isidoro, e Candido, e Mulher de ANICETO, Doutor Advogado.

ISIDORO, moço vadio, filho predilecto de D. Flora.

CANDIDO, moço sabio, filho defestimado da dita.

BASILIO, falso Amigo dos sobreditos, adulador, e tulineiro.

ROSINA, rica Dançarina amante de Isidoro.

PANDORA, Velha extravagante, Tia da sobredita.

CECCA, criada da sobredita.

HERMENEGILDO, homem de probidade, amigo de Aniceto.

ISABEL, filha do sobredito.

CAPITÃO ROCCAFORTE, impostor, e cobarde, amante de Rosina.

PASQUINO, parvo, e mentecapto, criado do sobredito.

BALESTRA, criado da casa de Aniceto.

O CABO da ronda, ou feja dos quadrilheiros;

### *Pessoas que não fallão.*

Dous moços do Cafeteiro.

O Cafeteiro Grego.

Seis pessoas aventureiras na loja do Café.

Hum Cirurgião.

O irmão de Rosina.

Hum Lacaio } da dita Rosina.  
Dous criados }

Quatro valentões do Capitão Roccaforte.

Hum criado de Hermenegildo.

Seis quadrilheiros.

A ii

ACTO

---

A Scena se finge em Milão.

INTERLOCUTORES.

D. JUAN DE...  
 D. CARLOS...  
 D. JOSE...  
 D. FRANCISCO...  
 D. MARTIN...  
 D. ANTONIO...  
 D. PEDRO...  
 D. ALONSO...  
 D. GARCIA...  
 D. LUIS...  
 D. DIEGO...  
 D. FERNANDEZ...  
 D. ALVARO...  
 D. RODRIGUEZ...  
 D. DOMINGO...  
 D. ESTEBAN...  
 D. VICENTE...  
 D. ANTONIO...  
 D. JUAN...

ACTO PRIMERO.

D. JUAN...  
 D. CARLOS...  
 D. JOSE...  
 D. FRANCISCO...  
 D. MARTIN...  
 D. ANTONIO...  
 D. PEDRO...  
 D. ALONSO...  
 D. GARCIA...  
 D. LUIS...  
 D. DIEGO...  
 D. FERNANDEZ...  
 D. ALVARO...  
 D. RODRIGUEZ...  
 D. DOMINGO...  
 D. ESTEBAN...  
 D. VICENTE...  
 D. ANTONIO...  
 D. JUAN...

ACTO



# ACTO PRIMEIRO.

## SCENA I.

Sala em casa de ANICETO com quatro portas: Vê-se a hum lado huma banca pequena, sobre que está hum candieiro accezo: na frente huma janella com cortina: no lado direito huma meza de jogo, sobre que está encoitada D. FLORA dormindo.

Ao correr o panno, o Theatro estará quasi escuro; e a seu tempo, quando D. FLORA abrir a cortina á indicada janella, se verá pelas vidraças raiar a Aurora; e a pouco a pouco o Theatro se irá illuminando, fingindo do melhor modo o amanhecer do dia.

*D. FLORA em vestidos ligeiros, que depois de algum espaço de tempo, acordando, diz:*

**A** I de mim!.. que afflicção, que mágoa he a minha!.. Ifidoro ainda não vem para casa?... Ah!.. Este filho me faz viver sempre em susto. Conhece que o amo ternamente, e o ingrato abusa deste meu amor, e da minha ternura! Isto ha de ser tarde... vejamos. (*Vai abrir a cortina.*) Ceos! A Aurora começa já a fazer-se vermelha... (*Apaga a luz do candieiro.*) Oh queira a sorte não lhe tenha succedido alguma desgraça!.. O meu coração não descança, não socega... cada momento que tarda, me parece hum seculo. Temo que  
acor-

6 A MÃI INDISCRETA.

acorde o Senhor Aniceto... Oh Deos! Se chega a saber, que depois de elle se deitar, eu lhe dou licença para fahir de casa, acompanhado de Balestra, que bulha, que gritaria não fará!.. Mas! ah que eu finto passos... Já o finto fóra da cama... Ceos, amparai-me. Scrá melhor que eu me retire. (*Entra por huma das portas.*)

S C E N A II.

**CANDIDO** *sabe pela porta fronteira áquella, em que entrou D. FLORA. Em quanto chega ao meio do tablado, vem acabando de abotoar a veste: depois pela outra porta do fundo sabe ANICETO em chambre, barrete, e chinellas.*

**Can.** **U**H... (*Espreguiçando-se, e estendendo os braços.*) Quem ieria o que abriu o postigo daquella janella?... Balestra não podia ser, pois vi que não veio ainda para casa com meu irmão Isidoro. Elle com as faculdades, que minha Mãi lhe concede, sabe á noite de casa ás escondidas para gyrar, acompanhado, Deos sabe de quem, por esta, e aquella casa de jogo, pelas estalagens, e talvez por outros lugares mais indecentes... Ah!.. não permitta o Ceo lhe succeda alguma desgraça. (*Ouve-se dentro tocar, e escarrar.*) Mas!.. Parece-me que meu Pai... (*Chega-se á porta, e se põe a escutar.*) Sim: he certo: já está acordado... Que farei?... Julgo melhor fahir de casa para livrar-me de alguma pergunta, que me possa fazer a respeito delles. (*Vai-se de vagar pela porta que conduz á escada.*)

**Ani.** Balestra? (*Chamando com voz baixa.*) Balestra? (*Mais alto.* Estou-o sentindo descer pela escada, e não me responde! Ouves, Balestra?

(*Fun-*



A C T O I.

7

(*Junto á porta da escada com voz forte.*) Quem he que vai descendo?

*Can.* (*De dentro.*) Sou eu, meu Pai.

*Ani.* Es tu, Candido? Vem affima: ouve....

(*Abençoado seja este filho. Já sahia de casa para procurar com a sua occupação lucrar alguma cousa para me ajudar.*) *A' parte.*

*Can.* Tenha muito bons dias, meu Pai. (*Beijando-lhe a mão.*) Que me quer V.m.?

*Ani.* Aonde vás tão cedo?

*Can.* A' casa do meu Cliente entregar-lhe esta escritura, e procurar por este modo receber a satisfação, e o fruto do meu trabalho.

*Ani.* Fazes bem: vai. (*Candido faz que se vai.*) Ouves, Candido? Acorda aquelle madraço de Balestra, e dize-lhe que venha já aqui fóra.

*Can.* (*Aqui he ella.*) Balestra, creio que já está fóra de casa.

*Ani.* Já! Tão cedo?

*Can.* Em casa certamente não está.

*Ani.* Negocios! (*Com ironia.*) Encommendas! Traficancias!... e estas talvez por mandado do Senhor Ifidoro!... Eh, sei bem o que digo... Vai: o Ceo te abençoe.

*Can.* Com licença de V.m. (*Parte.*)

S C E N A III.

*ANICETO*, e depois *D. FLORA* á hobreira da porta.

*Ani.* **E** Ste Balestra he muito traficante, e julgo que elle he o Piloto do meu desordenado filho. Ah! não: não me agrada a conducta de Ifidoro, e temo me occasione alguns trabalhos. Os Amigos me dizem ser elle hum altif-  
si-

fimo jogador , e que não ha donzella desvane-  
cida , a quem não faça o seu rapa-pé , não ren-  
da mil finezas , não tenha em fim seus collo-  
quios namoratorios. Por este aviso , se quero re-  
prehendello , a Mãi o desculpa , e o defende ;  
e eu para me conservar com ella em paz , sou  
obrigado a calar-me , e a supportar... Quero  
acordallo. (*Vai junto á porta.*) Ifidoro... Ifi-  
doro... (*Chamando.*) Ouves?... Ifidoro?... El-  
le dorme como humã pedra em poço. (*Entra.*)

*D. Fl.* (*Na esquina da porta.*) Ai de mim!...  
Agora verá elle , que Ifidoro , e Balestra não  
estão em casa. Temo succeda alguma desordem.  
(*Retira-se , ao tempo que Aniceto torna a sabir.*)

*Ani.* Bravo!... O Senhor Ifidoro , e o Senhor Ba-  
lestra não dormirão esta noite passada em casa.  
Pobre de mim!... Quantas afflicções me fazem  
soffrir!... Mas!... parece-me que ouço rinjir a  
porta da rua... Se elles forem , quero apanhal-  
los, (*Entra pela porta da camara de Ifidoro.*)

## S C E N A IV.

*ISIDORO* , e *BALESTRA* entram com cautela ,  
observando humã , e outra parte com temor de  
serem presentidos.

*Isi.* **N**ão façamos bulha... Vês?... Já está aber-  
ta a janella : alguẽ de casa se levantou  
já da cama.

*Bal.* Dispa-se , Senhor , ande de pressa.

*Isi.* (*Ao acto de despir-se , diz :*) Maldito jogo!...  
não trago comigo nem hum real!... tudo per-  
di.

*Bal.* E por isso acabou o divertimento ; aliã...  
*Isi.* Não me quebres a cabeça ; vai , esconde este  
ves-

vestido no teu quarto ; que se por acaso meu Pai o visse , havia de querer saber como o fiz ; e imagina o que succederia , se de mais a mais foubesse , que quem me fez mimo d'elle , foi a minha amada Rosina. (*Fica em camiza.*)

*Bal.* Estes velhos são impertinentíssimos , e indiscretos : não se lembrão do que fizerão no tempo da sua mocidade.

*Isi.* Segue-me. (*Querendo Isidoro entrar na camera, he sorprendido á porta por Aniceto.*)

*Ani.* Bons dias , meus Senhores.

*Isi.* (Misero de mim!) } *Ficão atonitos. Aniceto*

*Bal.* (Que susto!) } *severo os observa.*

*Ani.* Com licença. (*Tira o vestido das mãos de Balestra, e diz:*) O Senhor Isidoro se veste de muito bom gosto. (*Com ironia, observando o vestido.*)

*Bal.* (A' custa de huma louca namorada.)

*Ani.* (*Buscando as algibeiras do vestido, tira hum pequeno retrato, e hum baralho de cartas.*) Oh bello!... O retrato desta Dama he admiravel! (*Depois de o ter observado, o mette na algibeira.*) Bravissimo! Este he o livro, a que tu quotidianamente applicas os teus talentos. Perfido! (*Lança o vestido, e o baralho ao chão com desprezo.*)

*Isi.* (Nem me atrevo a tomar a respiração! Ao menos se viesse minha mãe, poderia remediar estas desordens...)

*Ani.* Dize-me, indigno, onde estiveste esta noite com estoutro marotão?

*Bal.* (O exame ha de ser muito severo.)

*Ani.* Falla, responde; donde te veio o dinheiro para fazeres hum vestido tão rico?

*Bal.* De folhear com felicidade aquelle livro de sinconta e duas folhas.

*Ani.*

*Ani.* Cala-te , indigno. Dize-me , que Dama he aquella , de quem traz o retrato?

*Isi.* Aquelle retrato... Eu lhe direi... Balestra bem sabe a verdade... ( Oh Ceos , eu me acho confuso! )

*Ani.* Profegue.

*Bal.* Diga-lhe a verdade , Senhor Ifidoro: declare-lhe , que aquillo he hum retrato ideal da tampa de huma caixa de tabaco , que V. m. comprou na feira por dous tostões.

*Ani.* Ah perfido! ah embusteiro!.. ( *Ameaçando Balestra , que se retira temeroso.* )

*Bal.* Senhor Patrão , não me maltrate... perdoe...

*Ani.* Descança , que logo vou ajustar-te as contas... E tu , filho indigno , filho ingrato , desobedientissimo filho , não tens pejo , não te envergonhas , não tens estímulos de brio , nem de honra , para andares n'huma vida tão desordenada?

*Isi.* - Mas , meu Pai , que mal faço eu?

*Ani.* Perfido ; e tens atrevimento de querer desculpar a tua malignidade ? Não te horroriza a tua vida tão libertina ? Não temes a ira do Ceo ? Que ímpio coração he o que occultas no peito ? Ah!.. não sei onde estou , que com as proprias mãos te não affogue...

*Bal.* Senhor Patrão , por caridade accommode-se. ( *Pondo-se de permeio.* )

*Isi.* Ah meu Pai... ( *Retirando-se.* ) Ai de mim!.. Quem me soccorre!.. ( *No tempo em que Aniceto agarra pelos cabellos a Balestra , entra na sua camara.* )

*Ani.* Tu , malvado , patife , tu es a perdição de meu filho...

*Bal.* Ai! quem me soccorre! ( *Gritando.* )

## S C E N A V.

*D. FLORA* sabe apressadamente , e vai pegar em  
*ANICETO*: entretanto foge *Balestra* a  
 toda a pressa.

*D. Fl.* **Q**ue gritaria, que tumulto he este?

*Bal.* Senhora Ama, valha-me por caridade.

*Ani.* Maroto, não escaparás das minhas mãos.

*D. Fl.* Que he isto?... Senhor *Aniceto*... peçovos vos accommodeis...

*Bal.* (Ah pernas para que te quero!) (*Foge.*)

*D. Fl.* Estais louco?

*Ani.* Foge, foge, assassino: a seu tempo mo pagarás... Infeliz!... todos me enganão!... Todos desta casa procurão abreviar o fim de meus dias.

*D. Fl.* Como? que dizeis? que delirios são esses? Explicai-vos? que vos succedeo?

*Ani.* Ah Senhora *D. Flora*!... Vós... sim, vós... Triste de mim! (*Suspirando.*) Vós fois a origem de todas as minhas magoas.

*D. Fl.* Eu! por que razão? Que vos tenho eu feito? Fallai.

*Ani.* *Isidoro*, reparaí, tomái bem sentido, a passos largos se entranha pelo caminho da perdição.

*D. Fl.* Bem presumia eu que a vossa imprudente agitação havia de proceder de alguma leviandade, que aquelle pobre rapaz talvez commettesse.

*Ani.* Não, Senhora *D. Flora*, aquillo não são leviandades, mas sim principios de huma vida desordenada, que pois...

*D. Fl.*

*D. Fl.* Ora calai-vos. Não augureis a vosso filho hum fim tão funesto. Poderá alguém acreditar, que o proprio Pai ha de ser quem o persiga, quem o despreze, quem o ponha no maior estado de abatimento?

*Ani.* E quem poderá crer, que vós com o vosso affecto indiscreto sois a occasião da sua ruina?

*D. Fl.* Eu nunca julguei que hum terno amor maternal servisse de perjuizo á conducta dos filhos.

*Ani.* Quando he excessivo, produz mil funestas consequencias; e se a razão o não modera, vem a ser loucura.

*D. Fl.* Visto isso me tendes por louca? Justo Ceo, cousas soffro a meu marido!

*Ani.* E eu, Deos meu, quanto soffro a minha mulher! A' força quereis que eu pareça huma figura de gesso? Toda a noite estive fóra de casa; nem eu sei quem lhe abriu a porta da rua depois que me deitei. Estou informado, que não ha casa de jogo, estalagem, ou lupanar, que elle com outros taes companheiros seus semelhantes não frequente, não se entretenha a jogar.

*D. Fl.* Quem foi o que vos deo tão más informações?

*Ani.* Hum amigo meu fidelissimo.

*D. Fl.* Sim, amigo fidelissimo! Ha de ser aquelle satrapa de Hermenegildo, que sempre vem espalhar zizanias contra Isidoro.

*Ani.* Mas para conhecer que elle he hum libertino, não vos basta isto para prova? Observai este vestido. (*Levanta-o do chão.*) Quem lhe deo dinheiro para se vestir tão sumptuosamente? Aquellas cartas de jogo!.. Além disto observai: vedê este retrato, que lhe achei na al-

gibeira. (*D. Flora observando o retrato, se ri.*)

Que!... vós ride-vos?..

*D. Fl.* Oh bello! Hei de chorar de meu filho ter merecimento de ser amado? Hei de me affligir, porque elle possui todas as graças, que o fazem estimavel?

*Ani.* (Não sei como não estalo de raiva!)

## SCENA VI.

*BASILIO, e os ditos.*

*Bas.* (*De dentro.*) P O'de-se entrar?

*D. Fl.* - - - Pois não, Senhor Basilio!

*Bas.* Bons dias, meus Senhores. Eis-me aqui bem cedo a cumprir a promessa que fiz de servir-vos, Senhor Aniceto.

*Ani.* Estou-vos muito obrigado; porém não posso aproveitar-me hoje do vosso favor, pois sou obrigado por causa de hum Cliente meu a ir afflittir a huma vestoria; e póde ser não torne a casa senão á noite.

*Bas.* Parece-me que vos vejo algum tanto perturbado: acaço vos sentís indisposto?

*Ani.* Sim, não estou muito bom de saude.

*D. Fl.* A molestia de meu Marido procede da cabeça.

*Bas.* Mão! Quando caput, dolet omnia membra languent.

*Ani.* Senhora D. Flora, peço-vos me não irriteis mais.

*D. Fl.* E vós não me deis motivo de estar sempre em agitação, e desgostosa.

*Bas.* Mas que dissensões ha entre vós, Senhores? Quaes são os motivos? Confiai-vos de mim; eu decidirei a vossa contenda. Graças a Deos sou hum

hum homem o mais sincero, que ha em todo o mundo.

*Ani.* Estais pelos seus sentimentos? (*A D. Flora.*)

*D. Fl.* E porque não! Elle he homem de honra, e sei de certo, que examinando bem todas as circumstancias, não me ha de contradizer.

*Ani.* A qualidade do assumpto não requer exame de circumstancias. Eu vos informo. Sabei que meu filho Isidoro...

*D. Fl.* Com sua licença. (*Interrompe Aniceto, e se põe de permeio.*) Isidoro, bem sabeis que tem vinte e quatro annos; e que hum rapaz desta idade não deve tratar-se com aquelle rigor, com que se trata hum menino, que anda na escola: não he assim?

*Baf.* Certamente: dizeis muito bem.

*D. Fl.* Elle he de huma compleição muito fraca; nem o pobre rapaz pôde applicar-se a huma profissão estudiosa, como seu Pai quer.

*Baf.* Certamente.

*D. Fl.* Assim desimpedido (por culpa do Pai, que lhe não procura huma occupação conducente a elle...) (*Com enfase.*)

*Ani.* (O que he falso.) (*Continuando a sobredita enfase.*)

*D. Fl.* Quasi sempre está recluso em hum quarto...

*Ani.* (Isto he, aquelle pouco que dorme de noite.)

*D. Fl.* Porém alguma vez he permittido o dar-lhe licença para se divertir em alguma licita conversação...

*Ani.* (Sim, como nas casas de jogo, casas prostitutas, et cetera.)

*Baf.* He cousa razoavel.

*D. Fl.* Elle he naturalmente agradavel; he cheio de espirito, de brio, de viveza...

*Ani.*



*Ani.* (Assim como justamente o he a Senhora sua Mãi.)

*D. Fl.* As suas qualidades são estimaveis ; o seu genio he docil ... por cuja razão ... já me entendeis ... o bom agrada a todos. Huma gentil Senhora, donzella honradissima, empregando nelle os olhos, delle se namorou : mandou-lhe algum presentinho...

*Baf.* (Que affortunado rapaz !)

*D. Fl.* De tal forte, que me não parece delicto o havello accetado Isidoro.

*Baf.* Não certamente, fez muito bem.

*Ani.* (Sim, fez huma heroicidade.) (Com ironia.)

*D. Fl.* A civilidade, e a conveniencia o obrigá-rão depois a fazer-lhe algumas visitas ; e vós muito bem sabeis, que para os amantes, sem que elles o percebão, as horas passão como instantes : por este motivo o pobre rapaz algumas noites tem vindo tarde para casa. Dizei-me, parece-vos isto algum defeito incompativel para elle ?

*Baf.* Não certamente.

*Ani.* (Oh ! he huma bagatella.) (Como affirma.)

*D. Fl.* Desculpando-o, a fim de que seu Pai se não irrite demaziado contra elle, não procuro assim conservar a paz em casa ?

*Baf.* Sim, certamente.

*Ani.* (Não tem dúvida.)

*D. Fl.* As levezas pueris daquelle pobre filho são talvez excessos, que não possão com o tempo corrigir-se ?

*Baf.* Não, certamente.

*D. Fl.* Ouvis, ouvis, Senhor Aniceto ? O Senhor Basilio he hum homem de bem, falla pela verdade.

*Ani.* Que viva o Senhor Basilio. Agora he justo que ouça a minha informação.

*Baf.*

*Baf.* Fallai, Amigo, que eu sinceramente vos direi aquillo que entendo.

*Ani.* Agora me pertence entrar no meio: com sua licença. (*Passa para o meio.*) Ifidoro, pelos muitos mimos, que sua Mãi lhe faz, não quer absolutamente applicar-se a emprego algum honesto, e proveitoso; ainda que tenha ante os olhos o exemplo de Candido seu irmão menor, que occupado no meu exercicio de Advogado, ajuda algum pouco a casa...

*D. Fl.* Oh! certamente! Aquelle pedaço d'afno dá hum grande lucro á casa. (*Com ironia.*)

*Ani.* Tenha a bondade de me não interromper. Ifidoro pois com as suas idéas de nobreza (herdadas dos Avós de sua senhora Mãi) não pensa em outra cousa mais, que em divertir-se. Não ha loja de café, assembléa, theatro, ou conversação, em que se não ache, em que se não introduza feito hum peralvilho. Eu não lhe dou dinheiro por muitos motivos; mas o principal he por não o ter; e não obstante isso, tem-me asseverado, que elle joga, dispende, gasta, diverte-se, e faz mil...

*Baf.* Não, não, não, amigo do coração, estou em duvidas não estejais enganado.

*Ani.* Digo-vos, que estou bastantemente informado da sua vida desordenada. (*Com resentimento.*)

*Baf.* E eu socegradamente vos respondo, que he preciso não acreditar aos maldizentes, a quem a inveja muitas vezes obriga a dizer mal.

*D. Fl.* Que he o que eu sempre lhe advirto para sua quietação.

*Ani.* Desespero! Eu creio aquillo que vejo com os proprios olhos. Aquellas cartas de jogo achadas na algibeira daquelle vestido, feito á custa, Deos sabe de quem, não mostram claramente, que

que já se tem apossado de vícios, e de suas malignas praticas?

*Baf.* Oh! isso agora he outra cousa: já muda de face o negocio. Os indicios que me mostrais são clarísimos, e parece que tendes razão de queixar-vos.

*Ani.* Se tenho razão! Prouvera ao Ceo que eu não tivesse tanta. O que tenho comprovado, diizei-me, não he motivo bastante, para que eu deva procurar extinguir aquella chamma de affectos desordenados, persistindo nos quaes, meu filho irá a precipitar-se desgraçadamente?

*Baf.* Sim, certamente.

*Ani.* Acaço deverei fechar os olhos continuamente ás mendigadas desculpas da piedosa Mãi, (em quem o astuto Isidoro tanto se fia, e me desobedece) e consentir que elle passe huma vida toda libertina, e escandalosa?

*Baf.* Não, certamente.

*Ani.* A obrigação de hum Pai amoroso não he a de vigiar sobre as acções, costumes, e conduta dos filhos?

*Baf.* Sim, certamente.

*Ani.* Agora que direis, Senhora D. Flora? O Senhor Basilio he hum homem de bem, falla pela verdade.

*D. Fl.* Sim, certamente. (*Com ironia.*) O Senhor Basilio he hum homem de juizo finissimo.

*Baf.* Senhora D. Flora, V. m. tem bastante agudeza de entendimento para conhecer...

*D. Fl.* Sim, para conhecer os varios, e inconstantes, assim como vós.

*Ani.* Mas aqui falla-se para beneficio de hum filho nosso: reflecti, que a ociosidade he a mái de todos os vícios, e que Isidoro...

*D. Fl.* E sempre Isidoro ha de ser para vós hum

objecto odioso : todo o vosso assumpto tende a prejudicar aquelle mal affortunado filho. Finalmente he sangue meu... (*Em acto de chorar.*) Não posso soffrer vello a todo o instante vilipendiado pelo proprio Pai. (*Cobre os olhos , e chora.*)

*Ani.* Mas vós , Senhora D. Flora , interpretaes mal...

*D. Fl.* Calai-vos , calai-vos. Desgraçada de mim!.. Sou a Mãi mais desaventurada , mais infeliz que ha em todo o mundo. (*Soluçando.*)

*Baf.* (*A Aniceto.*) Ora tendes-la feito boa! Vede como chora!.. Amigo , perdoai-me , vós não pensais , senão em desgostalla.

*Ani.* Eu desgostalla ! Justo Ceo ! Vós me fareis dizer despropósitos.

*D. Fl.* Desde o momento , em que me casei com este ingrato , já mais tive hum dia de socego.

*Baf.* Prudencia , Senhor Aniceto , prudencia.

*Ani.* Mas eu creio não ser tão bestial...

*Baf.* Perdoai-me , Amigo , tendes a cabeça hum tanto esquentada.

*D. Fl.* Apenas he dia , quando logo começo a ouvir queixas contra aquelle pobre filho.

*Baf.* Deveis reflectir , que a Senhora D. Flora he de nobre geração , e que vós...

*Ani.* E que vós me affligis mais do que ella : deixai de atormentar-me.

*D. Fl.* O vosso desejo he ver-me morrer.

*Ani.* Oh Deos ! Não falleis assim , que me despedaçais o coração.

*Baf.* Quereis que eu vos dê hum bom conselho a fim de viverdes sempre em paz , e obrigardes juntamente ao Senhor Isidoro a fazer-vos quanto desejais?

*Ani.* Sim , ouçamos : dizei,

*Baf.*

*Baf.* Procurai-lhe huma Senhora , que o enamore , e casai-o logo com ella.

*Ani.* ( Póde-se ouvir maior loucura ! ) Pois eu hei de andar pela Cidade procurando huma donzella , que o namore ?

*Baf.* E porque não ?

*D. Fl.* Serieis vós o primeiro Pai , que para segurar os proprios interesses , vá examinando cada familia , até achar huma Dama , que lhe fosse util para os seus intentos ?

*Ani.* Não o nego ; porém isso só o faz hum Pai prudente , que com hum Matrimonio em tudo igual , quer segurar o estado de algum judicioso filho seu ; pelo contrario qualquer outro exemplo , cujo não devo imitar , como exposto á censura do mundo.

*D. Fl.* Quando nos interessão , todos os exemplos são bons : aproveitemo-nos do conselho do Senhor Basilio : elle he hum homem sabio , falla para nosso bem.

*Baf.* Oh disso podeis estar seguros. Em mim achareis sempre a verdade.

*D. Fl.* Demos esposa a Isidoro : sou de sentimento , que elle casado que seja , nos dará...

*Ani.* Sim , nos dará hum abundante numero de netos..

*D. Fl.* Mas tambem nos dará motivos , com que nos consolemos da sua conducta.

*Ani.* Ouvi sobre este projecto : rogo-vos façamos reflexão mais madura , porque não tenhamos de que nos arrependar.

*D. Fl.* Não duvideis : não nos havemos de arrependar. Ora eu farei aqui vir Isidoro : dar-lhe-hei huma severa reprehensão : farei com que derrame lagrimas... basta , saberei mortificallo muito bem ; e ao mesmo tempo procurarei indagar o seu animo sobre o nosso intento.

*Ani.* Não digo nada : fizeti o que o Céo vos inspirar. Eu da minha parte não desistirei já mais de pensar sobre o melhor meio , pelo qual elle possa sempre viver feliz. As minhas occupações me chamáo a outra parte ; e talvez não torne a casa senáo á noite. Agora vou vestir-me. Senhor Basilio , sou voffo servo. (*Parte.*)

*Bas.* A' cêa nos veremos , Senhor Aniceto.

S C E N A VII.

*D. FLORA , BASILIO , e depois BALESTRA.*

*D. Fl.* **M**Eu Marido he hum bonissimo homem ; mas transportado algumas vezes pelos seus rigorosos sentimentos de educação , se transforma de tal modo , que se faz insupportavel.

*Bas.* Com tudo isso , vós tendes arte de o amoldares a voffo capricho.

*D. Fl.* Ao meu capricho ! . . . (*Severa.*) Vós me offendeis. A minha vigilancia para reparar tantas defordens desta casa , merece interpretação mais louvavel.

*Bas.* Oh conheço perfeitamente o voffo talento. Não ha em todo o mundo Senhora semelhante a vós. Nas sociedades não se falla mais , que do voffo espirito. Dizei-me , não tomais chocolate esta manhã ?

*D. Fl.* Não , porque mo prohibio o Medico.

*Bas.* E que vos concede elle para almoçardes ?

*D. Fl.* Chá , e huma torrada de pão com manteiga.

*Bas.* Que Medico ignorante ! Prohibe-vos o chocolate , que he huma bebida que corroborar o estomago , e concede-vos o chá , que o debilita ! Visto isso , mandai que vos tragáo pão , e manteiga , que eu vos farei companhia.

*D.*

*D. Fl.* Balestra?

*Bal.* Senhora.

*D. Fl.* Avisa Isidoro, que lhe quero eu fallar; e traze-me depois o meu almoço costumado.

*Bal.* Vou servir a V. m. (*Em acto de partir.*)

*Bal.* Ehi, Balestra, ouve. (*Leva-o á parte.*) (A Senhora D. Flora quer que eu lhe faça companhia; motivo, por que....já me entendes.... não seja só para ella..)

*Bal.* (Tenho entendido, dobrada porção.) Este póde chamar-se hum *fomigerado* amigo desta casa.

*D. Fl.* Estimo que agora sejais testemunha das severas reprehensões, que hei de dar a meu filho, e quero juntamente que vós vos enfadeis, e lhe façais conhecer quanto por sua causa tenho batalhado com seu Pai... Ei-lo ahi.

### SCENA VIII.

*ISIDORO, depois BALESTRA, e os ditos.*

*Isi.* **M**uito bons dias, minha Mái. (*Beija-lhe a mão.*) Aqui estou prompto a obedecer-vos. Como passou a noite? Mas!... Que tem?.. Vejo-a algum tanto triste?.. Acaço se sente indisposta? Doe-lhe a cabeça?..

*D. Fl.* Sim, doe-me a cabeça; porém esse he o menor dos males, que eu soffro por vossa culpa. (*Com semblante severo.*)

*Isi.* Por minha culpa? Como?

*Bal.* Sim, Senhor: por vossa causa tem havido em casa grandes queixas.

*Isi.* Mas que culpa tenho eu commettido?

*D. Fl.* Ah mal encaminhado filho! Tu me farás morrer de pezares. Patentear-lhe, senhor Basilio,

lio, dizei-lhe as reprehensões, que até agora soffri de seu Pai...

*Baf.* Porque quereis que eu vos avive os passados desgostos?... (E Balestra não vem com o almoço!...) (*Observando para onde está a porta.*)

*Isi.* Logo sou eu occasião...

*Baf.* Sim senhor, sim senhor. (*Com aspereza.*) Vós sois hum perfectissimo Tonante, hum mancebo o mais depravado, hum filho desobedientissimo, hum genio insupportavel, hum...

(*No tempo em que com ardor reprehende Isidoro, chega Balestra com o almoço, e no mesmo instante socega. Tira das mãos do criado os dous pratos, e vai sentar-se junto a huma meza, com as costas voltadas para D. Fiora, e Isidoro, e se põe a comer com appetencia.*)

Bravo, Balestra: dá cá: chega huma cadeira a esta meza... Venha, Senhora D. Florá...

*Bal.* Pão mole não ha em casa.

*Baf.* Vai comprallo já para tua Ama.

*Bal.* (*Que fomigeratissima creatura! (Parte.)*)

*Isi.* Mas eu não julgo, minha querida Mãi, lhe mereça estas injurias.

*D. Fl.* Ainda peiores mereces. Teu Pai tem vindo no conhecimento de todos os teus amores; e eu agora quero saber que qualidade de mulher he esta.

*Isi.* Ah minha Mãi! He a mais formosa Dama, que a natureza creou.

*D. Fl.* Que idade poderá ter?

*Isi.* Perto de vinte e cinco, até trinta annos.

*D. Fl.* (*Está na flor da mocidade.*) He de bom nascimento?

*Isi.* Dizem que os seus Progenitores adquirirão nome pelas suas acções.



*D. Fl.* Tem dote?

*Isi.* He Senhora de muitos cabedaes.

*D. Fl.* Aonde mora?

*Isi.* Mora . . . lhe direi. (*Confunde-se , e observa se Basilio o escuta.*) Ella não ha muito tempo que aqui chegou de Alemanha; razão, por que ainda não achou huma casa conducente á sua qualidade, por isso alugou o primeiro quarto daquellas casas, que estão defronte á loja do café do Grego.

*Basf.* Como? Como? Defronte da loja do Grego? (*Comendo.*) Ah, ah: já sei quem he. (*Isidoro lhe faz sinal para que se cale.*)

*D. Fl.* Vós conheceis-la?

*Basf.* Se a conheço? Pois não! He huma alumna da Musa Terpsicore. (*Sorrindo-se.*)

*D. Gl.* (*Musa Terpsicore!..*) Então he alguma Dama?..

*Basf.* Sim, Dama! (*Com ironia, e sorrindo-se como assima.*)

*Isi.* Digo-lhe que he nobilissima. (*Basilio come, e se ri.*)

*D. Fl.* (*Musa Terpsicore!.. Alumna!.. Certamente isto he titulo de nobreza.*)

*Isi.* (*Com voz baixa a Basilio.*) Calai-vos por caridade.)

*D. Fl.* Diga, Senhor Basilio, he verdade o que diz Isidoro?.. Respondei..

*Basf.* Ouça V. m. Eu sou sincero, e por isso he preciso que eu diga a verdade..

*Isi.* (*Interrompendo-o.*) Minha Mãi, que diminuto almoço he este, que manda pôr ao Senhor Basilio! Porque não determina se lhe apromptem huns ovos frescos? Porque lhe não manda apresentar hum pouco daquelle presunto fiambre? logo, logo. (*Vai á porta.*) Balestra.

*Bal.*

*Bal.* Senhor.

*Isi.* Traze no mesmo instante ovos frescos, e hum prato de presunto ao Senhor Basilio.

*Baf.* Não te esqueça o pão mole.

*Bal.* Será fervido. (*fomigeradissimo* Senhor!)  
(*Com ironia, e parte.*)

*D. Fl.* Dizei-me: Estais vós informado...

*Baf.* (*Comendo sempre.*) Estou informadissimo. A Menina he huma belleza.

*D. Fl.* Mas isto que diz Isidoro, sabeis se he certo?...

*Baf.* Sim, Senhora, he riquissima.

*D. Fl.* Não vos pergunto isso: quero saber se na realidade he...

*Baf.* He moça, sim Senhora, os trinta annos não os póde ainda ter completos. Ehi, Balestra!... (*Levanta-se, e vai ao pé da porta.*) Aviate: os ovos, o presunto...

*D. Fl.* Ouvi-me, vinde cá: tirai-me desta dúvida: dizei-me se na verdade he esta Senhora...

*Baf.* He certissimo: esta Senhora ha pouco tempo que chegou de Alemanha; he moça, he rica, he bella; tem huma Tia, hum Irmão, dous criados, hum lacaio, hum cosinheiro, huma criada de camara, dous papagaios, hum macaco... Balestra (*Como affirma.*) O' Balestra... os ovos frescos, o presunto... Nem se quer me responde!... Irei eu mesmo á cosinha. (*Parte.*)

## S C E N A IX.

*D. FLORA, e ISIDORO.*

*D. Fl.* **E** Hi, Senhor Basilio, venha cá... (*Não fei que pense!... Elle foi-se, e me deixou nesta penosa incerteza...*) Isidoro!... Ou-  
ves?

ves? falla-me com verdade, que não seja esta vossa amante alguma aventureira.

*Isi.* Oh que dizeis, minha Mãi? Se tal fosse, não seria aqui visitada da mais conspicua Nobreza.

*D. Fl.* E vós de que modo vos introduzistes em sua casa?

*Isi.* Dir-lhe-hei sinceramente a verdade. Frequentando eu a loja do café do Grego, que está de frente da sua casa, vi-a muitas vezes á janella: observei-a com attenção: pareceo-me que não erão indifferentes as suas vistas: saudei-a; correspondeo-me: sorri-me; e ella docemente se fez vermelha: depois com destreza, e cautela lhe mostrei huma carta: parecia-me que a este ponto se confundiria; porém gentilmente mandou logo hum criado seu a recebella: concedeo-me finalmente com consentimento de sua Tia o fazer-lhe huma visita. Declarámo-nos amantes: protestámos huma reciproca fé, e agora vivemos ambos na esperança de poder-nos unir com os laços do matrimonio.

*D. Fl.* Bravo! Agrada-me esta tua franca declaração. Indigno! sem dizer-me cousa alguma te empenhaste, prometteste, contrataste hum casamento...

*Isi.* Ah minha querida Mãi, não se encolerize; crea-me que antes mereço compaixão. Ah se huma só vez pudesse ver de perto a minha amada, ou se se dignasse fallar-lhe...

*D. Fl.* Fallar-lhe! Como? de que maneira? A mim não me convem visitalla a fim de tratar de hum Matrimonio.

*Isi.* Certamente lhe não convem; porém sei de certo, que sabendo a minha bella que V. m. não desprezaria a sua visita, promptamente havia de vir tributar-lhe os devidos obsequios.

*D.*

*D. Fl.* Bem está ; podes asseguraralla , de que eu sou incapaz de lhe fazer a menor defatenação.

*Isi.* Visto isso , para melhor tratar este negocio , ( se ella for contente ) farei que da parte de V. m. seja convidada pelo Senhor Basilio , para que hoje depois de jantar venha elle a nossa casa. A occasião he opportuna , pois me disse Balcetra , que meu Pai deixou dito não tornaria a casa senão á noite.

*D. Fl.* Não fei que diga !.. O negocio he algum tanto difficuloso... Isto não obstante , quero comprazer-te. Venha pois , que logo que eu a tiver examinada , resolverei do teu destino.

*Isi.* Ah minha querida Mãi ! (*Beijando-lhe a mão.*)  
Oh que contentamento !

*D. Fl.* (O gosto o faz enlouquecer.)

*Isi.* Ouça , minha Mãi : eu vou já com o Senhor Basilio a sua casa para avifalla de tudo o que entre nós se tem concertado. Talvez me convidem para jantar , por isso lhe peço licença..

*D. Fl.* Sim , sim ; eu ta concedo ; mas com condição de que ás quatro horas , ou só , ou em sua companhia , has de vir para casa para nos deliberarmos sobre este empenho.

*Isi.* Sim , Senhora , promptamente vos obedecerei ; e para estar mais attento , nem ir tambem atrás da agradavel conversação , peço-lhe o favor do seu relógio , a fim de que possa estar mais vigilante...

*D. Fl.* Entendo. O meu relógio está pendurado á cabeceira da cama : péga nelle : veste aquella casaca , apressa-te , e vai-te em nome do Ceo.

*Isi.* Oh ! abençoada seja minha querida Mãi !.. quanto... ah quanto lhe sou obrigado !.. Vou já sem perda de tempo. (*Péga no vestido , e vai-se.*)

## SCENA X.

*D. FLORA*, depois *BALESTRA*, e dahi  
*CANDIDO*.

*D. Fl.* **B**alestra. (*Chamando para a parte da porta.*)

*Bal.* Vou já, Senhora. (*Dentro.*)

*D. Fl.* Pobre filho! Não pôde exprimir com a falla o seu interno prazer! Oh se este Matrimonio se pudesse effectuar segundo as medidas do meu desejo, como ficaria confuso o Senhor Aniceto com o seu modo de pensar!..

*Bal.* Aqui estou, Senhora, que me quer?

*D. Fl.* Dize-me, querido Balestra, de que modo poderemos ter hum refresco de sorvete, e doces para logo depois de jantar?

*Bal.* De que modo? Facilmente. Dê-me dinheiro, e deixe o mais ao meu cuidado.

*D. Fl.* Ahi he que está a difficuldade; porque dinheiro não o tenho, e eu tenho grande empenho de dar hoje este refresco... Não poderias tu de algum modo procurar...?

*Can.* (*Dentro.*) Posso entrar, minha Mãi?

*D. Fl.* Entrai... Que quereis? (*Com semblante fe-  
vero.*)

*Can.* Quería saber se meu Pai ainda está no seu quarto vestindo-se, ou...

*D. Fl.* Boa pergunta! A esta hora julgas que esteja ainda na cama, como vós estivestes até agora?

*Can.* Perdoe-me, minha Mãi: ha mais de tres horas que eu ando fóra de casa.

*D. Fl.* Como! Não vos levantastes agora da cama?

*Can.*

*Can.* Não, Senhora, venho a casa para informar meu Pai de que o meu Cliente me pagou o dinheiro que me devia.

*D. Fl.* E quanto vos deo?

*Can.* Huma dobra.

*D. Fl.* Grande somma tendes ganhado! (*Por modo de desprezo.*) Onde está? Dai-mo cá.

*Can.* Ei-la aqui. (*Dá-lha.*) Mas eu queria pedir licença a meu Pai para comprar com este dinheiro hum chapeo, hum par de çapatos, hum pouco de tabaco, e...

*D. Fl.* Tabaco! que tabaco? (*Com seyeridade.*) Ainda mais este vicio tendes adquirido? Andai, andai, dar-se-vos-ha o que vos for preciso.

*Can.* Obedeço (prevejo bem que a minha dobra se tornará em fumo como espirito de vinho.) (*Parte*)

## S C E N A XI.

### *D. FLORA, e BALESTRA.*

*D. Fl.* **G** Raças a Deos! já estou a ponto de poder fazer o que desejo. Toma, Balestra, vai com esta dobra, e ordena quanto julgares a proposito para o refresco, e volta logo.

*Bal.* Não tenha dúvida: eu farei com que V. m. fique satisfeita. (*Parte.*)

*D. Fl.* Agora he necessario que eu vá preparar-me ao toucador. Eu bem considero que esta visita traz consigo mil consequencias; porém não desespere vencer com a minha viveza todo, e qualquer empenho que possa surgir. O desejo de fazer a meu filho feliz, me não dá hum só instante de descanço: sou Mãi, e Mãi amorosa; não sou daquellas, que entregão ao acaso a fortuna dos proprios filhos. (*Parte.*)

## SCENA XII.

Camara em casa de Hermenegildo.

ANICETO, e HERMENEGILDO.

*Her.* **A** Migo, eu me compadeço do vosso estado. Bastantemente conheço o genio activo de vossa Mulher, e vejo que por via da vossa froxidão, e fraqueza tem chegado a senhorear-se do vosso coração.

*Ani.* Mas que froxidão, que fraqueza he essa minha? Eu julgo, e sostenho ter-me sempre comportado como homem sabio, e prudente.

*Her.* Para ser sabio não basta o persuadir-se que o he. Sabio he aquelle, que nao presume de si proprio. Fallar bem he facil, obrar bem he difficil. São as boas palavras a sombra das acções; mas as boas acções são a substancia da vida. Para obrar bem, he preciso que cada hum tenha sempre presente que o mundo observa todos os seus passos.

*Ani.* Mas... Oh Deos!.. não me falleis por enigmas como Pythagoras. Explicai-me claramente o que entendeis.

*Her.* De boa vontade. O amor conjugal he preciso, e necessario que sempre esteja em equilibrio com a razão: se aquelle excede, esta infallivelmente vacilla. Deve a Mulher ser amada, e respeitada; mas estes dous affectos devem ser de tal sorte cultivados pelo Marido com tanta cautela, e prudencia, que não venha depois a ser cativo da vontade da Consorte.

*Ani.* Ah caro Amigo! quanto vos devo! Agora conheço o meu engano! A dizer a verdade, vós  
me

me tirais hum véo dos olhos, que me descobre huma confusão de objectos, que me perturbão a fantazia.

*Her.* Não vos defanimeis; moderai essa vossa repentina imaginação. Enchei-vos de valor; e com prudencia determinai-vos promptamente a refarcir quanto na vossa casa ameaça ruina.

*Ani.* Sim, a isso estou disposto. Sabei tambem que eu vim ter convosco expressamente, para dizer-vos, que tenho pensado em dar mulher a meu filho...

*Her.* A qual filho?

*Ani.* A Ifidoro.

*Her.* A Ifidoro! (Oh bello!) E na verdade he vosso esse pensamento?

*Ani.* Totalmente não he meu, mas sim da Senhora D. Flora, a qual diz, que com dar-lhe mulher se deve tentar o aquietar a vadia cabeça daquelle rapaz.

*Her.* (O mal deste pobre homem não tem cura.)

*Ani.* E a dizer-vos a verdade, eu não temeria conségui-lo, se pudeessem obter o dar-lhe por Esposa a Senhora D. Isabel vossa filha.

*Her.* A minha filha Isabel?... Oh, oh, Amigo, perdoai-me, o vosso desejo he muito indiscreto. Vós confessais, que o vosso filho he hum vadio, e pertendeis que eu sacrifique a minha filha ao seu genio desordenado?

*Ani.* (Já eu esperava esta resposta.)

*Her.* Procurai que Ifidoro se emende; que dê provas de huma vida ordenada; que se applique a huma occupação honrada, que eu nenhuma difficuldade terei depois de o propôr a minha filha.

*Ani.* Ouvi, fazei-me ao menos este favor. Para obrigar Ifidoro a corrigir-se, proponhamos-lhe



este matrimonio, que obrando assim, contentamos tambem a Senhora D. Flora.

*Her.* (Ah! pobre homem! A mulher lhe tem aturdido a fantazia.)

*Ani.* Então que me respondeis?

*Her.* Que estou prompto a servir-vos.

*Ani.* Oh amigo de coração! Quanto vos devo!  
(*Abraça-o.*) Já que tanto vos interessais por meu respeito, peço-vos me façais o favor de ir hoje depois de jantar com vossa filha D. Isabel fazer huma visita á Senhora D. Flora.

*Her.* Sim, sim, bem vos entendo: farei o que quizerdes: affás tenho penetrado todo o fundo do vosso coração.) Julgo que em todo o mundo não possa haver hum marido mais sujeito a sua mulher do que este.)

### S C E N A XIII.

*ISABEL, e os ditos.*

*Isa.* **M**Eu Pai, aqui fóra está huma pessoa, que deseja fallar-vos.

*Her.* Eu vou: tu fica aqui fazendo companhia ao Senhor Aniceto... (*Vai-se, e depois torna.*)  
Mas antes que me esqueça, aviso-te que te prepares, porque havemos de ir hoje depois de jantar fazer huma visita á Senhora D. Flora.  
**Com sua licença.** (*Parte.*)

## ISABEL, e ANICETO.

*Ani.* **D**izei-me, Senhora D. Isabel, tendes acaso desprazer de vir a minha casa?

*Isa.* Antes summo gosto.

*Ani.* Minha Mulher faz de vós huma particular estimação.

*Isa.* Na verdade o meu pouco merecimento mo faz duvidar.

*Ani.* Dizei-me: Se se vos offerecesse occasião de casar-vos, defagradar-vos-hia?

*Isa.* Muito na verdade me custaria deixar a companhia de meu Pai. Pobre velho, que seria del-  
le sem minha assistencia!

*Ani.* Visto isto tendes detemido não tomar estado?

*Isa.* Até agora não se tem excitado no meu coração tal desejo, nem me parece cousa prudente decidir eu, sem considerar as consequencias; mas tambem asseguro-vos, que se for vontade do Ceo que eu me case, não me entregarei a outro esposo, senão áquelle, que for contente de que eu divida o meu coração entre o seu, e o de meu Pai.

*Ani.* Estas maximas tão sabias são de admirar em huma Senhora da vossa idade.

*Isa.* Mas que cousa achastes vós de singular? Logo que huma mulher, a pezar d'huma vulgar paixão, se submete á razão, gritão todos: Milagre! Prodigio! como se a natureza nos tivesse negado huma alma intellectual.

*Ani.* Mas os exemplos...

*Isa.* Isso mesmo: os exemplos que tive dos meus Pais, me avivão a todo o instante a obrigação de huma amorosa filha.

*Ani.*

*Ani.* (Ah! não ha que dizer. Não he a má inclinação dos filhos quem os conduz á perdição, he o ensino, o exemplo dos Pais. Ai de mim!)

*Isa.* Senhor Aniceto, dê-me licença: as minhas occupações domesticas não permitem que eu me demore mais tempo comvosco.

*Ani.* Attendei: tambem eu sou obrigado a deixar-vos por causa de hum negocio de consequencia. Sou vosso servo. (*Vai-se.*)

*Isa.* E eu criada vossa, Senhor Aniceto. (*Vai-se para outra parte.*)

## SCENA XV.

Praça: de hum lado casa de ROSINA cõm janella facada, e porta praticavel; de outro lado loja de café com janella facada por firma, da mesma sorte praticavel.

*ISIDORO, e BASILIO, e depois BALESTRA.*

*Isi.* Não duvideis, Amigo: a assistencia que de vós requeiro, não pôde motivar-vos perjuiço algum.

*Basf.* Vós fallais como hum Cicero: as vossas palavras são cheias de doçura; mas com tudo isso eu antevejo, que por comprazer-vos me exponho a dous perigos, hum mais fatal que outro.

*Isi.* E quaes são esses dous perigos?

*Basf.* Quaes são? O primeiro he ter já confirmado a vossa Mãi tudo quanto lhe déstes a entender; porque vindo-se a descobrir, que a vossa amante não he huma Dama, mas sim huma Alumna da Musa Terpsicore, que he o mesmo que huma vil Baillerina, contra mim vibrará to-

das as suas iras; e o que será peor, talvez me despeça da sua casa. O segundo he o livrar-vos dos insultos do Capitão Roccaforte vosso rival, pelo que, vejo a minha vida em muito perigo, logo que elle se achar desprezado da sua Bella.

*Isi.* Bacatellas. Casado que eu seja com a minha amada Rosina, pela fortuna que a minha casa ha de experimentar com este Matrimonio, em vez de arguir-vos, vos agradecerá minha Mãi o terdes-lhe negado, e encuberto a sua qualidade. Em quanto pois ao Capitão Roccaforte, fabei que este affecta valentia; mas se encontra algum, que saiba responder-lhe ao pé da letra, confessa-se pelo homem mais vil, e fraco, que tem o mundo.

*Baf.* De véias?

*Isi.* Affirmo-o, porque já o experimentei.

*Baf.* Finalmente eu penso que sou bom amigo da vossa casa; e penso tambem que vossa Mãi he aquella, (como vós me dizeis) que me pede va eu convidar a Senhora D. Rosina; não he assim?

*Isi.* Sim: vós ides por seu mando particular, e por sua determinação.

*Baf.* Se acaso pois o Senhor Capitão Roccaforte tivesse o atrevimento de impedir estes desposorios; agora, que estou todo empenhado em proteger-vos, vos asseguro, que comigo se havia de haver; sim, havia de lhe pôr os pés onde tem a cabeça. (*Affectando valentia.*) Havia de partillo a pedaços; havia de carregallo de paul...

*Isi.* Oh! Eis-aqui que vem...

*Baf.* Vem!.. (*Temoroso olha para huma, e outra parte.*) Onde está elle? Não o vejo!..

*Isi.* (*Rindo.*) Vinde cá, não fujais. He Balestra que vem; e vem em occasião opportuna.

*Baf.*

*Baf.* Fugir eu!.. Julgais que tenho medo?

*Isi.* Oh! Parece-vos que eu fôrmo de vós opinião tão sinistra?

*Baf.* Entremos na loja para tomarmos huma chicara de chocolate, já que não pude bebello em vossa casa.

*Isi.* Mas não tomastes chá? não comestes presunto?..

*Baf.* Sim, comi presunto, e ovos frescos; não obstante, eu não posso passar sem que todas as manhans não tome chocolate.

*Isi.* Esperai hum instante. (Este homem quer ter sempre os queixos em movimento á custa de outrem, e eu não tenho nem real.) Balestra, aonde vais?

*Bal.* Vou fazer huma despeza por ordem da Senhora sua Mãi.

*Isi.* Mas com que dinheiro?

*Bal.* Com esta bella dobra. (*Mostrando-lha.*)

*Isi.* Todo aquelle dinheiro he huma dobra? Deixai-mo contar.

*Bal.* Conte-o muito embora: ei-lo-aqui, achará que são vinte e seis libras.

*Isi.* Cinco, dez, quinze, vinte e seis, são vinte e seis: dissestes a verdade. (*Mette o dinheiro na algibeira.*)

*Bal.* Então! Que historia he esta? Restitua-me...

*Isi.* O que?

*Bal.* A dobra, que eu não posso perder tempo.

*Isi.* Parece-me que será difficiloso. He necessario que de novo torne a tentar a minha sorte: talvez que com esta dobra recupere o dinheiro, que perdi a noite passada.

*Bal.* (Não ha homem mais libertino!)

*Baf.* Perdestes muito dinheiro?

*Isi.* Tudo quanto tinha.

*Baf.* De forte que por isso ficastes á divina?

*Isi.* Assim he.

*Baf.* (Com que má companhia me acho!)

*Bal.* Então ... Senhor Isidoro! Falla serio, ou brinca?

*Isi.* Não me repliques.

*Baf.* Parece-te bem, que hum moço brilhante, taful, como o Senhor Isidoro, deva estar sem dinheiro?

*Isi.* Sem dinheiro na algibeira, parece-me estar sem sangue nas veias.

*Bal.* (Que encontro fatal foi o meu com estes dous Demonios!)

*Isi.* Vai-te embora.

*Bal.* Porém he necessario que saiba, que aquella dobra deve servir para prover hum refresco, que sua Mãi quer hoje dar depois de jantar á Senhora D. Rosina.

*Isi.* Fallas verdade?

*Bal.* Não lhe minto.

*Baf.* Se he assim, não queirais impedir esta ceremonial demonstração, que a Senhora D. Flora quer fazer á vossa Bella. (Deste refresco hei de eu ter huma boa parte.)

*Isi.* Bem está: faze isto: empenha este relógio de ouro por tres, ou quatro dobras: paga o refresco, e o resto entrega-mo com cautela, ainda que eu esteja jogando.

*Baf.* Bravissimo! Achaste hum opportuno remedio. (O tal relógio sem dúvida he hum presente que lhe fez a Baillerina, e ganhado á força de cabriolas, e pantominas.)

*Bal.* Mas!.. Este parece-me que he o relógio da Senhora minha Ama.

*Baf.* (Que asno!) Não ouves o movimento? Não sentes que está dançando hum *Pa-de-du*?

*Isi.*

*Isi.* Não te faças tão Doutor : executa o que te ordeno , senão queres que te faça ir á força de pontapés.

*Bal.* (Oh que diabolica cabeça!) (*Parte.*)

*Baf.* Entremos na loja.

*Isi.* Sim ; eu vos figo. Estas moedaszinhas de prata são a proposito para fazer de *paroli*. (*Enca-minha-se para a loja do café.*)

## S C E N A XVI.

*Cecca á janella , pendurando as gaiolas dos Papagaios. Os ditos na estrada.*

*Isi.* **O**H!... esperai , esperai... Abre-se a janella ; final he de que a minha Bella se levantou já da cama.

*Baf.* O Ceo lhe conceda felices dias. Vamos tomar o chocolate.

*Isi.* Observai , Senhor Basilio. (*Olhando para a janella.*)

*Baf.* O que ?

*Isi.* Os Papagaios da minha Rosina como são galantes!

*Baf.* Tambem estás namorado dos Papagaios? Entrai , vamos tomar o chocolate.

*Isi.* Que pressa tendes ?

*Baf.* O meu estomago não me permite demora ; se eu aqui estou mais tempo , dar-me-ha algum desmaio.

*Isi.* Vedes ? Cecca me faz final.

*Baf.* Oh ! que o faça á sua vontade : eu não posso esperar mais. Eu vou mandar que preparem duas chicaras de chocolate ; e se não vierdes a tempo , beberei tambem a vossa , e vos pagarei. (*Entra na loja.*)

*Isi.* Cecca , bons dias,

*Cec.*

- Cec.* Os mesmos, Senhor Ifidoro.
- Isi.* Tua Ama levantou-se já da cama?
- Cec.* Sim, Senhor: ha mais de huma hora.
- Isi.* Mas que faz, que não vem á janella?
- Cec.* Está acabando de preparar-se ao tocador.
- Isi.* Faze-me o favor de avifalla, e dizer-lhe que estou eu aqui com hum amigo, que da parte de minha Mãi lhe queremos dizer huma cousa de grande importancia.
- Cec.* De boa vontade; mas he preciso, para lhe dar este recado, que busque tempo, em que me não ouça aquella velha indigesta de sua Tia, porque sabeis muito bem que ella não pôde soffrer-vos.
- Isi.* Sim, minha Cecca, eu o sei; mas tu procura favorecer-me, que eu depois to saberei agradecer.
- Cec.* Vivei seguro na minha boa vontade. Mas... vejo que lá vem o Capitão Roccaforte vosso Rival.
- Isi.* Maldito! Ei-lo ahi!.. Ehi, Cecca, oves? dize a tua Ama, que eu me demoro aqui na loja do café, esperando hum final seu para lhe poder fallar. (*Entra.*)

## S C E N A XVII.

*O Capitão ROCCAFORTE vem conversando com PASQUINO: CECCA á janella.*

- Cec.* **A**S visitas que este Senhor Capitão faz a minha Ama, sempre me rendem alguma cousa... Ei-lo ahi. Coutado, he curto de vista. Aposto que se olha para esta janella, não chega a reconhecer-me. Com o pretexto de me divertir com os Papagaios, quero ver se aqui chega.
- Cap.*



*Cap.* Afno ! Animal !.. Quando ha de fer o dia, em que tu faças huma cousa perfeita ?

*Paf.* Mas, Senhor Capitão gentilissimo, bem sabe que eu não tenho a sciencia de Hercules para ter de memoria tantos encarregos que me dá cada hum de sua casta.

*Cap.* Forte tolo es ! Ora ouve. Torna á loja do meu Mercador, e dize-lhe, que por aquella peça de Hollanda que me mostrou ao preço de quatorze libras, eu lhe offereço meia dobra pela vara, que se quizer dar-ma por este preço, te entregue trinta varas, e podes trazer-mas aqui á loja do café, onde eu costume entreter-me: entendeste ?

*Baf.* Entendeste. Ora veja se eu lhe faço hum extracto repertorio da sua inconveniencia.

*Cap.* (Vês quantos despropositos !)

*Baf.* Direi ao Mercador, que Vossa Senhoria quer quatorze libras daquellas varas de Hollanda, e que...

*Cap.* O diabo que te affogue, bruto infernal...

*Cec.* Papagaio real, Papagaio real. (*Fingindo divertir-se.*)

*Baf.* Mas se vossa...

*Cap.* Vai-te ao diabo. (*A ouvir a voz da janella, impurra Pasquino: concerta-se; e depois observando ao alto com o oculo, se avizinha, &c. Posso ter a honra...*)

*Paf.* (Então posso dizer-lhe...)

*Cap.* (Vai-te, ou te quebro a cabeça.)

*Paf.* (Não se incommode. Vê que homem tão bruto!) (*Vai-se.*)

*Cap.* Posso ter a honra de dar os bons dias á minha bellissima Senhora D. Rosina ?

*Cec.* (Ainda me não conheceo.) Serva sua.

*Cap.* Como passou a noite ?

*Cec.*

*Cec.* Abrazando de calor.

*Cap.* Ou talvez de amor: não he assim?

*Cec.* Póde ser que assim fosse.

*Cap.* Ah! se pudesse imaginar-me de ser eu o objecto desses amorosos incendios, oh quanto, quanto feria...

## S C E N A XVIII.

*ROSINA* chama de dentro. *Algum tempo depois ISIDORO, e BASILIO* apparecem á janella do café.

*Ros.* (De dentro.) **C** Ecça.

*Cec.* - - - **C** (Ai que me chama minha Alma.) (Dá por si.)

*Ros.* Cecca. (Como affirma.)

*Cec.* Senhora (Em acto de retirar-se.)

*Ros.* (Apparece.) O que fazes aqui á janella?

*Cec.* Cecca lhe falla em voz baixa, indicando-lhe, que na rua está o Capitão Roccaforte, e na loja do café. Isidoro, o qual depois apparece.

*Cap.* Esta me parece ser a voz da minha bella. (Observando attentamente com o oculo.) He ella iem dúvida!.. Mas eu com quem tenho fallado até agora?

*Ros.* (Este seccante não cessa de importunar-me.)

*Cap.* Bem levantada, minha Senhora.

*Ros.* (Quero fingir que o não vejo.)

*Cap.* Senhora D. Rosina?.. Ehi... Senhora D. Rosina?... Mas que!.. Não se digna fallar-me esta manhã?... Senhora D. Rosina...

*Ros.* (Maldito!) Oh! fois vós, Senhor Capitão? Perdoai que vos não tinha visto. (Em este tempo Isidoro apparece á janella da loja do café.)

*Cap.* Estimo tenha dias felices.

*Ros.*

- Ros.* Os mesmos vos desejo, como ferva vossa.
- Cap.* Dai-me licença que suba affima?
- Ros.* Não me he permitido, pois a minha Tia ainda está recolhida.
- Cap.* He muito preguiçosa essa Senhora sua Tia.
- Ros.* E sempre o foi.
- Cap.* Mal pôde, Senhora, figurar qual seja o meu contentamento em ver-me correspondido de V. m. com tanta graça.
- Ros.* (*Tudo o que diz em resposta ao Capitão, com cautela dirige a Isidoro, o qual dá final do seu gosto.*) Podeis estar seguro, que se me detenho á janella, he só para effeito de ter o prazer de vos ver.
- Cap.* Oh minha rica Senhora D. Rosina! Estas palavras me augmentão o jubilo, o prazer, e alegria...

S C E N A XIX.

*PASQUINO, e os ditos.*

- Pas.* **E** Is-aqui trago a resposta...
- Cap.* (*Aparta-te daqui louco.*) (*Retirando-o.*) A vossa graça me desfaz o coração; porém queria saber...
- Pas.* Saiba pois, que sem dinheiro...
- Cap.* (*Calate, maroto.*) (*Como affima.*) Se de vós sou correspondido...
- Pas.* Respondido foi pelo Mercador, que sem dinheiro não vos quer dar...
- Cap.* (*Oh mudo sejam tu. Vai-te com a fortuna.*)
- Ros.* Não vos enfadeis, meu querido: bem conheço que este tolo com os seus seccantes, e fastidiosos discursos vos priva do gosto de me parentear assim distante parte do que me quererieis di-

dizer mais perto ; mas eu farei com que a minha Tia vos conceda licença para subirdes, e por isso fereis advertido pela minha criada. Com vossa licença. (*Retira-se. Isidoro, e Basilio faz o mesmo ; porém pouco depois apparecem á porta da loja, esperando o aviso de Cecca.*)

*Cap.* Vês, vês, pedaço d'afno? Qual foi o bruto, que te ensinou a interromper o discurso de hum Amante, dando-lhe huma tão vergonhosa resposta?

*Paf.* Mas, Vossa Senhoria não me mandou a Hollanda para comprar trinta varas do meu Mercador? ..

*Cap.* Mandei-te ao Diabo, que te retalhe essa lingua.

*Paf.* Em fim, diz o Mercador que sem *cum quibus* não vos quer dar a Hollanda.

*Cap.* E tu a huma tal insolencia, que resposta déstes?

*Paf.* Respondi-lhe do mesmo modo em latim.

*Cap.* Como?

*Paf.* Tresomole Servitor. (*Retira-se pela esquerda.*)

## S C E N A XX.

*CECCA* na janella, que faz sinal a *ISIDORO* para subir ; depois *retira-se*. Os ditos nos seus lugares.

*Cap.* **O**H que cumulo de bestialidade !  
(*Isidoro, e Basilio sabem da loja do café, e furtivamente procurão introduzir-se em casa de Rosina, de sorte que o Capitão os não veja.*)

*Jfi.* (Agora he occasião, Senhor Basilio : vamos chegando.)

*Paf.* (Não, não, que elle nos está vendo.)

*Cap.* Mas! .. quem são aquelles, que observão a  
ja-

janella da casa da minha Rosina?.. Que vejo?..  
a pouco a pouco se avizinhão á porta!..

*Baf.* (Ai, ai!.. Já elle está em suspeitas.) (*Torna a observar o Capitão.*) Já nos olha attentamente com o seu oculo. (*A Isidoro.*)

*Isi.* (Maldito!.. Continuemos a passear pela Praça. (*Basilio, no tempo que passeia, olha fortivamente para o Capitão.*))

*Cap.* (Ah, ah! Já conheço quem he hum daqueles sujeitos. (*Continúa a observar Isidoro com o oculo.*)) Ainda se atreve a passear á roda daquelle casa!.. Pasquino... Ehi, Pasquino... Onde estará elle sepultado? (*Passa pela esquerda chamando Pasquino; entretanto Isidoro, e Basilio vão pela direita buscar a porta da casa de Rosina.*)

*Isi.* (Vamos, vamos agora.)

*Baf.* (Temo algum contratempo.)

*Cap.* O lá, ó lá, meus Senhores, aonde he que vão?  
(*Vindo-se oppôr a Isidoro.*)

*Isi.* (Aqui he necessario valor.) (*Baixo a Basilio.*)

*Baf.* (Não temas: fallai-lhe com superioridade, que eu vos defenderei.)

*Cap.* Que he o que pertendeis daquella casa?

*Isi.* Pertendo aquillo, que vós me não podeis impedir.

*Cap.* Como?.. Affim se me responde?

*Isi.* Sim, Senhor, e tambem de outra forte, se vos atreverdes a insultar-me. (*Entra de repente, e o impulso faz fechar a porta.*)

*Baf.* E não temos medo algum de vós. (*Vai para entrar, e acha a porta fechada.*)

*Cap.* Ah temerario, atrevido!.. Pasquino?

*Baf.* (Oh diabo, que se fechou a porta.) (*Bate de rijo.*) Abri a porta.

*Cap.* Pasquino, onde estás? Chega-te, temerario... (*Pondo-se em acto de desafio, mas de longe.*)

*Baf.*

*Baf.* Não julgueis que me metteis medo com a vossa postura de espadachim : tambem eu sei brandir huma espada... (Uh, maldita!.. Não quer sahir da bainha!.. (No tempo que se esforça para desembainhar a espada, avizinha-se á porta, e bate como assima.) Cecca, abri a porta de pressa, senão matarei este atrevido.

*Cap.* Vinde, vinde; chegai-vos.

*Baf.* (Oh diabo!..) Esperai que eu desembainhe a espada... (Fazendo esforço como assima.)

*Cap.* Aviai, ou vos mato...

*Baf.* Aqui estou... aqui me tendes... ah, ah...

*Cap.* Ah, ah. (Cada hum de longe: em este tempo sabe Pasquino, e mostra sinaes de temor.)

*Baf.* Retira-te. (A Pasquino, que está por detrás do Capitão.) deixe-me a honra de matallo.

*Cap.* Que!.. com traição!.. (Temendo ser sorprendido.) Ah! es tu? (A Pasquino.) Guarda-me as costas. (Continuão a se bater, mas de longe.)

## S C E N A XXI.

*CECCA á janella, e os ditos como assima.*

*Cec.* **O** Lá, que he o que fazeis? Estais loucos?

*Baf.* Abri a porta, minha rica.

*Cec.* Porque, está fechada?

*Baf.* E se estivesse aberta, julgas tu que eu estarei aqui para matar este temerario?

*Cec.* Então, entrai. (Faz que pucha a corda para levantar o fecho.)

*Baf.* (A entrada da porta.) A minha prudencia me obriga a retirar: em outra occasião nos veremos. (Entra, e fecha a porta.)

*Paf.* Os inimigos fugirão, e nós estamos senho-

res do campo de batalha: com que a vitória he nossa.

*Cap.* (Oh raiva, que me devora o coração!) Minha Cecca, não te retires, ouve-me...

*Cec.* Que quereis de mim?

*Cap.* Quero... (Ah que ciume he este que sinto dentro no peito!..)

*Cec.* Dizei de pressa, que eu não posso deter-me.

*Cap.* Faze-me o favor de abrir a porta, que depois eu saberei recompensar-te...

*Cec.* Abrir-vos esta porta, não devo: o que posso fazer he dar-vos occasião para entrar pela porta do jardim. Criada vossa.

*Cap.* Isso me basta. O furor sinto que me transporta a commetter algum excesso... Pasquino...

*Paf.* Senhor.

*Cap.* Segue-me.

*Paf.* Dizei-me: Hei de vos guardar as costas?

*Cap.* Has de me guardar o diabo que te leve. (*Vai-se.*)

*Paf.* Queres que eu o entenda por modo de cifra, ou geroglyfico?.. Isso he impossivel. (*Vai-se.*)

## S C E N A XXII.

Camara em casa de ROSINA.

*ISIDORO, BASILIO, depois ROSINA;  
dahi PANDORA.*

*Isi.* **D**O passado acontecimento com o Capitão não fallemos mais. Agora he necessario que façais o que vos digo. Deveis procurar com bom modo, e galanteria de fazer-vos senhor da benevolencia da velha Tia de Rosina...

*Baf.* Isto he fazer-me, por exemplo, seu chichis-beo, mostrar-me seu apaixonado...

*Isi.*

*Isi.* Justamente: e isto a fim de que se não opponha (como costuma) aos nossos reciprocos, e honrados desejos; e se acaso vós chegardes a enamoralla, fareis huma grande fortuna. Pois deveis saber, que ella tem bastante dinheiro...

*Baf.* Isso he assim?

*Isi.* Seguro-vos que he mais rica do que a sobrinha.

*Baf.* Amigo, isto não he para desprezar.

*Rof.* Meu querido Isidoro, aqui me tendes.

*Isi.* Minha amabilissima Rosina!... Oh que contentamento he o meu!...

*Baf.* Senhora D. Rosina, conceda-me a honra de cumprir humildemente com o meu dever.

*Rof.* Serva sua obrigadissima. (Dizei-me: Quem he este sujeito?) (*A Isidoro com voz baixa.*)

*Isi.* (Este he hum intimo Amigo de minha Mãi.) Senhor Basilio, podeis agora executar a ordem de que estais encarregado.

*Baf.* Já vos entendo; e eu comêço. Minha estimadissima Senhora, (*Faz huma profunda reverencia*) eu aqui me apresento a vós, como Embaixador. A Senhora D. Flora, Mãi deste inclyto filho, sabendo que entre vós se alimenta hum honestissimo reciproco affecto, deseja por isso ter o gosto de conhecer-vos: para este effeito vos convida por meio de meus bons officios, para que queirais fazer-lhe huma visita hoje depois de jantar, pela qual (*diz a minha Senhora*) se estabelecerá unanimemente o seu destino. Disse. (*Torna a fazer reverencia como assima.*)

*Rof.* Agradeço a sua Embaixada; porém eu imaginava, que tratando-se de Matrimonio, devia esta Senhora fer a primeira em vir á minha casa para tratar deste negocio.

*Baf.*



*Baf.* O usual cõstume de hoje ensina, que as Esposas devem ser as primeiras em visitar os Pais dos Esposos.

*Rof.* Como isto he cousa, que eu muito estimo, acceito o convite; mas he preciso que V. m. como seu Embaixador, tenha o incommodo de acompanhar-me.

*Baf.* Pois não? De boa vontade. Eu terei summa honra em poder servir de vosso conductor.

*Rof.* Bem está: sem que tenhais o incommodo de aqui tornar, podereis ambos ficar comigo a jantar.

*Isi.* (Já o tinha previsto.) Minha rica, acceitarei o convite; mas minha Mãi...

*Baf.* Quando a vossa senhora Mãi vir passadas as horas do costume, jantará só. Não deveis recusar o cortez convite desta gentil Senhora.

*Sabe Pandora.*

*Pand.* Que se faz aqui? (Com semblante irado.)  
Que congressos são estes, Rosina?

*Baf.* (Principiamos mal!)

*Pand.* Não te tenho dito, que não quero que recibas, nem falles a pessoa alguma, sem minha licença?

*Rof.* O Senhor Isidoro deve ser de vós exceptuado.

*Pand.* Exceptuado! Ao contrario: a este mesmo Senhor Isidoro, que conheço ser hum teu refinado chichisbeo, não quero absolutamente que falles, sem eu estar presente.

*Rof.* Minha Tia, não seja tão fastidiosa.

*Baf.* (A Rosina.) Esta Senhora falla como sabia, e perdoe-me, V. m. deve obedecer-lhe.

*Pand.* E V. m., meu Senhor, quem he? Quem o introduzio nesta casa? Que vem aqui fazer?

*Baf.*

*Baf.* Eu sou hum servo humilissimo feu ; e nenhuma outra causa pertendo , senão admirar de mais perto o voffo espirito , a voffa gravidade , graça , governo , e fabedoria.

*Pand.* Basta , basta : não quero maiores elogios. Vós-outros homens fois muito astutos : com as voffas palavrinhas doces procurais sempre enganar-nos nós coitadas mulheres ; mas eu que vos conheço muito bem , fei livrar-me dos vossos encantos , e por esta razão me confervo ainda no Celibato.

*Baf.* No Celibato ! ( *Com ironia.* )

*Pand.* Sim , Senhor , no Celibato : vós o duvidais por ventura ?

*Baf.* Eu duvidallo ! Não ha tal : acredito-vos ; e para vos segurar de que vos creio , o juro pelo voffo imperturbavel Celibato.

*Pand.* Dai-me huma pitada de tabaco.

*Baf.* Eu vo-la dou já.

*Rof.* ( A minha Tia já lhe passou a cólera. )

*Isi.* ( Aquelle amigo meu he muito sagaz , pôde certamente chamar-se o Iman dos corações. )

*Pand.* He bom ! .. He de França este rapé ?

*Baf.* Sim , minha Senhora , he rapé Parizienci , de França legitimo ; isto he rapé Francez.

*Pand.* Sim , fim : conhece-se bem ; e vós julgo que tambem fois Francez no genio , nos costumes , et cetera.

*Baf.* Brava , Senhora D. Pandora , vós fois muito subtil , e espirituosa : que viva ! que viva ! De certo que me enamoraes.

*Pand.* Ah maganão , bem vos conheço.

*Baf.* Eu vo-lo juro pelo voffo Celibato.

## SCENA XXIII.

O Capitão ROCCAFORTE, e os ditos.

Cap. Com licença, meus Senhores.

Ros. (Que atrevido!)

Cap. Senhora D. Pandora, sou vosso servo.

Pand. Onde aprendestes essa criação, Senhor Capitão? Entrar sem dizer cousa alguma na camera da minha sobrinha, he hum atrevimento insupportavel.

Bal. E diz muito bem.

Cap. Mas assim como eu sabia que a Senhora D. Rosina tinha admittido aquelle galante sujeito, suppuz...

Ros. Que suppuzeste? A vossa petulancia não se pôde soffrer: tende pejo, e vergonha; não vos deis a conhecer de mais a mais por hum homem mal creado, e temerario.

Cap. De vagar, Senhora D. Rosina, veja lá o que diz...

Ros. Digo aquillo que entendo, e o que merece o vosso atrevimento.

Cap. Este insulto, juro ao Ceo, muito me offende...

Bal. Poucas palavras: ide-vos embora, e tende mais respeito a esta casa, aliás...

Cap. Aliás que?..

Bal. Deixareis aqui a pelle: entendeis-me?

Pand. E será o menos que poderá succeder-vos.

Ros. Parti immediatamente desta casa, não tenhais o atrevimento de vir mais a ella; e se o tiverdes, ordenarei aos meus criados que vos deitem para fóra com hum páo. (Vai-se.)

Isi. Este aviso decide toda a vossa pertençaõ. (Vai-se.)

*Pand.* Nunca julguei fosseis tão falto de civilidade.

*Cap.* Mas... ouça minha rica Senhora D. Pandora...

*Pand.* Ide-vos embora. (*Com desprezo.*)

*Cap.* Por favor ouvi-me...

*Pand.* Retirai-vos.

*Cap.* Huma palavra só...

*Pand.* Nem tão pouco o ultimo suspiro : ide-vos embora, ide-vos embora.

*Baf.* Não se agonic, minha querida Senhora D. Pandora, a mim me importa muito a vossa saude. Vamos para outra camara, e deixemo-lo ahi só como hum asno.

*Pand.* Sim, dizeis bem, vamos.

*Baf.* A hum homem presumpçuofo, e indiscreto, como vós fois, se faz assim. (*Vão-se.*)

## S C E N A XXIV.


O Capitão *ROCCAFORTE* só.

(*Depois de estar algum tempo immovel.*)

**A** Mim hum tal iniquo insulto!.. A mim huma tão grave affronta!.. A mim hum tão vergonhoso ultraje!.. Estou fóra de mim!.. Pouco ha que esta Traidora me disse da janella tantas palavras amorosas, e agora tão atrevidamente me despreza!.. E hei de eu passar sem me vingar!.. Não, não será assim... Pelos meus valentões farei assassinar Isidoro, procurarei a ruina desta infiel, e depois com a fuga salvarei a minha vida em outro estado.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO



# ACTO SEGUNDO.

## SCENA PRIMEIRA.

Praça: de hum lado a casa de Rosina, &c.  
como no primeiro Acto.

*ISIDORO, e BASILIO, que sabem da sobre-  
dita casa.*

*Isi.* (A' porta da casa.) **A** Deos, a Deos, Cecca. Da-  
qui a duas horas viremos pa-  
ra conduzir tua Ama a mi-  
nha casa. (Fecha-se a porta.)

*Bas.* Eu te arrengo ! Faz hoje hum calor exces-  
sivo.

*Isi.* He verdade, faz calma ; porém supponho que  
vós o deveis sentir mais por motivo de algum  
copinho de vinho , que bebestes de mais fóra  
do vosso costume.

*Bas.* Amigo , quando he bom , não perco occa-  
sião de me aproveitar.

*Isi.* Que dizeis desta Rapariga ?

*Bas.* Não posso dizer senão bem.

*Isi.* Aquella affabilidade , aquella gentileza não  
attrahe ? Não encanta ? Não obriga as pessoas a  
devella adorar ?

*Bas.* Sim , certamente. He huma Senhora de mui-  
to merecimento.

*Isi.* E da sua riqueza , do seu luxo , que dizeis ?

*Bas.* Oh ! maravilhas. E de quem se pôde rece-  
ber hum jantar mais magnifico , do que o que  
ella deo ?

*Isi.* Dizei-me : Não vos admirou a sua rica baixela ?

*Baf.* Muito. Mas que magníficos pasteis ! Que maravilhoso estufado ! Que gostoso fricassé ! Que saborosos macarrões ! Appeteciveis na verdade. O Cofinheiro não pôde fer melhor.

*Isi.* Não vos fez especie aquelles adereços de diamantes, que nos mostrou ?

*Baf.* E aquelles vinhos ! Oh preciosos ! Borgonha ! Sciampanha ! Malvasia !..

*Isi.* E aquella louça de Saxonia ; aquelles pratos da India....

*Baf.* E aquelles bellos doces finos ; que cidrada ! que bellos alperces ! que bem feitas amendoas ! que queijo ! que frutas ! que licores ! que jaleas....

*Isi.* E aquella agua nevada ?..

*Baf.* Não : desla não bebi eu nem sequer huma gota.

*Isi.* Da Tia, que dizeis ?

*Baf.* He algum tanto estrambotica, mas não enfastia a conversação.

*Isi.* Porém vós á meza não lhe déstes huma só palavra.

*Baf.* A' meza he incivilidade conversar em segredo ; olhar-se amorosamente ; suspirar, como vós fazeis. Abstende-vos deste máo costume ; á meza só se está para comer.

*Isi.* Reparastes com que semblante desdenhoso nos recebeo ?

*Baf.* A má recepção foi a vós, e não a mim.

*Isi.* Sim, porque vós principiastes logo a cortejalla, a louvalla, a dizer-lhe mil doces palavrinhas.

*Baf.* Vós não sabeis ainda o como se vive no mundo. Para cahir em graça a esta qualidade de

de gente , he necessario nas occasiões louvar-lhe hum seu cãozinho fedorento , hum sujo Macaco , hum Papagaio , hum Gato , como raridades nunca vistas no mundo.

*Isi.* Ora o certo he , que vós sois muito astuto. O proverbio bem diz ; que o Diabo he fagaz , porque he velho.

*Baf.* Não , não sou tão velho como o suppondes ; tenho força , e vigor como qualquer moço de trinta annos ; e se succedesse que esta Velha se namorasse de mim , e chegassemos a casar , ainda que nesta idade , não se havia de arrepende.

*Isi.* Sim ; eu o creio : entremos na loja do café.

*Baf.* Sim , sim , entremos. Estou estalando de sede. Mandai vir dous copos de limonada. . . . O lá , Carlino. (*Entra na loja chamando pelo moço do Cafeteiro.*)

*Isi.* Com esta dobra quero tentar a sorte para me embolsar do que perdi a noite passada. (*Entra.*)

## S C E N A II.

O Capitão ROCCAFORTE seguido de PASQUINO , que traz de baixo do braço humma peça de panno.

*Cap.* P Asquino ?

*Paf.* P Senhor.

*Cap.* Bate lá áquella porta , (*assenando para a porta da casa de Rosina*) e ao apparecer de algum dos seus domesticos , lhe entregará esse embrulho , para o presentar da minha parte á Senhora D. Rosina.

*Paf.* (*Pensando.*) Que quererá significar esta palavra Domesticos !

*Cap.*

*Cap.* Então! Que fazes ahí? Avia-te: bate á porta, que eu aqui fico a observar-te.

*Paf.* Vou já. Oh de casa. (*Bate á porta.*)

## S C E N A III.

*CECCA á janella, depois á porta. Os ditos.*

*Cec.* Quem he que bate como hum mal creado?.. Ah, es tu? Julgas que bates á porta de alguma quinta?

*Paf.* Senão he de quinta, será de sexta: eu, se bato, he por ordem de meu Amo, que quer entregar-vos estes seus Domesticos.

*Cap.* (Oh que burro!)

*Cec.* Se eu não soubesse que tu es hum estúpido, diria, que o vinho te faz dizer tantos despropósitos.

*Cap.* Retira-te, maroto. (*Dando-lhe hum empurrão.*)  
Bela Cecca, sou eu, que desejo fallar-te.

*Cec.* Oh Senhor Capitão, sois vós? Esperai, que eu procurarei descer ás escondidas para vos fallar. (*Retira-se.*)

*Cap.* Ora dize-me asno, macho, quando chegará o dia, em que tu faças bem huma cousa que se te mande?..

*Paf.* Vossa Senhoria sempre tem em que me reprehender, não obstante servillo eu com toda a especulação....

*Cap.* Cala-te, maroto,

*Paf.* (Se perco a paciencia, dou meia volta ás gambias, e vou-me abalando com os caximbos.)

*Cec.* (*A' porta.*) Senhor Capitão, que he o que vós quereis de mim?

*Cap.* Quero que me faças o favor, minha Cec-



ca, de dar á tua Ama estas trinta varas de panno fino de Hollanda, que me custarão 600 libras, e dizer-lhe, que não esteja daqui em diante tão contra mim.

*Cec.* Sereis servido: eu acharei o modo, e a maneira, com que ella possa tornar a fazer pazes com vosco; mas... vós bem sabeis que todo o trabalho merece premio.

*Cap.* Sim, bem sei: aqui tens. São tres libras.

*Cec.* Obrigadissimo.

*Cap.* Vê se te dá animo para obter-me agora a licença de poder-lhe fallar para pacificalla.

*Cec.* Esperai hum instante, em quanto eu ponho em casa este pezado embrulho. (*Avizinha-se á porta, larga o dito embrulho, e logo torna.*)

*Cap.* As tres libras de alviçaras espero me abrão caminho para executar o meu projecto.

*Cec.* Perdoai: aqui estou: dizei o que quereis.

*Cap.* Torno a dizer-te, minha rica, por tua via quizera eu dizer duas palavrinhas a tua Ama.

*Cec.* Uh!.. Parece-me que será difficultoso.

*Cap.* E porque?

*Cec.* Porque agora se está preparando para sahir.

*Cap.* Bem; quando estiver vestida, tu lhe dirás, que eu aqui estou esperando na loja do café, para, em sahindo, ter a honra de ser seu braçeiro.

*Cec.* Tambem julgo não poderá ser.

*Cap.* E porque?

*Cec.* Porque... Eu bem sei o porque... Em fim, quero-vos dizer em segredo; mas não sejas ao depois indiscreto, que digais a minha Ama, que eu vos participei este ajuste.

*Cap.* Não tenhas receio, dize, dize minha Cequinha.

*Cec.* (*Com circumspecção.*) O Cavalheiro servente, ou

ou para melhor dizer, o seu verdadeiro Amante, que ha de acompanhalla, he Ifidoro.

*Cap.* Ifidoro!

*Cec.* Ai de mim.... Parece-me que me chama a Tia da minha Ama : com sua licença. (*Em acto de partir.*)

*Cap.* Espera, ouve. E será verdade que esta louca esteja namorada daquelle peralvilho?

*Cec.* Seguro-vos , que está namorada d'elle como huma cadella. Ah se soubesses... Chora-me o coração quando vejo , e ouço , que de vós , que lhe fois tão fiel , que a amais tanto , que tão generosamente a regalais , esteja mofando , e escarnecendo ; e muito mais ainda , que para desvanecer os ciumes ao seu amado Ifidoro , lhe diz , que vós fois o homem mais brutal , o mais feio , e o mais disforme , que tem conhecido nos seus dias... Em fim , não vos quero dizer o mais , que vós poderia causar maior desgosto ; pois não está bem a huma criada honrada como eu sou , o murmurar de sua Ama , Sou vossa serva. (*Entra , e fecha a porta.*)

#### S C E N A IV.

O Capitão , PASQUINO , e depois BALESTRA.

*Cap.* **A**H ingrata ! Ah perfida mulher !.. Assim trataes a hum Capitão ! hum homem da minha qualidade ! hum Amante tão fiel !.. Tantos presentes que lhe tenho mandado !.. Tanto dinheiro que por ella tenho dispendido em jantares , em ceas , em divertimentos , e depois... e depois enganar-me desta fórma !.. Não ferei quem sou , se me não vingo. Pasquino.

*Pas.* Senhor,

*A este tempo sabe BALESTRA, e se avizinha á loja do café.*

*Cap.* Segue-me: vamos. (*Encaminha-se.*)

*Paf.* Sim, vamos á casa.

*Bal.* O lá Carlino, se está prompto o refresco, vamos. (*A' porta do café.*)

*Cap.* Mas!.. Espera. (*Observando para Balestra com o oculo.*) Aquelle me parece.... Sim; he isso; he o criado do meu Rival.

*Bal.* (*Sorrindo-se.*) Bella figura faz alli dentro aquelle golotão do Senhor Basilio, dormindo como hum porco!

*Cap.* Oh Pasquino,

*Paf.* Senhor?

*Cap.* Fica atrás de mim, e guarda-me as costas, para livrar-me de não ser offendido á traição.... (*Chega-se a Balestra, e Pasquino o segue de perto, guardando-lhe as costas.*)

*Bal.* Vamos. (*A hum moço da loja, que sabe com o refresco.*)

*Cap.* O lá!.. (*Accommettendo Balestra.*) O lá.... Fallo comtigo, espera ahi.

*Bal.* (*De longe.*) Falla comigo, Senhor Capitão?

*Cap.* Sim: comtigo fallo.

*Bal.* Em que devo obedecer-lhe?

*Cap.* (*Com aspecto sevcro.*) Em que me deves obedecer, me dizes? e de mais mo dizes em tom de ironia?... Não sei o que me ata as mãos, que.... (*Em acto de levantar a vengala.*)

*Bal.* O lá, Senhor Capitão.... (*Resoluto.*) Tenha mão em si; de outra sorte, farei.... (*Fazendo algum acto de o querer offender.*)

*Cap.* (*Retirando-se com temor.*) Que farás, maroto.... Onde estás, Pasquino?

*Paf.* Aqui estou, aqui estou; que todo attento vos guardo as costas.

*Bal.*

*Bal.* Que motivo tem para insultar-me?

*Cap.* Ouve: agradece ao Cco, que a minha honra não quer, nem permite que eu me enxuvalhe com hum vil homem como tu es; porém avifa da minha parte a teu Amo, e dize-lhe, que eu lhe dou poucos dias de vida...

## S C E N A V.

*ISIDORO* sabe da loja do café, rasgando as cartas; depois abotoa o vestido: os ditos de longe.

*Isi.* **M** Aldita forte!.. Quando deixarás de perseguir-me!.. (*Pára, vendo que o Capitão falla com Balestra.*)

*Bal.* Diga-me, não se affaste. Sabe quem he meu Amo?

*Cap.* Sim, bem sei quem he. (*Pasquino, não te vás daqui.*) (*Com voz baixa.*) Conheço perfeitamente quem he esse Peralvilho de Isidoro: sei, que pretende roubar-me a minha amada; porém juro ao Cco, que se não desistir da empreza, lhe darei tantas estocadas, como de cabellos tem na cabeça...

*Isi.* (*Avizinhandose-lhe cautamente.*) A quem?

*Cap.* (*Voltando-se, o reconhece.*) A Isidoro. . . criado de V. m. (*Perturba-se.*)

*Bal.* A V. m. dizia, Senhor Patrão.

*Cap.* Cala-te, mentiroso: queres tu agora irritallo a fim de termos algum duello?

*Isi.* Visto isso, Senhor Capitão....

*Cap.* Digo-lhe, que elle he hum mentiroso. Pasquino, dize tu; nomeei acafo o Senhor Isidoro?..

*Paf.* Sim, Senhor: disse o meu Amo, que vos dava poucos dias de vida; e que vos ha de dar

tantos cabellos por quantas estocadas tendes na cabeça....

Cap. Oh amaldiçoado.... Com esta espada....  
(*Segue-a Pasquino; porém he detido de Isidoro.*)

Isi. Vinde cá, vinde cá....

Cap. Não me detenhais....

Isi. Não; ouvi-me. (*Com imperio, e resolução.*)

Cap. Então, que quereis?

Isi. (*Observando-o com desprezo, e ameaça.*) Parece-me, Senhor Capitão, que vós sois hum grandissimo basofio: ora aqui me tendes mesmo ao pintar; já me entendeis: se vos achais de animo, vamos....

Cap. Para onde?

Isi. Para onde quizerdes: em tudo estou disposto a satisfazer-vos.

Cap. Pobre rapaz!.. Eu me compadeço de vós!.. Vamos.... (*Vai-se; mas ao mesmo tempo pára.*) Mas, não: tenho muita compaixão de vossos Pais.

Isi. Sim: bem vos entendo; e conheço tambem quem sois: eu nem vos estimo, nem vos temo; porém quero advertir-vos a ultima vez: mudai de sistema; e deixai-me livre daqui em diante aquelle campo, que vós nunca, e por nenhum modo fereis senhor de poder occupar. Entendeis? Sou vosso servo. (*Bate á porta da casa de Rosina, e entra. O Capitão fica estatico observando-o: Balestra rindo, escarnece delle; e Pasquino atrás delle, continúa a vello pelas costas.*)

Bal. Eu creio que V. S. Illustrissima me não quererá mais couza alguma. Aos seus pés reverente me prostro. (*Escarnecendo-o, vai-se.*)

Paf. Senhor Patrão, quando não quizer que lhe guarde mais as costas, avise-me.

Cap.

60 A MÃI INDISCRETA.

*Cap.* Sim , agora te aviso desta forte. (*Dando-lhe pontapés.*)

*Paf.* Ai de mim ! ai de mim !.. E porque me maltratais ?.. He este o agradecimento que me dais de ter-vos guardado as costas , aturando os vapores dos vossos inferiores suspiros ?

*Cap.* Tens aturado hum diabo que te leve , por me appareceres n'um momento tão critico : vai-te daqui , senão queres que defaogue a cólera em que me abraço.

*Paf.* Oh que busque quem lhe sirva de.... Não sei quem me prende as mãos , que não diga hum despropósito. (*Vai-se.*)

SCENA VI.

*O Capitão ROCCAFORTE só.*

**E** Pude eu soffrer tão vergonhoso insulto daquelle temerario ? daquelle insolente ? (*Pas-seando pensativo.*) E não me resolvo ainda a vingar-me !.. Ah ! Que raiva !.. Que furor !.. Que inveja he esta que me despedaça o coração , as entranhas , e tudo o que tenho em mim !.. Não ... não resisto a tão violenta paixão ; a tantos martyrios juntos.... O ciume me suggere o meio de vingar-me daquelle indigno de Isidoro : sim , nesta proxima noite quero que os meus sequazes o despedacem junto áquella porta , e quero....

(*Neste tempo Basilio sabe da casa do café alimpando o suor , e mostrando ter muita calma.*)

Mas aquelle que sahe da casa do jogo não he aquelle birbante de Basilio ?.. Sim , sim , he o mesmo. Aqui occulto quero ver se ainda torna

à casa desta traidora de Rosina. (*Retira-se de parte.*)

## SCENA VII.

*Basilio já sabido da loja do café, vai abrindo a bocca, espreguiçando-se, e esfregando os olhos: neste tempo sabe da sua casa ROSINA pelo braço de ISIDORO, seguido de seu Irmão pomposamente vestido, mas ao ridiculo: CECCA, criados, e lacaio.*

*Baf.* **Q**ue calma que hoje faz! Estou todo suado! (*Arfando.*) Não posso mais!.. Não fei como Isidoro póde parar lá dentro jogando como hum desesperado!..

*Rof.* O lacaio, toma sentido em me levatares com galanteria a cauda do meu vestido.

*Baf.* (*Que cousa vejo!.. Que metamarfose he esta!.. Isidoro entrou comigo aqui no café, e agora como sahe daquela casa!..*)

*Cec.* Senhora minha Ama, eis-aqui chega o Senhor Basilio.

*Baf.* Reveritissima Senhora....

*Rof.* Então?... Donde está a carruagem?

*Baf.* A carruagem! Que carruagem?

*Isi.* A que vós vos incumbisteis de alugar para acompanhar a Senhora Rosina.

*Baf.* Eu!... Como? Quando sonhei eu tal?... (*Isidoro lhe faz signal para que se cale.*) Ah sim.... Agora me lembro... mas... a dizer a verdade, totalmente me passou da imaginação.

*Rof.* Bravissimo! Vós me serviríeis na verdade de hum perfeito Cavalleiro Servente!..

*Baf.* Mas eu não julguei que tão de pressa sahíeis de casa.

*Rof.* Andai. A vossa escusa he muito frivola....

Eu, que estou costumada a andar sempre de

carruagem, quatro passadas que dou, me fazem logo cançar.

*Baf.* (Agora se cança com quatro passadas, e o passado Carnaval não a cançavão cem cabriollas.)

*Isi.* Na verdade estou mortificadíssimo.

*Rof.* Por amor de vós me exponho a soffrer este incommodo. Dai-me o braço. Serventes, segui-me. Vamos.

*Baf.* E aonde está a Senhora vossa Tia?

*Rof.* Não havendo carruagem, nem quem lhe servisse de braceiro, resolveo-se ficar em casa.

*Baf.* Aqui estou eu: já me vou offerecer a S. m.  
(*Vai para entrar em casa.*)

## S C E N A VIII.

*O Capitão ROCCAFORTE, que sem ser visto se tem detido a fallar com CECCA, se antepõe a BASILIO, que á sua vista fica sobressaltado.*

*Cap.* **R**etire-se V. m., que estou aqui eu...

*Baf.* (Os diabos o levem. Eis-aqui que me acho em outro impenho!

*Cap.* Da Senhora D. Pandora eu ferei o Servente, que me não desprezará, como o faz aquella ingrata.

*Rof.* E ainda tendes o atrevimento de apparecer diante dos meus olhos?

*Cap.* Mas que offensa vos fiz? Estais talvez desgostosa de mim pela ousadia que tive em mandar-vos de presente aquellas trinta braças de panno de Hollanda?

*Rof.* Julgo que no mundo não ha homem mais imprudente que V. m. Para me escandalizar do seu



seu proceder, basta o que agora acaba de fazer. Huma Donzella honesta não se reprehende, nem se injuria no meio da rua.

*Cap.* Eu reprehender-vos! Eu injuriar-vos! O Ceo me valha! Eu só venho aqui para ter a honra de servir-vos....

*Ros.* Obrigadissima: não quero que se incomode.

*Cap.* Bem sei que a companhia que tendes não permite....

*Isi.* Sim, Senhor: a companhia que agora tem a Senhora D. Rosina não soffre, não consente, e não quer a vossa.

*Cap.* Mas quando ella me concedesse a honra de a acompanhar, não sei se vós....

*Bas.* Duvido que vo-la conceda....

*Cap.* Vós que tendes com isto? Que pertendeis de mim? (*Com ira.*)

*Bas.* Couza nenhuma. (*Affustado, e com socego.*)

*Ros.* (*Coitado! Está de mim louco, e namorado.*)

*Cap.* Então que resolveis? Dais-me licença, para que ao menos possa seguir-vos?

*Bas.* Na companhia dos criados? Não vos convem....

*Cap.* Nem quereis calar-vos? Quem diabo fois vós?

*Bas.* Sou hum vosso servo: não vos altereis.

*Isi.* Que fazemos aqui? Este não he o lugar proprio para estar ouvindo as suas desculpas.

*Ros.* Affim he, dizeis bem. Ouvi-me, Senhor Basilio; a porta ainda está aberta: subi affima, e tratai de conduzir a minha Tia para o lugar que vós sabeis. Com sua licença. (*Ao Capitão. Vai-se com Isidoro, e sua comitiva.*)

*Cap.* (*Ah traidora! Ah infiel! Ah ingraticissima mulher!..*)

*Bas.*

64 A MÃI INDISCRETA.

*Baf.* (O amigo vai roendo castanha pilada!... Não posso conter o riso!..)

*Cap.* (Agora quero contar a sua Tia a indigna acção, e a desfeita que recebi. (*Vai para entrar em casa, e Basilio se lhe oppõe.*))

*Baf.* De vagar.... Para onde pretende ir, Senhor Capitão?

*Cap.* Para onde a vontade me guia.

*Baf.* Eis-aqui. Logo vos alterais. Eu vos pergunto amigavelmente aonde ides; e vós me respondeis com modo aspero! Ouvi focegadamente o que vos digo. A Senhora D. Pandora não pôde sair fóra de casa com outra pessoa, senão comigo.

*Cap.* Ha de ser bem tarde: ha de vir comigo, e poucas palavras. (*Vai para entrar como assima, &c.*)

*Baf.* Não, tenha a bondade: ouça a razão: deve vir comigo, porque hei de conduzilla á casa de Isidoro, para onde agora foi a Senhora D. Rosina.

*Cap.* Como! Para casa de Isidoro foi aquella traidora?

*Baf.* Sim, Senhor.

*Cap.* (Ah indignos!.. Oh negra inveja!..)

*Baf.* Por isso eu vos advirto, que vós não podeis.

*Cap.* Eu tambem hei de ir a todo o custo. (*Com tom altivo.*)

*Baf.* Aonde?

*Cap.* Aonde foi aquella desaventurada Rosina.

*Baf.* E com quem?

*Cap.* Com sua Tia.

*Baf.* Parece-me que não haveis de ter esta fortuna.

*Cap.* Não! Agora o veremos. (*Resoluto para querer entrar.*)

*Baf.*

*Baf.* Alto lá!.. (*Põe-se junto á porta , fingindo que quer tirar da algibeira huma pistola.*) Arreda-te, ou te queimo os miolos...

*Cap.* Que!.. (*Retirando-se assustado.*) Com armas de fogo se accommette hum homem da minha qualidade?..

*Baf.* Aparta-te daqui , ou te deixo estirado no meio dessa estrada. (*Ao retirar-se o Capitão , Basilio o segue , fingindo querello accommetter com tiro de pistola.*)

*Cap.* Detende-vos.... Eu me vou.... Não tireis.... (*Indigno! Tu mo pagarás!.. Não se passará a noite , sem que eu de ti me não vingue.* (*Vai-se olhando sempre para trás.*))

*Baf.* A a a ! (*Rindo immoderadamente.*) Quando sonhei eu nunca de ter tanto valor para obrigar a fugir hum Capitão armado de espada, e bastão? A a a ! O mundo está cheio de impostores; e muitas vezes succede , que alguns destes são descubertos por outros semelhantes impostores. (*Entra na casa de Rosina.*)

## SCENA IX.

Camara de D. Flora.

*D. FLORA , BALESTRA , e depois CANDIDO.*

*D. Fl.* Balestra?

*Bal.* Senhora.

*D. Fl.* Está prompto o refresco?

*Bal.* Já está em casa. Duas qualidades de forvete , e duas bandejas de doces , e biscoitinhos.

*D. Fl.* Bravo. A seu tempo , quando te der o aviso , o appresentarás aos convidados. Candido...

E

(*Cha-*

(*Chama*) Candido.... Onde estará agora este louco? Candido, Candido....

*Can.* Aqui estou, que me quer, Senhora?

*D. Fl.* Para ser servida de vós, he preciso que vos chame hum cento de vezes.

*Can.* Perdoe, não ouvi as primeiras vezes: estava á janella....

*D. Fl.* Sim, fazendo as vezes de Papagaio. Já vos disse o que haviéis de fazer á chegada....

*Can.* Sim, Senhora. A' chegada de Isidoro hei de cortejar, e cumprimentar aquelles Senhores, que hão de vir na sua companhia.

*D. Fl.* Muito bem; e quando Balestra appresentar o retresco, tambem vós com huma salva fareis o mesmo.

*Can.* Hei de fazer o mesmo que o criado fizer?

*D. Fl.* Sim, o mesmo, e não me repliques mais: Vosso Pai não tem possibilidade para sustentar maior número de criados; a necessidade, o dever deste dia requer que supprais esta falta.

*Can.* Muito bem: farei o que me manda. (Ah! paciencia!)

*Bal.* Batem á porta. (*Vai-se apressado.*)

*D. Fl.* Andai, ide tambem vós para cumprimentar quem vem. (*A Candido, que logo parte.*) Tenho grande prazer de que o Senhor Aniceto esteja fóra de casa até á noite: se aqui estivesse, em que confusão me acharia!.. Sinto subir a escada.... (*Vai á porta.*)

## SCENA X.

*ROSINA* pelo braço de *ISIDORO*, seguida de *CANDIDO*, *BALESTRA*, *CECCA*, o Irmão, e Criados. *Dita*.

*D. Fl.* ( **O** H que bella Rapariga!... *Isidoro* he de bom gosto. )

*Rof.* Ai!... ( *Affectando cansaço.* ) Quanto he custosa esta escada de subir!

*D. Fl.* Minha Senhora, estimo ter a honra de a conhecer.

*Rof.* Serva sua. ( *Corresponde ao cumprimento em pouca distancia da porta.* ) *Cecca*?

*Cec.* Senhora?

*Rof.* Tire-me dos hombros esta mantilha.

*Isi.* ( *Minha rica Mãe, diga, que lhe parece?* )

*D. Fl.* ( *Calai-vos.* )

*Rof.* O calor está excessivo. ( *A D. Flora.* )

*D. Fl.* Certamente. ( *Que bellos diamantes que tem!* )

*Cec.* Quer agua de cheiro?

*Rof.* Não : retira-te. Os meus criados tambem se retirem para outra sala.

*Bal.* Segui-me todos, que na cozinha estaremos conversando á nossa vontade.

*D. Fl.* Minha Senhora, venha para aqui, tenha a bondade de assentar-se. ( *Toma a pela mão, e a conduz aonde Candido está preparado para lhe chegar a cadeira.* )

*Can.* Queira servir-se, minha Senhora. ( *Depois apresenta as cadeiras a D. Flora, e Isidoro.* )

*Rof.* Obrigada, ( *Que galante Escudeiro!* )

*D. Fl.* Retirai-vos. ( *A Candido. Depois chega a sua cadeira para o pé de Rosina.* ) Diga-me, a

Senhora sua Tia não quiz honrar esta sua casa?

*Isi.* Logo ha de vir na companhia do Senhor Basilio.

*Ros.* Porém este Senhor Basilio parece-me hum louco.

*D. Fl.* Porque?

*Ros.* Porque offerecendo-se para apromptar huma carruagem para vos fazer esta visita, e esquecendo-se, depois me fez andar, contra o meu costume, todo este caminho a pé.

*D. Fl.* Sinto muito este seu incommodo.

*Isi.* Então, minha Mãi, que diz do espirito, e viveza da Senhora D. Rosina? Não approva o meu bom gosto?

*Ros.* Senhor Isidoro, não faça escarneo de mim.

*D. Fl.* (Porém a cara está muito bem pintada.)

*Ros.* Talvez que a Senhora vossa Mãi não me ache tudo o que vos...

*D. Fl.* Antes em V. m. eu acho tudo perfeito.

*Ros.* A sua gentileza desculpa os meus defeitos.

*D. Fl.* Não: eu lho certifico com este beijo. (Ceos! A sua bocca não exhala muito bom cheiro!)

*Ros.* (O semblante desta velha enfeitada he mais aspero do que huma escova.)

*D. Fl.* A Senhora D. Rosina he Romana?

*Ros.* Não, minha Senhora, sou Palermitana.

*D. Fl.* E que fortuna a conduzio a Milão?

*Ros.* Vindo de Alemanha refido aqui de passagem. Ah!.. (*Suspirando.*) Em Alemanha deixei o meu coração.

*D. Fl.* Deverás! Mas se tanto lhe agradava aquelle Reino, porque o deixou?

*Ros.* Acabado que tive o meu empenho do Carnaval em Vienna, logo me resolvi a partir...

*D. Fl.* O que?... Não entendo...

*Isi.* (Ai de mim!) (*Perturbado procura interromper o discurso de Rosina.*) Sim, Senhora: logo que acabou de se divertir no Carnaval em Vienna, resolveo-se a vir passar a Primavera, e o Verão em Milão. (Ceo! Esqueceo-me totalmente de a avisar, para que não declarasse a sua occupação de Dançarina.)

*Ros.* Os meus successos são lá bem conhecidos: pouco faltou para se effectuar o meu casamento com hum Barão.

*D. Fl.* Se he licito, o Senhor seu Pai que grão...

*Ros.* Ah! meu Pai já he morto!...

*Isi.* Seu Pai era hum Official, e morreo prizo-  
neiro.

*D. Fl.* Morreo prizoineiro! Desgraça! Este he o fruto da guerra. (Visto isso, sendo filha d'hum Militar, não devo duvidar do seu nobre nascimento.)

*Isi.* (O tolo de seu Irmão me disse que morreo criminoso na prizão.)

S C E N A XI.

*BALESTRA*, logo *PANDORA* pelo braço  
de *BASILIO*.

*Bal.* **S**enhora minha Ama, sobem a escada a Senhora D. Pandora com o Senhor Basilio. (*Isidoro, e Rosina conversão em segredo.*)

*D. Fl.* Com sua licença. (*A Rosina.*) Onde está Candido?

*Bal.* Eu vi-o estar na janella do quarto, onde estuda.

*D. Fl.* Ah mal ensinado Rapaz! Elle me pagará esta sua desatenção. (*Chega-se á porta.*)

*Ros.* (Mas porque devo encubrir a vossa Mãe o meu

meu officio de Dançarina? Não o virá depois a  
faber?)

*Isi.* (Agora não posso dizer-vos o porque: minha  
querida Rosina, fazei-me este gosto, este fa-  
vor.)

*Baf.* Eis-aqui, minha Senhora D. Pandora, esta  
he a Senhora D. Flora, de quem justamente vos  
tenho declarado as qualidades do seu espirito, e  
coração.

*D. Fl.* Serva sua devotissima.

*Pand.* Agradecida, minha Senhora. (*Com muito  
máo modo.*)

*D. Fl.* Obriga-me infinitamente a honra desta sua  
visita.

*Pand.* A fallar-vos a verdade, julgo ter-vos feito  
hum grande favor,

*D. Fl.* (Ceos! Que soberba mulher!) Mas diga-  
me...

*Pand.* Claramente me explico: Eu vim aqui á for-  
ça de rogos do Senhor Basilio...

*D. Fl.* A' força de rogos! E porque razão?

*Pand.* Nem eu, nem minha Sobrinha estamos cos-  
tumadas a fazer estas visitas a pé. A pessoa que  
faz hum convite, deve tambem mandar a car-  
ruagem,

*D. Fl.* Não duvido; mas deste inconveniente he  
culpado o Senhor Basilio, que se incumbio del-  
la, e depois se esqueceo.

*Pand.* Ouvi o que diz esta Senhora,

*Baf.* Agora vos direi o que succedeo, Sabei...

*Pand.* Que quereis que eu saiba demais? Vós me  
differstes que a culpa era sua, e demais, que era  
humã Senhora soberba, e de hum humor dia-  
bolico...

*Baf.* Devagar, devagar: eu não culpei... ou para  
melhor dizer, eu não lhe disse... Em fim, as  
se-



fenhoras mulheres, como taes em tudo, querem ter razão, pois he melhor que eu me cale.

*Pand.* E fareis muito bem.

*D. Fl.* Bravo, Senhor Basilio! Deste modo declarastes as qualidades do meu espirito, e do meu coração?

*Bas.* (Ora estou fresco! Entre estas duas mulheres posso dizer que me acho entre Scilla, e Caribdis.)

*D. Fl.* Balcetra, chega duas cadeiras. Queira servir-se. (*A Pandora, que antes de sentar-se fica hum pouco observando com cara desdenhosa a Rosina, que conversa em segredo com Isidoro.*)

*Pand.* Rosina!.. Parece-me que eu devia merecer-te mais algum respeito.

*Ros.* Sim, he verdade: perdoe-me V. m. (*Levanta-se, e lhe faz huma affectada mesura, e depois se ri escondidamente.*)

*Pand.* Tu es muito tola! (Não posso soffrer que esteja fallando em segredo com aquelle peralvilho.)

*D. Fl.* (Esta Senhora Tia parece-me ser d'hum genio muito extravagante.)

*Bas.* (Senhora D. Pandora, rogo-lhe que use de prudencia.)

*Pand.* (Que prudencia! que prudencia!.. Não preciso que me deis conselhos.)

*Bas.* (Não vos altereis, minha rica Pandorinha: vós sabeis quanto vos estimo: não me afflijais com os vossos ralhos.)

*Pand.* (Ah magano!.. Bem vos conheço!.. Vós zombais de mim com essas palavrinhas adocicadas!.. Em fim, quero comprazer-vos: não gritarei mais.)

*D. Fl.* Diga, Senhora D. Pandora, acha aqui alguma cousa que a inquiete?

*Pand.*

*Pand.* Ah ! Não posso fallar : prometti ao Senhor Basilio não dizer cousa alguma , e quero cumprir a minha palavra.

*D. Fl.* Se he assim , tenho occasião de temer...

*Pand.* Eu não me queixo de V. m. , mas de Rosina , que ainda que eu não seja sua Mãi , como tal ao menos me deve respeitar , e obedecer.

*Ros.* Pois em que lhe desobedeço , em que lhe falto ao respeito ?

*Pand.* Cala-te , arrogante : não me obrigues a dizer-te o que não has de goftar de ouvir.

*D. Fl.* (Ceos , que ouço ! ) Mas ella , minha Senhora...

*Pand.* Mas ella , minha Senhora , perdoe se lhe fallo com liberdade , não se envergonha de que á sua vista esteja o seu filho namorando-a ?

*Ros.* Senhora minha Tia , acabemos com isto. A primeira vez que vindes a esta casa , logo dais a conhecer o vosso genio extravagante.

*Pand.* E tu a primeira vez que te apresentas a esta Senhora , logo queres mostrar o pouco fizo que sempre tiveste , namoricando para fazer-me raiva com aquelle peraltinho.

*Bas.* (Pelo amor do Ceo , cale-se.)

*Pand.* (Pelo amor do Inferno calai-vos vós , não me façais sahir fóra dos eixos.)

*D. Fl.* Eu , minha Senhora , não descubro razão alguma , pela qual se deva escandalizar , quando entre elles se trata hum Matrimonio.

*Pand.* Que?... Hum Matrimonio!..

*Ros.* Sim , hum Matrimonio ; e agora que o sabe não esteja a fazer maior algazarra. ( *Continúa a fallar com Isidoro.* )

*Pand.* Hum Matrimonio , atrevida!.. Hum Matrimonio!.. Vede se eu adiyinhei o motivo desta visita!.. E vós , meu Bacharel , ( *a Basilio* ) que-  
reis-

reis-me encampar gato por lebre! Vós também de acordo com elles fazeis-me huma traição desta forte! Hum Matrimonio! Hum Matrimonio sem minha approvação!..

*Baf.* Não griteis mais: focegai-vos, Senhora D. Pandora.

*Pand.* Hum Matrimonio, ó indigna!.. Ah!..

*Baf.* (Minha querida Senhora Pandorinha, accomodai-vos, não vos enfadeis...) (*Lbe falla em segredo.*)

*D. Fl.* (Eu estou confusa! Ou esta velha he tonta, ou o nascimento destas não corresponde á minha imaginação.)

*Pand.* Coitada de mim! Eu separar-me da companhia da minha querida Sobrinha!.. Da minha rica Rosina, que sempre a amei mais que huma filha...

*Baf.* (Não obstante o Celibato...)

*Pand.* Ficar eu privada de tantos divertimentos, de tantos banquetes, de tantas visitas!.. Ai, ai, que não posso dar-me paz. Ai, ai. (*Chora.*)

*Isi.* (*A Rosina como affirma.*) Aquelle demonio faz todo o possivel para estorvar as nossas felicidades.)

*Ros.* (Que chore a rebentar, nem por isso alcançará que eu deixe de fazer a minha vontade.)

*Baf.* (Não choreis mais: não vos entregueis tanto á desesperação. Eu sou hum homem de bem, sou hum homem honrado: compadeço-me do vosso estado, e prometto fazer-vos sempre companhia: ainda vos digo mais, porém vo-lo digo com todo o segredo: vós me agradais, e quasi, quasi estou disposto...)

*Pand.* (Disposto a que?..)

*Baf.* (A casar comvosco.)

*Pand.* (Devéras?..)

*Baf.*

*Baf.* (Está dito.)

*Pand.* (A casar comigo? A desposar-me?..)

*Baf.* (Sim, a desposar-vos: mas!.. Sentido!.. Caladinha!..)

*Pand.* (Ah Senhor Basilio... quem sabe se depois... Mas vós pelo que mostrais em aquella cara engraçadinha, pareceis-me fer hum homem de probidade, e de bem: não creio que me queirais enganar..)

*Baf.* (Fiai-vos de mim: não continueis a fazer mais extravagancia.)

*D. Fl.* (Em todo este tempo ficou pensativa, olhando ora para huns, ora para outros.) Em que confusão se acha o meu entendimento!

## SCENA XII.

*BALESTRA*, depois *HERMENEGILDO*,  
*ISABEL*, *CANDIDO*, e os ditos.

*Bal.* **S**enhora, está aqui o Senhor Hermenegildo com a Senhora D. Isabel sua filha.

*D. Fl.* (Oh Ceos!.. Em que intempestiva occasião vem estes visitar-me!..) Dize-lhe que o Senhor Aniceto não está em casa..

*Bal.* Já lho disse..

*D. Fl.* Pois faze assim: vai conduzillos para o escritório..

*Bal.* Elles aqui chégão. (*Vai-se.*)

*Can.* Entrem, entrem: não fação ceremonias.. (Minha Mãi, veja lá: a Senhora D. Isabel, e o Senhor..)

*D. Fl.* (Cala-te desaventurado: a seu tempo me pagarás este teu atrevimento.) (*Levanta-se.*)

*Can.* (E que mal fiz eu?) (*Comfigo mesmo.*)

*D. Fl.* Queirão servir-se. (*Sem os ir buscar.*)

*Her.*

*Her.* Aos pés da Senhora D. Flora, e de toda esta nobre companhia. (*Todos lhe correspondem sentados, e depois fallão entre si em voz baixa.*)

*D. Fl.* Serva sua.

*Isa.* Reverente me humilho na sua presença, Senhora D. Flora.

*D. Fl.* Muito obrigada : sem incommodo. (*Voltando as costas.*)

*Can.* Balestra, (*Chamando*) traze cadeiras.

*D. Fl.* Que precisão tendes de chamar Balestra, quando vós ahí estais?

(*CANDIDO põe tres cadeiras, hum a ao pé da outra depois da de BASILIO. Senta-se HERMENEGILDO, e ISABEL; e na ultima, mostrando sujeição á Mãe, furtivamente elle depois se senta.*)

*Ros.* (Quem he aquella rapariga?)

*Isi.* (He hum a pobre simples, que affecta sabedoria, filha daquelle fatrapa, que a tem educado nos costumes de quinhentos.)

*Ros.* (Parece ao que se vê hum a pobre miseravel.)

*Her.* Como está de saude, Senhora D. Flora?

*D. Fl.* Muito boa. (*No mesmo ar de gravidade.*)

*Ros.* (Não vos provoca a rizo aquelles quatro trapos assim mal postos no corpo daquelle ridicula?) (*A D. Flora.*)

*D. Fl.* (Coitadinha! O estabelecimento da sua casa não lhe dá para mais, nem tambem tem bom gosto para se saber compôr com aquelle pouco que tem.)

*Isa.* A Senhora D. Flora me perdoará, se hoje vim causar-lhe incommodo, . .

*D. Fl.* Antes a fazer-me favor.

*Isa.* O Senhor Aniceto me tem já prevenida da summa bondade, e grande affecto, que a Senhora me tributa.

*D. Fl.* Faço justiça ao seu merecimento. (Quanto me enfastião estes seus estudados cumprimentos ! ( *A Rosina* , com a qual fica ao depois a fallar em segredo. )

*Baf.* ( *A parte a Pandora.* ) Torno a dizer-vos, que não haveis de fazer cousa alguma. Se vossa Sobrinha faz capricho em querello desposar, ha de desposallo a pezar de todas as vossas maiores extravagancias. )

*Pand.* ( *E eu a deixarei sem cousa alguma, reduzida á ultima miseria ; porque lhe hei de tirar tudo o melhor que ella tem.* )

*Baf.* ( *Ouvi ! ( Pensa hum pouco.* ) Quando isto fizesseis, não seria mal feito: fois sua Tia. Até agora lhe tendes feito as vezes de Mãi: tem sempre vivido debaixo da vossa tutella, e cuidado: e parece-me que legalmente tendes toda a authoridade, e poder sobre tudo o que ella possuiue. ( *A parte para consigo.* ) Se isto vem a succeder, logo caso com esta velha. )

*Isi.* ( *Minha Mãi, se estes ( Apontando para Hermenegildo, e Isabel ) se demoram aqui por muito tempo, não poderemos nós concluir cousa nenhuma.* )

*D. Fl.* ( *Deixai: eu cuidarei no modo mais opportuno para os pôr fóra... Balestra.* ) ( *Chama.* )

*Bal.* ( *Dentro.* ) Minha Senhora. ( *Sabe.* )

*Ros.* ( *A D. Flora.* ) ( *O melhor modo he conversarmos entre nós, e não fazer caso delles.* )

*Bal.* Que me quer, Senhora?

*D. Fl.* Ouve. ( *Com voz baixa.* ) Eu vou para a camara do escritorio ; e depois que Isidoro for com esta Senhora, vai tu levar-nos o refresco: ouviste?

*Bal.* Ouvi. ( *Vai-se.* )

*Her.* ( *Todos estes Senhores fallão em segredo!*  
Que

Que bello acolhimento, e agazalho que eu aqui recebo!

*Isa.* (*A Candido.*) (Porque me fallais em segredo? O que vós me dizeis podem todos ouvillo.)

*Can.* (Tenho medo, e respeito a minha Mãe.)

*Isa.* He louvavel esta vossa fizudeza; mas não vejo que a pratique o vosso Irmão mais velho.

*Pand.* (*A Basilio.*) (Vede que conceito posso eu fazer desta Senhora D. Flora. Na sua presença não só consente que o filho esteja namorando minha Sobrinha, mas tambem dá liberdade áquelle seu Escudeiro (*Apontando para Candido*) de sentar-se, fazendo roda comnosco, namoricando aquella pobre mendiga.)

*Bas.* (*Rindo.*) (Não... Aquelle rapaz não he Escudeiro nesta casa...)

*Pand.* (Não he Escudeiro?... Aposto que elle he algum chichisbeo desta velha mascarada!..)

*Bas.* (*Rindo mais forte.*) Fallai devagar. Ah, ah, ah.

*Pand.* (Vós ride-vos!.. Em fim, amor, e dinheiros sempre forão chocalheiros.)

*Bas.* (Ouvi... Eu vo-lo digo em segredo. Aquelle rapaz he hum filho desprezado de D. Flora...)

*Pand.* (Filho!.. Andai lá: calai-vos: não murmuréis... Apre! apre!.. Pelo que ouço vós tendes huma lingua muito malvada!)

*D. Fl.* (Segui-me.) (*A Rosina, e Isidoro, e entra para a direita.*)

*Isi.* (*A Rosina.*) (Não lhe digais coufa alguma.)

*Ros.* (Nem eu quero olhar-lhe para a cara.) (*Dá a mão a Isidoro, e entram atrás de D. Flora.*)

*Isa.* (Bella creação!)

## SCENA XIII.

*BALESTRA* sabe da esquerda com os sorvetes, &c. *BASILIO* ao vello levanta-se em pé. *PANDORA* ficando-se sentada, mostra raiva, e indignação. *HERMENEGILDO* com seriedade vai fazendo actos de admiração. *ISABEL*, e *CÁNDIDO* conversão em baixa voz.

*Baf.* O!... Balestra!... Vem cá... Aonde vás?..  
(*Vai observar para onde entrou, &c.*)

*Pand.* Elles deixão-me aqui só!... Que pouca vergonha he esta!... Senhor Basilio, aonde foi *Rofina*?

*Baf.* Logo o sabereis. (*Observa como affima.*)

*Her.* (*Esta mulher de D. Flora com razão se pôde chamar huma monstruosa producção da natureza!*)

*Baf.* (*A Balestra que sabe.*) O lá, Balestra, a função faz-se lá dentro? (*Balestra não lhe responde, e entra pela esquerda.*)

*D. Fl.* (*A porta com hum copo de sorvete na mão.*) *Candido!*... Então?... Que fazes ahi? (*Retira-se.*)

*Can.* Com sua licença. (*A Isabel, e entra pela esquerda.*)

*Baf.* (*Olhando para a parte esquerda vê Balestra, que sabe com duas salvas de sorvete, e doces.*)  
Dá cá, que eu servirei esta Senhora. (*Tira-lhe a salva da mão.*)

*Bal.* (*Grande villão he este!*) (*Torna a entrar pela esquerda.*)

*Her.* (*Em semelhante encontro he preciso que hum homem de bem se arme de grande paciencia.*)

*Baf.* Sirva-se, Senhora *D. Pandora*.

*Pand.*



*Pand.* Não quero nada: ide com mil diabos. (*Levanta-se raivosa, e entra pela direita.*)

*Baf.* (Não me encolerizo.) (*Senta-se, e com sofreguidade come, e bebe, &c.*)

*Isa.* (Esta incivilidade he insoffrivel!)

*Can.* (*Com duas salvas a Isabel.*) Sirva-se, Senhora D. Isabel.

*Isa.* Obrigadíssima. (*Toma hum biscoutinho.*)

*D. Fl.* (*A porta.*) Candido, então que faz ahi? vinde cá dentro. (*Retira-se.*)

*Can.* Eu venho já. (*Entra com as salvas.*)

*Her.* (Para me livrar de alguma, he melhor que eu me vá. (*Levanta-se.*))

*Baf.* (*Bebendo como affima.*) Senhor Hermenegildo, he servido de forvete?

*Her.* Isabel, vamos.

*Isa.* Senhor Basilio, desejo-lhe bom appetite: serva sua.

*Baf.* Que?... Ide-vos á Franceza?

*Cand.* (*Vem pela direita.*) Aonde vai, Senhor Hermenegildo?

*Her.* A Deos, bom filho.

*Can.* Que improvisa resolução he esta?

*Her.* Assim me convem, para não soffrer maiores descortezias de vossa Mãi.

*Can.* Ao menos espere, em quanto eu vou avizal-la. (*Vai-se.*)

*Her.* Não, não... Vinde cá... Isabel, vamos antes que esta orgulhosa mulher saia, e me obri-gue a dizer-lhe o que ella merece... (*Em acto de partir.*)

## S C E N A X I V.

*ANICETO encontra, e retém HERMENEGILDO junto á porta. BASILIO assentado no mesmo lugar, &c.*

*Ani.* **A** Onde ides, meu rico amigo Hermenegildo?

*Her.* Perguntais-me aonde? Ouvi: vou pôr em salvo toda a minha prudencia.

*Ani.* Como?... Porque?... Que novidade?..

*Her.* Amigo, perdoai-me. O genio de vossa mulher he insupportavel.

*Ani.* Mas que!.. Minha mulher talvez...

*Her.* Vossa mulher he mais desarrazoada do que nescia. Desculpai a minha sinceridade: por ora não quero dizer mais. A Deos. (*Vai-se com Isabel.*)

*Isa.* Serva, Senhor Aniceto...

*Ani.* Ouvi... esperai hum pouco... Ouvi-me; Senhor Hermenegildo... (*Seguindo-o até á porta.*) Vai muito desgostoso!.. Alguma desordem aqui succedeo! Senhor Basilio, dizei-me...

*Bas.* O!.. Amigo: entrai lá dentro a tomar hum copo de sorvete...

*Ani.* (*Sorvete!.. Refresco!.. Que novidade he esta na minha casa!..*) Dizei-me, que acontceo cá?

*Bas.* Coufa nenhuma.

*Ani.* Mas ouvi, que o Senhor Hermenegildo se queixou...

*Bas.* O Senhor Hermenegildo he hum homem todo de nicas, nem tem razão de queixar-se.

*Ani.* Mas onde está minha mulher?..

*Bas.* Vossa mulher está... (*Neste tempo sabe Basilio*

*lestra da esquerda.*) Balestra, Balestra, ouve: tira já esta bandeja, cópos, e cadeiras...

*Ani.* Dizei-me: Aonde está minha mulher?..

*Baf.* Vossa mulher está lá dentro obsequiando humma Senhora... Oh!... Ella ahi vem. (Agora se ouvirão boas cousas!)

## SCENA XV.

*D. FLORA* conduzindo pela mão a *ROSINA*, seguida de *ISIDORO*. A' vista de *ANICETO* se confundem, e se affastão hum pouco para trás: depois lhe fazem profunda reverencia. *ANICETO* estatico observa attentamente ora hum, ora outro. *BASILIO* do lado direito se sorri furtivamente das mudas acções dos mesmos. Depois *PANDORA*, a qual passando descortezmente adiante de todos, se vai pôr á direita de *BASILIO*. *BALESTRA* a hum lado separado.

*D. Fl.* (Que vejo!.. Meu Marido!..)

*Isi.* (Ai de mim!.. meu Pai!..)

*D. Fl.* (Tenho medo que haja de succeder alguma desordem!)

*Ani.* (Que estravagantes objectos são estes para mim?..) Senhor Isidoro!.. (Fazendo-lhe humma ironica cortezia.)

*D. Fl.* Não a Isidoro, mas a esta Senhora he que deveis tributar os vossos obsequios.

*Ani.* Com todo o respeito, minha Senhora. (*A Rosina*, que lhe corresponde.) Quem he esta Senhora? (*A Basilio*.)

*Baf.* (Com disfarçada ironia.) Esta Senhora, he preciso que saibais que he humma Senhora... de grande distincção!.. Mas vossa Mulher vos dará logo humma exacta informação.

82 A MÃI INDISCRETA:

*Pand.* Bravo, Senhor Basilio! deixastes-me só! Porque não viesstes comigo?

*Bas.* Mandastes-me com mil diabos, e havia de seguir-vos?

*Ani.* (Oh!.. Quanta nobreza inesperada acho em minha casa!)

*D. Fl.* (Senhor Aniceto, prudencia.) (Em voz submissa.)

*Bas.* Esta Senhora he Tia daquella belleza...

*Ani.* Respeitosamente venero. (A Pandora.)

*Pand.* Criada de V. m... (Quem he este ridiculo villão?)

*Bas.* (He o Pai de Ifidoro.)

*Pand.* (Sim!.. Ella pertende casar com o filho de hum tão vil sujeito!)

*Ani.* Mas posso saber quem sejam estas Senhoras; que fortuna as trouxe a minha casa? Em que devo obedecer-lhes...

*Bas.* Esta Senhora he a famosa, e célebre Mademoizel sanguixuga...

*Ani.* Sanguixuga!.. Creado humilissimo de Mademoizel Sanguixuga...

*Pand.* (Esta diabolica alcunha lha puzerão no tempo que dançou no Theatro de Vienna. Que os diabos os levem!)

*D. Fl.* Ouvi-me: A Senhora vem da Corte de Vienna: está aqui de passagem; porém pôde ser que talvez se resolva... basta: entre nós só por só fallaremos...

*Rof.* E por isso tomo a liberdade de convidar-vos para a manhã jantardes em minha casa; e então...

*Pand.* Sim: e o Senhor Basilio terá o cuidado de mandar-vos a carruagem da mesma forma que no-la mandou a nós.

*Bas.* (Não fallemos mais nisso. Lembrai-vos...)

*Pand.*

*Pand.* (De que?... Não sejais petulante ! Ainda não fois meu Marido , e já quereis mandar-me?)

*Rof.* Finalmente , recebendo de vós esta honra , terei occasião de declarar-vos a qualidade da minha pessoa , o meu estado , e o meu desejo. A noite se aproxima : he tempo de que me retire , e vos livre do incommodo...

*D. Fl.* Antes me priva do prazer de conversar com huma Senhora cheia de tanto merecimento.

*Rof.* O lá...

*Bal.* Que manda , minha Senhora ?

*Rof.* Os meus criados que estejam promptos.

(*Balestra vai-se , e pouco tempo depois sabe CECCA que põe a mantilha a ROSINA.*)

*D. Fl.* Isidoro , andai : servi Mademoizele , acompanhando-a á casa.

*Ani.* ( Não tem os seus criados para a irem acompanhando?... ) (*Á parte á D. Flora.*)

*D. Fl.* ( Que homem incivil ! Vós não me obrigareis certamente a fazer huma desattenção. )  
Ouvistes , Isidoro ? Andai , e vinde já já para casa.

*Ani.* ( E que viva o Senhor Isidoro. ) (*No tempo em que dá o braço a Rosina.*)

*Rof.* Senhora D. Flora , reverente lhe tributo os meus obsequios.

*D. Fl.* Sou sua humilde serva.

*Rof.* Senhor Aniceto , sou sua reverente criada.

*Ani.* Aos pés me prostro de Mademoizele Sanguixuga.

*Rof.* O lá ? Onde estais ? (*Sabem os criados de Rosina.*)

*Ani.* ( Oh que acompanhamento ! ) A's suas ordens , Senhor Isidoro. (*Com ironia.*)

*Bas.* Senhor Aniceto , á manhã ao jantar nos ve-

84 A MÃI INDISCRETA.

remos em casa de Mademoizelle Sanguixuga.  
(*Vai-se, dando o braço a Pandora.*)

*Pand.* Vamos, que não vejo o momento em que hei de fahir desta casa. Passem bem a noite.

*Ani.* Criado, meus Senhores. (*Sem mover-se do seu lugar.*)

S C E N A XVI.

*D. FLORA*, e *ANICETO* ficam por algum tempo observando-se mutuamente.

*D. Fl.* Que fazeis ahi, estatico, dessa fórma?

*Ani.* **Q**Estou pensando comigo, se tudo quanto vi foi sonho: se na verdade sou eu o dono desta casa: se sou vosso marido: se sou o Pai de Isidoro...

*D. Fl.* Parece-me que quereis acabar o dia, gritando da mesma forte que o principiastes.

*Ani.* Aqui acho visitas de pessoas, que não conheço: aqui obrigão-se aos meus mais íntimos amigos a partirem desgostosos: aqui manda-se a hum filho meu, que, a pezar da minha resistencia, vá acompanhar huma mulher estranha: aqui vejo se dispende dinheiro em refrescos contra a minha possibilidade: e não me hei de admirar de tão inesperado effeito?

*D. Fl.* Devagar. Dizei-me, Senhor Aniceto, eu não conto nada nesta casa? Quem sou eu? Sou por ventura alguma criada?

*Ani.* Não, sois a Senhora, a minha Mulher, e por isso de vós...

*D. Fl.* E por isso de mim quereis razão: não he assim?... Ah ingrato, vós não sabeis ainda qual he o meu cuidado, tanto para o sustento da casa, como para o vosso fozego. Ora quero informar-vos. Sabei...

*Ani.*

*Ani.* Não, antes que me declareis as obras do vosso espirito, quero me digais a razão que tivestes para obrigar o meu amigo Hermenegildo a sahir desta casa desgostoso.

*D. Fl.* Logo estais já persuadido de que eu ufei para com elle descortezia, ou incivilidade?

*Ani.* Eu não deveria julgar-vos de tão baixo juizo; mas vejo que o amigo se queixa de vós, e...

*D. Fl.* E queixando-se de mim o vosso amigo, (*Com ironia*) vós dais mais credito ás suas queixas, do que aos sinceros protestos de vossa Mulher; não he affim?..

*Ani.* Eu não sei que pense, nem que vos responda: só digo, que se eu me tivesse imaginado que ausentando-me de casa poderia haver motivo que o desgostasse, não o teria convidado a trazer cá sua filha Isabel, depois de lha ter pedido para esposa de Isidoro.

*D. Fl.* Como? como? Pediste-lhe a sua filha Isabel...

*Ani.* Sim: para contentar-vos, e satisfazer em tudo a vossa vontade: esta manhã me propuz a fazer-lhe este peditorio.

*D. Fl.* Então já percebo agora o motivo do seu desgosto. A presença daquella illustre, e rica Senhora, que elle aqui achou, foi bastante para o atordir. Ah! graças ao Ceo! Em vós finalmente scintilla ainda aquelle amoroso coração, que eu temia tivesse já mudado de temperamento: em vós acho ainda aquelle discreto, e affectuoso Marido, que sempre venerei. O amor, e a razão vencerão huma vez os impetos de aversão, que os falsos amigos desta casa vos excitáram no coração contra hum vosso pobre filho... Oh Deos!.. De contentamento sinto virem-me as lagrimas aos olhos!..

*Ani.*

*Ani.* Mas que achais em mim de extraordinario, que tanto vos transporta? Aonde vai dar, a que fim se dirige todo este vosso preambulo?

*D. Fl.* Ah meu rico Marido, para ver-vos com os mesmos meus sentimentos: ver-vos resolutos a desposar Isidoro, tanto que, sendo vós contente, a Mulher está prompta, agrada ao filho, e o partido he optimo.

*Ani.* E quem he? He talvez aquella Senhorita...

*D. Fl.* Sim: aquella mesma será a sua esposa.

*Ani.* Será a sua esposa! De vagar: vós já me fazeis ver este negocio concluido; e eu antes de dar o meu consentimento, quero examinar, se...

*D. Fl.* Não, meu querido Marido, não entreis com dúvidas a perturbar huma fortuna, que pelo Ceo vem preparada para hum filho nosso, aproveitemos a occasião: os Progenitores della são nobilissimos; o dote he grande, o seu genio docil, os seus costumes bons; e que mais podemos desejar?

*Ani.* E vós estais segura de que esta Senhora possui todas estas optimas qualidades?

*D. Fl.* Estou segurissima; e ainda sei mais, que foi procurada por muitos Cavalheiros da Corte de Alemanha para esposa.

*Ani.* E o nosso Isidoro, que não he Cavalheiro, que não tem entrada, não tem emprego, nem talentos, he preferido por esta Senhora?

*D. Fl.* Sim, he preferido. He este algum caso, de que não haja exemplo? Lembrai-vos que eu de vós me namorei; e que sendo filha de hum Coronel, e de huma Baroneza, não me terião faltado sujeitos...

*Ani.* Basta, basta: entendo o que quereis dizer-me de mais.



*D. Fl.* Em fim , deveis confessar que huma Mulher do meu espirito , e viveza não he facil achar semelhante.

*Ani.* Sim : tudo vos concedo : sem embargo disso não espereis que eu dê o meu consentimento , sem ter ponderado bem todas as circumstancias deste negocio. Sinto muito que Isidoro ( que agora eu poderia examinar ) aqui não esteja!.. Dizei-me aonde habita esta Senhora?

*D. Fl.* A' manhã , quando formos jantar a sua casa , o sabereis ; e nesta occasião elegeremos o dia das suas nupcias.

*Ani.* Ao menos , se o sabeis , dizei-me se habita muito longe daqui.

*D. Fl.* Oh ! sois muito curioso , e seccante ! Para que são tantas perguntas ?

*Ani.* Porque não me agrada que Isidoro esteja de noite fóra de casa.

*D. Fl.* Andai lá : dentro em poucos dias fereis livre destes temores. Isidoro em se casando estará sempre em casa. Ah meu querido Marido , deixai-me respirar !.. O contentamento de vos ver conforme aos meus desejos , me faz tornar da morte á vida. Ah ! O Ceo vos abençoe !.. Meu amoroso Marido !.. A alegria... o contentamento... não sei que diga !.. Ah , fim , me faz quasi chorar. (*Vai-se.*)

## S C E N A XVII.

*ANICETO só.*

**E**U não sei que cogite , e que decida desta minha Mulher !.. Bem que o theor deste negocio tenha apparencias de fabula , e de sonho , todavia eu não me atrevo de oppôr-me a elle ,  
por

por não ver nella mudada esta demonstração de amor em hum odio implacavel :.. O que mais me está affligindo he saber de certo que Hermenegildo se foi daqui escandalizado. A noite se vai aproximando. . . Não obstante o ser esta huma hora impropria para esta casta de visita , quero ir ter com elle ; e com bom modo procurarei saber a origem dos seus desgostos , e aplacallo : depois voltando para casa , farei hum exacto exame ao meu Senhor Isidoro , pelo qual possa tirar huma inuvidavel prova , e hum pleno conhecimento deste apparente Fenomeno.

FIM DO SEGUNDO ACTO.



# ACTO TERCEIRO.

## S C E N A I.

Noite.

Praça: de hum lado a casa de ROSINA, e do outro a loja do café.

*HERMENEGILDO acompanhado do seu Criado.*

*Her.* **M** Archetto, toma estas cartas: vai logo levallas ao correio, e volta de pressa, que aqui me acharás na loja do café, para juntamente irmos para nossa casa. (*Vai-se o criado.*) Não posso esquecer-me do que me succedeo!.. E será possível que no meio das defordens haja sempre de triunfar o altivo genio desta incorrigivel Mulher!.. Que esta D. Flora se não envergonhe huma vez de ver, por culpa sua, sacrificado o decóro do seu pobre Marido!.. Que o seu coração não tenha estímulo algum de consciencia, que he a regra de todas as acções!.. Ah!.. pobre Aniceto! A amizade que lhe professo, quero que prevaleça, a pezar das affrontas que me fez a sua indiscreta Mulher. Aquella Senhora, que ha pouco achei em sua casa, sei que mora ahi... (*Acenando para a casa.*) Ainda não sei a sua condição senhoril; mas nesta loja do café, aonde se sabem, e se publicão todos os successos da vizinhança, não terei muito trabalho em saber quem ella seja. Vamos fazer esta descoberta. (*Entra na loja do café.*)

SCE-

## S C E N A II.

O Capitão ROCCAFORTE acompanhado dos seus sequazes, e de PASQUINO, que traz huma lanterna de furtafogo.

Cap. **P**asquino, onde estás?

Pas. Aqui estou; não me vedes?

Cap. Chega-te cá. Trazes a tua espada debaixo do braço?

Pas. Sim, Senhor.

Cap. (*A gente armada.*) Vós-outros ide-vos pôr naquelle beco estreito, por onde agora passámos; e ainda que já me segurastes que conhecieis perfeitamente Isidoro, e Basilio, com tudo isso, Pasquino vos advertirá quando elles sahirem daquella casa, a fim que possais com mais segurança executar o que vos tenho ordenado. Ouvistes? Andai, ide. (*Vão-se os sequazes.*)

Pas. Dizei-me, Senhor Capitão, não será perigoso que esta gente que se foi, em vez de matar...

Cap. Falla baixo, pedaço d'afno.

Pas. Mas assim de noite, quem quereis que veja o que nós conversamos?

Cap. Pasquino, não me incites com essas tuas tolices, senão queres ver o fim de teus dias.

Pas. Me calo, Senhor Capitão, não se enfade.

Cap. Ouve-me? Tu te has de pôr perto daquelle lugar; e quando vires sahir daquella porta Isidoro, e Basilio, correrás logo a avisar a minha gente.

Pas. Mas V. Senhoria está seguro de que estes dous inimigos seus hão de passar por aquelle beco?

Cap.

*Cap.* Estou segurissimo. Para Ifidoro ir para casa, ha de necessariamente passar por ahi.

*Paf.* Tenho percebido.

*Cap.* (Se completo esta vingança, tomo immediatamente cavallos de posta para sahir deste Estado, e pôr em salvo a minha vida.) (*Vai-se.*)

## S C E N A III.

*PASQUINO*, depois *BASILIO* da casa de *ROSINA*.

*Paf.* **M**elhor será que eu feche esta lanterna... Mas assim ás escuras eu não os verei sahir... Já me vejo atarantado... A noite está tão escura, que nem vejo o que digo... Oh diaxo!.. Parece-me que lá se abre a porta...

*Baf.* (*Antes de sahir da porta.*) Boas noites, graciosissima Cequina: á manhã ao jantar nos veremos: retira-te com a luz. (*Fecha-se a porta.*)

*Paf.* (*A voz que ouvi parece-me masculina!..*)

*Baf.* A noite está muito escura, e os meus olhos já enfraquecidos do clarão da perdida luz, não conhecem o caminho... Queria demorar-me hum pouco lá dentro do café, mas o coração me diz, que vá para casa...

*No instante que se resolve a partir, lhe parece que vê em distancia hum objecto, que obriga a retirar-se á mesma porta da casa donde sahio.*

Mas!.. senão me engano, alli está alguem que me espera...)

*Paf.* (Senão abro a lanterna, não poderei distinguir se aquella voz he masculina, ou feminina.) (*Abre.*)

*Baf.*

*Baf.* O' diaxo!.. (*Recuando.*) Elle pouco a pouco se vem chegando para mim!.. A porta está fechada!.. Parece-me!.. Sim, he elle mesmo... He o criado do Capitão.

*Paf.* Ah, sim: fois vós, Senhor Zibilio?

*Baf.* Zibilio! Não, enganai-vos, eu sou Basilio, homem honrado, e...

*Paf.* Sim, o amigo do Senhor Dísdoro.

*Baf.* Quereis dizer do Senhor Ifidoro.

*Paf.* Que he o mesmo que eu estou esperando.

*Baf.* Bem; se vós esperais Ifidoro, elle ainda está em casa de Rosina. A Deos, passai bem a noite. (*Querendo ir-se embora.*)

*Paf.* Não, não; (*pondo-se-lhe diante.*) Não vos vades: he necessario que tambem vós o esperéis.

*Baf.* Esperallo? E para que?

*Paf.* Para que... mas o para que não vo-lo posso dizer.

*Baf.* Mas em segredo, podereis dizer-me...

*Paf.* Nada, nada: as vossas perguntas são maliciosas: bem conheço que vós me quereis tirar do buxo a minha secretaria, mas não o haveis de conseguir.

*Baf.* Não, Amigo, não preciso que me digais aquillo, que já sei.

*Paf.* E que sabeis vós?

*Neste tempo sabe Marchetto, criado de Hermenegildo, e entra na loja do café.*

*Baf.* (*Não passa por aqui viva alma!*) Digo-vos, que sei tudo... (*Não sei que resolva! se bato á porta, este maroto certamente me préga alguma estocada!*)

*Paf.* Vós dizeis que sabeis tudo, e eu aposto que vós não sabeis que naquelle beco estão  
huns

huns valentões armados, que ao meu avifo vos farão festa, e tambem a Ifidoro.

*Baf.* Bagatella!

## SCENA IV.

*HERMENEGILDO* sabe da loja do café, os ditos nos mesmos lugares.

*Her.* (Ao sair da loja.) **M** Archetto, vai diante de mim, para que me ajude o claro da tua lanterna.

*Baf.* (Ah! graças a Deos!.... Já vejo alguem.) (Encaminha-se acautelado, e temerosamente para *Hermenegildo*) Oh... meu Senhor?..

*Paf.* Esperai, não vos vades...

*Baf.* Affasta-te, malvado... Meu senhor, valhame a sua ajuda... (A *Hermenegildo* como affima.)

*Her.* Quem he? Quem sois?... Que vos succedeo?...

*Baf.* (Tremendo.) Ai de mim!.. Sois vós, Senhor *Hermenegildo*?... Ah respiro! (Reconhecendo-o á claridade da luz.)

*Her.* Senhor *Basilio*!.. Que vos succedeo?

*Paf.* Tenha mão, Senhor *Sibilio*?.. (Avizinhandose-lhe hum pouco.)

*Baf.* Arreda-te, patife. (Pondo-se entre *Hermenegildo*, e *Marchetto*, os quaes se põem em acto de defender *Basilio*.) Aquelle he hum affaffino...

*Her.* Ah iniquo!.. Ah desgraçado!.. (Logo *Marchetto* com a sua bengala bastona *Pasquino*, e o segue.) Foge, foge, maroto; mas não tardarás a cahir nas mãos da justiça... *Marchetto*, ó lá, *Marchetto*, deixa-o ir com a fortuna: vem cá. (*Marchetto* torna atrás.)

*Baf.* Entremos de pressa alli dentro. (Apontando para o café.)

*Her.*

*Her.* Esperai : entraremos : socegai-vos , tornai a vós. Não demos occasião aos que lá estão a fazerem escarneo de vós , e a formar huma Gazeta mentirosa fobre este acontecimento.

*Bas.* Ah , que tenho medo da gente armada , que me está esperando ! ... As minhas pernas não querem estar quietas...

*Her.* Qual gente armada ? .. Donde ? ..

*Bas.* Calai-vos pelo amor de Deos. ... Entremos no café.

*Her.* Esperai , dizei-me , onde estão elles ? .. ( *Ficção ambos fallando , &c.* )

## S C E N A V.

*ISIDORO* sabe da casa de *ROSINA*, *CECCA* á porta com hum castiçal accezo. Os ditos , perto da porta do café , converção entre si , depois *ROSINA* á janella.

*Isi.* **S** Im , *Cecca* : eu prometto comprar-te hum bellissimo lenço de seda ; mas tu has de vigiar , para dizer-me se a minha *Rosina* fallou esta noite da janella ao *Capitão Roccaforte*.

*Cec.* Vivei descançado , na minha fidelidade. Boas noites , senhor *Isidoro*. ( *Retira-se , e fecha a porta.* )

*Isi.* A Deos. São muitas noites que não me tenho recolhido para casa tão cedo como esta ; mas meu Pai me estará esperando , e temo...

*Ros.* ( *Escarrando á janella.* ) Eh , eh... *Isidoro*... ( *Com voz baixa.* ) ainda ahi estais ? ..

*Isi.* Sim , meu coração : a vossa casa he para mim hum iman de tal feitio , que só á força me posso apartar della.

*Bas.* ( *Vós o conheceis ? Aquelle he Isidoro.* ( *Com voz submissa.* )

*Her.*



*Her.* ( Bem o vejo, e já estou informado de quem seja aquella Mulher com quem anda de amores.)

*Rof.* ( Não quizera que fosseis agora deter-vos em alguma outra conversação, ou na loja do café...

*Isi.* Não, minha rica, estai segura, que eu já me vou para a minha casa pelo mais breve caminho.

*Rof.* Queira o Ceo que assim seja.

*Isi.* Não duvideis. A Deos, minha vida. (*Vai-se.*)

*Rof.* A Deos, meu rico Isidoro. (*Fica á janella.*)

## S C E N A VI.

*HERMENEGILDO, e BASILIO no sitio,*  
*como assima. ROSINA á janella.*

*Her.* **C**omo!.. Aquelle que vos accommetteo era hum valentão,..

*Baf.* Sim senhor: era hum valentão, hum affaffino mandado por hum rival de Isidoro.

*Rof.* ( Parece-me que alli naquelle canto está algum curioso espreitando o que se faz na minha casa.)

*Her.* Queira Deos que esse iniquo rival não tenha armado alguma traição com tal qualidade de gente contra o desgraçado Isidoro.

*Baf.* Antes estai seguro disso. Naquelle beco, por onde agora passardes, sei eu de certo, que estão varios sujeitos armados que o esperão.

*Her.* Ai de mim, que escuto! (*Com afflicção.*) E vós, que tendes esta certeza, o deixastes ir cahir no perigo, sem o chamar aqui, e avizallo?

*Baf.* A confusão, e o meu temor não me faz pensar outra cousa mais, que em salvar a minha vida; e demais, quando este impio tiver defaffogado a sua raiva contra Isidoro, ou fugirá, ou não desejará mais vingarse de mim por ser amigo delle.

*Her.*

*Her.* (Oh que indigno homem!... Oh Ceos!...  
Como poderei salvar aquelle infeliz de huma desgraça tão imminente!..)

## S C E N A VII.

Ouve-se hum tiro de pistola daquella parte por onde foi Isidoro, e logo se vê gente armada, que foge atravessando o Theatro. Ao improviso estroando, Basilio atemorizado corre a salvar-se na loja do café; e depois (a seu tempo) apparece á janella do quarto superior com hum candieiro na mão.

A passos incertos sahe Isidoro depois. Aos gritos de Hermenegildo sahem do café muitas pessoas com luzes, &c.

*ROSINA* á janella assustada, e *CECCA* depois com hum candieiro.

*Bas.* **A** I... pernas para que te quero... (Correndo no café.)

*Isi.* (Dentro.) Quem me soccorre!.. Ah que d'El-Rei... quem me acode...

*Her.* Ah!.. Desgraçado mancebo! (Vai para onde ouviu a voz.)

*Ros.* Que será isto?..

*Isi.* (Vem na Scena com passos incertos, mostrando estar ferido em hum braço.) Socorro por piedade!.. Ai de mim!..

*Her.* Senhor Isidoro!.. Ah!.. Que vos succede?..

*Isi.* (Vacillando.) Por caridade... soccorrei-me... (Encosta-se a Hermenegildo, e Marchetto o ajuda a ter-se em pé.)

*Her.* O lá gente?.... venha alguém a soccorrer.  
(Sa-

(*Sabem da loja do café muitas pessoas apressadamente, algumas com luzes, as quaes se põem á roda de Isidoro.*)

*Baf.* (*A janella.*) Que succedeo?

*Rof.* Parece-me ter ouvido a voz de Isidoro!..

*Cecca:* (*Chama*) traze de pressa hum candieiro. (*Pouco tempo depois vem Cecca, e põe o candieiro fóra da janella.*)

*Isi.* Oh Deos!.. Ai... foccorrò... eu desfaleço... (*Desmaia.*)

*Baf.* (*He Isidoro certamente!*) Senhor Hermenegildo, dê-lhe foccorro: faça-lhe dar hum copo de agua fresca... (*Eu quereria foccorrello, mas não me acho com animo de fahir daqui.*)

*Rof.* Ah que o meu rico Isidoro foi affaffinado! (*Retira-se, e depois sabe na rua com Cecca, que tem o mesmo candieiro.*)

*Her.* Sustentai-o todos por caridade. (*Aos circumstantes.*) O pulso está desigual... Algum destes Senhores por piedade vá em busca de hum Cirurgião. (*Vai-se hum Compara.*)

*Baf.* O coração já me adivinhava, que lhe havia de succeder esta desgraça.

*Rof.* (*Sabe agitada.*) Isidoro!.. meu querido Isidoro!.. Ai de mim infeliz!.. Alma do meu coração!..

*Her.* (*Severò.*) Apartai-vos: não lhe accelereis o maior mal, que por vossa culpa poderia sobrevir-lhe.

*Rof.* Ah misera de mim!.. (*Chora.*)

*Cec.* Coitado!.. pobre rapaz...

*Her.* Será melhor que nós o transportemos para dentro da loja... Marchetto, sustenta-o aqui: os outros ajudem todos igualmente a hum tempo.

*Baf.* Senhor Hermenegildo?... A ferida he grande?..

*Her.* (A pergunta deste indigno homem me incita mais a aborrecello.)

*Bas.* Não me responde!.. Talvez que a ferida seja pequena. Agora que o conduzirão cá para dentro, por mim mesmo me certificarei. (*Retira-se.*)

## S C E N A VIII.

*PANDORA, e os ditos.*

*Pan.* **R** Osina!.. que faz aqui na rua?

*Ros.* Ah que o meu rico Isidoro está mortalmente ferido!..

*Pan.* E então que pertendes de fazer aqui atrevida? Por ventura queres tu curar-lhe a ferida?.. Que soccorro lhe podes tu dar agora?

*Her.* (Oh que perfida gente!)

*Ros.* Mas, dizei-me: (*A Hermenegildo, que não lhe dando ouvidos, se encaminha para entrar na loja do café.*) Sabe-se quem foi o iniquo que o accommeteo?

*Her.* E tendes o atrevimento de me fazer essa pergunta? Quem seja o malvado, vós bem o haveis de saber, e n' huma prizão parece-me que fereis obrigada a declararallo á justiça. Quem vós fois já eu muito bem fei. Não me são também desconhecidas as artes encantadoras, que vós, e outras da vossa profissão costumão pôr em praxe para destruir a boa educação, que á Mocidade se ensina pelos seus maiores. Estes, e outros semelhantes tragicos acontecimentos dão maior motivo aos indiscretos, e rispídos Censores para condemnarem as representações Theatraes, que desde os primeiros seculos forão in-

ventados para exaltar a virtude, e corrigir o vicio : e por isso gritão temerariamente , que o Theatro he o fomento de todas as paixões desordenadas. Não , a casa de vós-outras Sereias encantadoras he o pélago , onde se perde a mocidade inconsiderada, e não o Theatro. Envergonhai-vos huma vez á vista dos vossos depravados costumes , e temeí o castigo , que cedo , ou tarde o Ceo fulminará contra vós. (*Entra ra loja.*)

*Pan.* O Ceo fulminará contra ti , ó lingua maldita ! Oh que atrevido ! Oh que homem brutal !.. E que demonio póde ser este , que tão vilmente se atreve a insultar no meio de huma rua pública duas honestissimas Donzellas , como sou eu , e minha sobrinha !

*Cec.* A esta casta de gente não se lhe dá ouvidos ; porque a inveja he quem a faz fallar.

*Pan.* Mas seja o que quer que for , o proverbio diz , que *Ralhos de burro não chega ao Ceo.*

*Rof.* Infeliz de mim !

*Pan.* Porque choras , tola ? Ouviste o que disse aquelle Satrapão ? Os ares desta terra parecem-me que para nós não são agora saudaveis... Não me faltaria mais outra cousa , do que para ir atrás as tuas loucuras , dever por tua culpa ir preza a huma prizão.

*Rof.* Ai que desgraça ! Ah que será de mim !

*Cec.* Senhora ; vamos para casa : não demos motivo a mutmurar de nós.

*Pan.* Dizes bem : vamos ; ahi poderás chorar á tua vontade , não só a desgraça succedida ao teu Iídoto , mas tambem a que me parece te poderá succeder a ti.

*Rof.* Calai-vos por castidade ; não me ponhais em maior desesperação.

100 A MÃI INDISCRETA.

*Pan.* Entremos, entremos. Aqui não he lugar proprio para disputas. (*Entrão, &c.*)

S C E N A IX.

*Vê-se apparecer no fundo do Theatro a Ronda. Depois de estar chegada poucos passos, diz o Cabo aos seus sequazes com voz baixa:*

**N**ão nos demos a conhecer: procuremos com cautela algum indicio, pelo qual possamos descubrir os Réos, que commettêrao o succedido attentado. Dividamo-nos agora. Vós-outros ide para aquelle lugar a vigiar com toda a cautela; e nós vamos para a entrada daquelle beco, aonde estaremos espreitando tudo o que póde succeder. Recommendo-vos que estejais attentos, e em silencio.

S C E N A X.

*O Capitão ROCCAFORTE com passos vagarosos; mostrando temor, se adianta, e PASQUINO o segue, &c.*

*Cap.* **M**As dize-me, salvagem, para que fugiste? . . .

*Paf.* E sempre haveis de ralhar comigo! he forte historia! . . . Torno a dizer-vos, que não fugi por falta de valor, mas sómente para me livrar de hum repentino demonio que me appareceo; e ao mesmo tempo que eu fugia, elle com o seu bastão me hia batendo o compasso de musica sobre as minhas costas.

*Cap.* (Este tolo me faz perder a paciencia!) Mas em fim, tu me seguras que Isidoro . . .

*Paf.*

*Paf.* Sim, Senhor; fim, Senhor: eu vos seguro, que Dísdoro não sahio daquella porta; mas fim aquelle maldito Sabilio, que foi a causa da minha ruina.

*O Cabo.* (Com baixa voz.) Companheiros, á lerta!

*Cap.* Abre hum pouco a tua lanterna, e vai observar se os meus valentões ainda estão postados naquelle beco.

*Paf.* Vou rebolando. (Abre a lanterna, e depois de andar poucos passos, torna para trás.) Senhor meu Amo, senhor meu Amo... elles alli estão; não os vê? (Apontando para os quadrilheiros.)

*Cap.* Onde estão?... Não os vejo...

*Paf.* Não os vê?... E pois os piticegos vem mais de noite do que de dia. Ponde vós os oculos nocturnos, e logo os vereis.

*Cap.* Maldito toleirão, não me digas mais despropósitos.

*Paf.* Vinde comigo... Elles alli estão á entrada daquelle beco. (Guiando-o pela mão.) Já os vê?... (Mostrando-os com a luz da lanterna.)

*Cap.* Agora vejo quem quer que he. (Adianta-se alguns passos, e o Cabo da ronda lhe sahe ao encontro.) O lá, camaradas!... Sois vós?

*O Cabo.* Sim, Senhor; somos nós. (Com baixa voz.)

*Cap.* Dizei-me: Aquella tal pessoa ainda não passou por alli?

*O Cabo.* Ainda não passou. (Como assima.)

*Cap.* Muito bem: estai attentos, que pouco poderá tardar. Recommendo-vos que não erreis o tiro, e depois fugi logo a toda a pressa.

*O Cabo.* Não duvideis: tudo se ha de fazer. (No mesmo instante dá hum assobia, e de repente sahe a quadrilha, e os prende.)

*Cap.*



*Cap.* Pasquino, vem comigo... Alto lá... Que he isto!..

*O Cabo.* Não te moças: de outra maneira te farei aqui em postas...

*Cap.* Tende mão... Ah que d'ElRei... Ai de mim... Mas, dizei-me... Quem sois vós?..  
(*Os quadrilheiros o vão amarrando.*)

*Pas.* Meus Senhores... por caridade... sabei, que não só eu quem vós deveis matar...

*O Cabo.* Atai-os com segurança.

*Cap.* Mas que... talvez sejais vós...

*O Cabo.* Quem nós somos, daqui a pouco o sabereis.

*Cap.* Esperai... Deixai-me esta mão livre, para eu poder tirar da algibeira a bolsa...

*O Cabo.* Cala-te lá. Os Ministros da Justiça não se deixão seduzir por dinheiro. Vamos.

*Pas.* Mas aonde me conduzis?

*O Cabo.* Por agora á cadeia.

*Pas.* Por agora! E depois?

*O Cabo.* A huma Praça pública, aonde ferás enforcado.

*Pas.* Ah pobre de mim!.. Que isto me succeda por despacho dos meus serviços?

## S C E N A XI.

Camara em casa de Rosina.

*ROSINA, e PANDORA, depois CECCA.*

*Ros.* **Q**ue desgraça he a minha! Tive até agora tantos amantes, a todos fingi sempre amor, e fidelidade: os ciúmes, as contendas que entre elles surgirão, nunca me causarão desgosto algum, nem já mais fui repreh-



hendida : agora que me namorei deste fujeito , que fielmente o tenho amado , ha de succeder hum tão tragico accidente ! Oh sorte adversa ! .. Oh destino fatal ! ..

*Pand.* Quantas , e quantas vezes te préguei , e te adverti , que não namorasses de filhos de familias ? Onde se ouviu , ou leo nos Romances , e nas Historias , que huma Dançarina dêsse tantos mimos , e regalos ao feu Amante , e com tanta generosidade , como tu fizeste ao teu Isidoro ?

*Rof.* Se eu tivesse dado ouvidos aos vossos conselhos , talvez eu me achasse agora em estado peor do que aquelle em que me vejo.

*Pand.* Ah lingua malvada ! .. Vai , vai , que hum dia te arrenderás da ingratição com que me trataas.

*Rof.* Lembro-me tambem , que se eu me tivesse casado huma daquellas tantas vezes , que se me presentarão occasiões muito boas , e que vós com arte todas me desviastes , não me veria tão afflicta , e confusa , como me vejo agora.

*Pand.* Cala-te huma vez , cala-te. Não soffres mal , que o não mereças. Pensa o que te póde succeder de hum tão funesto acontecimento. Por cuja razão he melhor que em vez de perder o tempo em chorar , te resolves a aproveitallo , fechando nos baús tudo quanto tens de valor , ( bem ganhado pelas tuas honradas fatigas ) e partir daqui pela pósta o mais de pressa que te for possivel.

*Rof.* Ai , meu Deos ! .. Não sei se poderei sobreviver a tão grande dor ! ..

*Pand.* Oh , destas dores , destas afflicções já tu tens experimentado tantas , que debes estar bastante acostumada a ellas. Não morrerás ,  
não

não. Em chegando ao primeiro lugar de pósta, (como outras vezes te tem succedido) não te lembrarás mais nem de Ifidoro, nem de outro qualquer amante.

Ros. Ah, não será possível: tenho-o muito impresso no coração. (*Ouve-se bater forte á porta da rua.*)

Pand. Mas!.... Parece-me que batem á porta da rua... (*De novo se sente bater como assima.*) Quem será este insolente, que bate tão forte?

Cec. (*Vem assustada, e timorata.*) Senhora, Senhora. Miseraveis de nós!..

Pand. Que succedeo?

Ros. Que tens? Que foi?..

Cec. Hum grande numero de quadrilheiros arrombááo a porta, e vem subindo pela escada.

Pand. Não o disse eu que nos havia de succeder alguma grande tormenta!

Ros. Coitada de mim!... Quem me açode... A quem pedirei que me defenda!..

## S C E N A XII.

*O Cabo com os Quadrilheiros, e os ditos.*

*O Cabo.* (*Com semblante risonho, fazendo muitas cortezias.*) **M**uito boas noites, minhas Senhoras.

Ros. (*Com semblante humilde.*) Serva sua.

Pand. (*Com semblante severo.*) Quem sois? Que quereis?

*O Cabo.* (*Muda de aspecto, e com authoridade diz:*) Eu sou hum Ministro de Justiça, e quero (por ordem superior) neste mesmo instante conduzir-vos á prizão.

Ros. }  
Cec. } Coitadas de nós! (*Chorão.*)

*Pand.*

*Pand.* E com este cumprimento nos annunciais as boas noites?

*O Cabo.* Desta fórma quiz eu dourar-vos a pirola.

*Pand.* (Oh que cara de assassino!)

*Ros.* Oh que desgraça! Oh que vergonha!... Ai de mim infeliz!

*O Cabo.* Vós-outros (*Aos quadrilheiros*) entrai por estas casas, e toda a pessoa que achardes, matareis aqui bem segura.

*Pand.* (*Com cara enruminada.*) Senhor Esbirro meu caríssimo, julgais vós que esta casa seja huma casa de pouco mais, ou menos?... Nós somos humas honestíssimas donzellas...

*O Cabo.* (*Com ironia.*) Eu o creio, mas não vos obrigo a jurallo.

*Pand.* Sabei que esta minha sobrinha he...

*O Cabo.* Sim: fei muito bem que he huma Dançatina.

*Pand.* E então, que quereis dizer nisso?

*O Cabo.* Quero dizer, que até agora terá feito de bellíssimos *Pa-de-du*.

*Ros.* (*Com submissão.*) Mas, disse-me: E tereis vós a crueldade de me conduzirdes á prizão?

*O Cabo.* Obedecer ás ordens superiores não he em mim crueldade, mas sim inalteravel fidelidade.

*Ccc.* Eu sou a criada desta casa, e não tenho commettido...

*O Cabo.* Todas essas defezas as direis ao Juiz.

*Pand.* Pobre de mim! E aonde irei eu acabar os meus tristes dias!..

*O Cabo.* Aonde? Na estopa.

*Pand.* Na estopa! Huma donzella como eu, reconhecida por tal, com experiencia do mundo, que sempre me quiz conservar no estado do Celibato, deverá acabar a sua vida fiando estopa!.. Ah que se tivesse aqui huma faca... (*Com desesperação.*)

*O Cabo.* E que farias?

*Pand.* Desesperada me mataria.

(*Neste tempo apparece o irmão de Rosina, e todos os mais criados amarrados entre os esbirros.*)

*Ros.* Oh que fatal desgraça!

*Pand.* Amaldiçoadas sejam as tuas cabriolas.

*O Cabo.* Vamos. E tu (*A hum quadrilheiro*) fecha todas as portas desta casa. (*Vão-se.*)

## S C E N A XIII.

Camara de D. Flora.

*D. FLORA, e depois BALESTRA.*

*D. Fl.* **A** Noite está tão avançada, e Isidoro ainda não volta para casa!.... Balestra, então?... espreitaste como te disse?..

*Bal.* Sim, senhora. Caladinho espreitei pelo buraco da fechadura da porta da camara do senhor Aniceto, e nella não o vi: observei tambem no Escriptorio; mas ahi não vi outra pessoa, mais do que o senhor Candido, o qual está escrevendo: esteja por tanto certa, que o senhor Aniceto ainda não veio para casa.

*D. Fl.* Não sei que pense desta sua demora! Ouves-me? Se elle em chegando te perguntar, se Isidoro já veio, dize-lhe que sim, e depois logo irás dizer-mo: ouviste-me?

*Bal.* Será obedecida.

*D. Fl.* Compraste alguma cousa para a cêa?

*Bal.* Não comprei nada, porque pôde bastar o que sobejou do jantar.

*D. Fl.* Mas não te disse, que trouxesses hum frangainho para Isidoro?

*Bal.* O frangainho já está preparado no espeto.

*D.*

*D. Fl.* Aqueile filho não pôde comer á cêa, fe-  
não coufas leves...

## S C E N A XIV.

*CANDIDO, e os ditos.*

*Can.* **M**Inha Mái, me dá licença?..

*D. Fl.* **Q**ue quereis? (*Com rosto severo.*)

*Can.* Devendo eu ir á manhã pela manhã cedo á  
audiencia, queria-me ir deitar antes que se faça  
mais tarde; pelo que desejava désse ordem á cria-  
da, para que me désse a cêa.

*D. Fl.* Já eu imaginava qual havia de fer o vosso  
peditorio. Os vossos pensamentos, os vossos es-  
tudos, o vosso cuidado são só comer, e dormir.

*Can.* Eu até agora estive estudando...

*D. Fl.* Sim, estivestes estudando occasiões de in-  
quietar-me. Andai, andai. Tu, Balestra, vai di-  
zer á criada, que lhe prepare hum prato de ce-  
lada, e huma talhada de queijo, e depois vem cá.

*Can.* (Que magra cêa!) (*Beija a mão a D. Flora,  
e vai-se.*)

*Bal.* Será servida. (*Ao partir.*) Para este filho não  
se comprão franginhos. (*Vai-se.*)

## S C E N A XV.

*D. FLORA, depois BALESTRA, que torna.*

*D. Fl.* **A**I!.. que afflicção he esta!.. Já mais  
tenho soffrido pena tão grande, como  
a que esta noite sinto no coração!.. Nunca me  
vi tão afflicta com a ausencia de Isidoro, como  
agora me sinto!.. Se vier o Senhor Aniceto, e  
perguntar por elle, que meio poderei achar pa-  
ra

ra desculpar esta sua desobediencia!.. Ah! não fei a hora em que o hei de ver casado! Quantas noites, este rapaz, me tem feito velar inquieta!.. Bem fei que aos Amantes as horas passão como momentos; mas o indiscreto deveria tambem reflectir, que eu ao depois sou quem soffro do Pai as terriveis reprehensões...

*Bal.* Aqui estou, Senhora.

*D. Fl.* Dizei-me, meu Balestra, fizestes a cama de Isidoro?

*Bal.* Sim, Senhora.

*D. Fl.* Bom está: vai agora, e logo nella põe a costumada cabeça de páo dentro do seu barrete, o embrulho, como temos feito outras vezes, para que de longe seu Pai julgue que elle ahi esteja, e que dorme; e depois vai procurallo, e faz todo o possivel com que venha de pressa para casa.

*Bal.* Vou. (*Em acto de partir.*)

*D. Fl.* Ouves? Estás certo onde o poderás achar?

*Bal.* Oh! não preciso de astrologia: ou em casa da Illustrißissima Senhora D. Rosina namorando, ou na loja do café jogando, como hum desesperado. (*Vai-se.*)

## S C E N A XVI.

*D. FLORA, depois ANICETO.*

*D. Fl.* **Q**uanto he atrevido este maroto! Tambem se vê que he hum dos conjurados a murmurar daquelle perseguido filho. Todos desta casa para opprimillo querem dizer a sua. Coitado do rapaz, que jogo pôde fazer! Dinheiro não o tem; e sem dinheiro não se pôde jogar.

*Ani.*

*Ani.* Boas noites, Senhora D. Flora:

*D. Fl.* (Ai de mim! Aqui estou em consternação.) A esta hora vindes para casa?

*Ani.* Que! Talvez tendes estado cuidadofa por meu respeito? Quantas horas são?..

*D. Fl.* Bella pergunta! Mil funestos pensamentos me tem passado pela memoria. Dizei-me: Aonde tendes estado até esta hora?

*Ani.* Tenho estado em casa do meu Amigo Hermenegildo, o qual, contra o seu costume, até agora não foi para casa; em fim, vendo eu que já era bastantemente tarde, me vim embora.

*D. Fl.* Grandes negocios tendes com este vosso Amigo!

*Ani.* Ifidoro, creio que já terá vindo para casa: onde está? Chamai-o.

*D. Fl.* Eu julgo que confiais todos os negocios da vossa casa a este vosso Senhor Hermenegildo.

*Ani.* Hermenegildo he homem honrado. Chamai a Ifidoro.

*D. Fl.* Fostes talvez com intenção de indagar delle a origem das incivildades, de que teve o atrevimento de me accusar?

*Ani.* Antes com animo resolutto de persuadillo a voltar á antiga sinceridade... Ifidoro?... (Chamando-o para a Scena, &c.)

*D. Fl.* Não precisa que o chameis. Ifidoro ha mais de duas horas que está deitado.

*Ani.* Deitado!.. Tão cedo?... Porque?... Que tem?..

*D. Fl.* Veio para casa com huma grande dor de cabeça.

*Ani.* Sim!.. Mas dizei-me: Temeis que esta sua dor de cabeça seja originada da febre?

*D. Fl.* Não o creio: he verdade que algum tanto

110 A MÃI INDISCRETA:

to se queixou ; mas eu espero que o descanso desta noite lhe dará allivio.

*Ani.* Vamos visitallo. Quero segurar-me se tem, ou não febre. (*Querendo ir, D. Flora o detem.*)

*D. Fl.* Febre, seguro-vos que não tem. (Oh que afflicção !..) Deixai, que eu de manso vou observar se elle dorme : acordallo pôde causar-lhe perjuizo : entretanto ide-vos despir.

*Ani.* Pois então, dissei a Balestra, que venha ajudar-me... :

*D. Fl.* (Eis aqui outro embaraço!) Não sei se Balestra se poderá isentar de huma occupação, que me he muito necessaria ; mas esperai aqui, que eu já venho para vos ajudar. (*Vai-se.*)

S C E N A XVII.

*ANICETO, depois D. FLORA, e logo CANDIDO.*

*Ani.* Grande amor de Mãi ! Julga que só ella he que pôde ter cuidado de que não se inquiete, não se incommode, não se acorde o seu predilecto filho !.. Ah !.. Não quero que se me perturbe mais a fantazia. Praza ao Ceo que esta sua dor de cabeça seja leve molestia. Na estação do Estio são estas dores de cabeça annuncios de doença perigosa... (*Encaminhandose para entrar na camara.*)

*D. Fl.* Aonde ides ? (*Detendo-o.*)

*Ani.* Então ?.. Dorme ?

*D. Fl.* Dorme socegradamente.

*Ani.* Súa ?

*D. Fl.* Não fôa nada.

*Ani.* A cabeça tem muito calor ?

*D. Fl.* Não tem muito.

*Ani.*



*Ani.* De manso quero ir observallo de mais perto...

*D. Fl.* Esperai ... não o acordeis... Vede-o aqui da porta... (*Abre-lhe a porta da camara. Aniceto o observa; mas querendo entrar dentro, D. Florra o impede.*)

*Ani.* O Ceo te abençoe. (*Em submissa voz.*) Parece-me que está com a cara de baixo da cuberta?... Terá elle algum frio de sezões?..

*D. Fl.* Não, não tem tal: não nos agouremos.

*Can.* Boas noites, meu Pai.

*Ani.* Oh Candido: o Ceo te abençoe: Dize-me: Recebeste do teu Cliente...

*Can.* Sim, Senhor: pelo meu trabalho me deo huma dobra.

*Ani.* Bravo, sempre ganhaste alguma cousa. Que lhe fizeste?

*Can.* Dei-a a minha Mãi.

*D. Fl.* Sim, deo-ma; e eu a destinei já para lhe comprar daquillo, de que elle tiver mais necessidade. (*Ouve-se bater á porta.*)

*Ani.* Parece-me que batêrao na porta?..

*D. Fl.* Candido, vai ver quem he.

*Can.* Logo vou. (*Vai-se, e torna.*)

*D. Fl.* (*Este talvez será Ifidoro!*) Vinde para a camara, que vos quero dar a mão para vos despirdes.

*Ani.* Sim, vamos... Mas não. Vejamos primeiro quem he este, que vem incommodar-me a estas horas.

*Can.* Meu Pai, está alli o Senhor Hermenegildo, que deseja fallar-lhe.

*Ani.* Que entre. (*Volta-se de repente para D. Florra.*) Vede que bom Amigo! Logo que sua filha lhe notificou, que eu lhe desejava fallar, logo quiz ter o incommodo de vir a minha casa...

112 A MÃI INDISCRETA.

- Ouviste, Candido?.. (*Reparando em que elle está parado.*) Dize-lhe que venha.
- Can.* (*Fazendo sinais.*) Faça favor, meu Pai. (*Levando-o á parte.*)
- Ani.* Que ha de novo?
- Can.* O senhor Hermenegildo me ordenou lhe dissesse em segredo, que lhe desejava fallar só por só. (*Profeguem fallando em segredo.*)
- D. Fl.* (Que pena he esta!.... Isidoro ainda não vem!...)
- Can.* (Antes me disse, que não queria fallar-vos diante de minha Mãi...)
- D. Fl.* Que!.... Este vosso conselheiro quer por ventura ter comvosco conferencia secreta? Despreza talvez a minha presença?..
- Ani.* Duvido que esteja agreste; mas eu agora o abrandarei. (*Vai á porta.*) Senhor Hermenegildo?
- D. Fl.* (*A Candido em voz baixa.*) Que fazes aqui? Retira-te. (*Candido vai-se, depois de ter entrado Hermenegildo.*)
- Ani.* Entrai, senhor Hermenegildo. A senhora D. Flora deseja fallar-vos.

S C E N A XVIII.

HERMENEGILDO, e os ditos.

*Her.* **B** Oas noites, meus Senhores.

*Ani.* Caro amigo, boa noite.

*D. Fl.* Venero-o, meu Senhor.

*Her.* (Pobre homem!) (*Observando Aniceto.*)

*D. Fl.* (Que cara de arremetter!... Faz que está enfadado. Talvez quererá que eu lhe peça perdão!)

*Her.* (Ceos, inspirai-me o modo mais suave com que

que possa noticiar a este homem a sua desgraça!)

*Ani.* Vós cada vez mais me obrigais, querido amigo. Não precisava que a estas horas vos incomodasseis. Deixei-vos dito que á manhã pela manhã iria ter convosco.

*Her.* Pois que! Depois que eu fahi daqui estivestes em minha casa?

*Ani.* Sim, amigo: e agora mesmo de lá vim. Não vo-lo disse a Senhora D. Isabel?

*Her.* Dir-vos-hei. (*Confuso.*) Eu presentemente venho do café do Grego... mas... dizei... achando-me opprimido de hum funesto caso, que lá succedeo... vim... ou para melhor dizer, não quiz ir para minha casa, sem primeiro fallar convosco; por este motivo... (Oh Deos!... não sei como principie!...)

*Ani.* Mas!... Vós me pareceis confuso!... Vejo-vos melancolico?... Não mais, amigo, não mais inquietações: reprimi a vossa paixão. Sabei que a senhora D. Flora...

*D. Fl.* Bem sei o motivo, por que o senhor Hermenegildo está assim perturbado. Está escandalizado de mim, porque nesta tarde não cortejei a sua filha, como elle se presuppunha; mas...

*Her.* Não, minha Senhora; eu não sou homem tão debil de espirito; que caia em semelhantes perjuizos.

*D. Fl.* V. m. bem vio, que achando-se em minha casa aquella nobre Dama estrangeira, era obrigação minha o tratalla com alguma distincção.

*Her.* E qual era a nobre Dama forasteira?

*D. Fl.* Que! Não a visteis? Era a que estava sentada ao meu lado.

*Her.* Muito bem! (*Com ironia.*) Aquella he hu-

114 A MÃI INDISCRETA.

ma Dama! Estimo, estimo. (Oh mundo! mundo cheio de enganoso!)

*D. Fl.* (Este velho morre de inveja.)

*Ani.* (He preciso que eu busque hum meio termo para apartar daqui minha Mulher, aliás não poderei pacificar a Hermenegildo.)

*Her.* (Por momentos, Mulher louca, conhecerás que fruto te produzio a tua ambição.)

*D. Fl.* (Que estarão agora dizendo entre si estes dous sátrapas!)

*Ani.* Senhora D. Flora, fazei-me a mercê de dizer á criada, que observe se Isidoro está inquieto, se se queixa, se dorme agitado...

*Her.* Que dizeis? Isidoro...

*Ani.* Sim, não passa bem...

*D. Fl.* Eu já vos entendo. (Não me querem aqui.) Para vos satisfazer, eu mesma irei observallo. (*Vai-se, depois torna, e fica atrás.*)

*Her.* Dizei-me: Quem he o que vossa Mulher vai ver se dorme?

*Ani.* He meu filho Isidoro.

*Her.* Vosso filho Isidoro!.. (*Com admiração.*)

*Ani.* Sim: agora me disse minha Mulher, que havia mais de duas horas que elle tinha vindo para casa opprimido de huma grande dor de cabeça, e eu temo não seja isto algum principio de perigosa doença.

*Her.* Mas; vós o vistes...

*Ani.* Sim: eu o vi ahí da porta; pois minha Mulher não quiz que o acordasse.

*Her.* E vós...

*Ani.* Lhe deitei a minha benção, e o deixei descansar.

*Her.* (Oh Mulher enganadora! Oh Mãe indiscreta!)

*Ani.* Vós, que entendeis de febre, acordado que se-

seja , me haveis de fazer o favor de palpar-lhe o pulso.

*Her.* Sim , de boa vontade ; mas se o vosso filho cahisse gravemente enfermo , vós , como homem sabio , e prudente , não vos conformaríeis com a vontade do Ceo ?

*Ani.* Sem duvida ; mas eu presentemente. . .

*Her.* Devemos reflectir , que todos somos mortaes.

*Ani.* He certissimo ; mas eu por ora não tenho mais que huma simples suspeita. Fallemos no que agora me dá mais cuidado. Sabeis que a senhora D. Flora. . .

*Her.* Ouvi-me , amigo. Nós estamos sempre expostos ás desgraças. . .

*Ani.* Sim , he verdade ; porém de hum mal ainda incerto , não quero affligir-me. Agora só quero satisfazer-vos. . .

*Her.* Mas he prudencia preparar o animo para o que possa acontecer : de modo que humilhando-se aos supremos decretos , se faz então hum homem digno de que o Ceo o fortifique com a graça da constancia.

*Ani.* Eu concedo-vos , que esta he a mais sabia doutrina ; mas não me podeis negar , que a natureza , agitada de hum sensível golpe , não recuse ao primeiro impeto attender ás luzes da razão.

( Neste tempo sabe D. Flora , e põe-se a ouvir , &c. )

*Her.* Então he necessario o estar disposto para tudo quanto possa succeder de infausto. O Ceo se serve destes meios para experimentar a nossa paciencia : pelo que . . . armai-vos de constancia. . . O vosso filho Isidoro , por causa de hum immoderado , e louco amor , que sua Mãe indiscretamente

mente lhe mostrou , a si mesmo procurou o precipicio...

*D. Fl.* E que viva o Senhor Hermenegildo ! Não vos basta todo o dia para intonteceres a cabeça de meu Marido ! Tambem á meia noite o vindes affaltar em sua casa ? Isto não he obrar como homem de bem.

*Her.* ( Não posso já reprimir-me. ) Ouça-me , Senhora D. Flora ; já que em V. m. reina tanto a ousadia , sabei que...

## S C E N A XIX.

*CANDIDO* apressado , e os ditos.

*Can.* **M**Eu Pai , meu Pai , venha de pressa... Aqui na sala o estão esperando hum Ministro de Justiça , e o dono daquella loja do café , onde Ifidoro costuma ir jogar , que desejão dar-lhe hum aviso de consequencia.

*D. Fl.* ( Ceos , que será ! )

*Ani.* A esta hora hum Ministro !.. hum aviso de consequencia ! ( *No tempo que se vai com Candido.* )

*Her.* ( Ah desaventurado homem !.. Agora receberá a infausta noticia , que eu não pude resolver-me a annunciar-lhe. )

*D. Fl.* ( Misera de mim !.. Ifidoro , oh Deos ! não vem ?.. Sinto gelar-se-me o sangue !.. )

*Her.* Eis-aqui , Senhora D. Flora , o fruto de seu orgulhoso comportamento : agora não he já tempo de fingir...

*D. Fl.* Mas... que he isto ?.. Que succedeo ?.. Explicai-vos...

*Her.* Cansou-se já o Ceo de tolerar a má educação , que até agora tendes dado ao vosso dile-

lesto filho. Com vergonha, e pezar vosso fareis agora quem era a Dama, com a qual creis tão contente de que elle se casasse, e com pena vossa sabereis...

*D. Fl.* Mas, dizei-me, quem he?

*Her.* Quem he? He huma vagabunda Dançarina.

*D. Fl.* Dançarina!... Como?... O Senhor Basilio me seguiu...

*Her.* O Senhor Basilio he hum adulator. Sim; he huma Dançarina; e por causa della, o vosso desaventurado filho...

## SCENA XX.

*ANICETO* torna em *Scena* ansiado, e atravessa entrando na camara de *ISIDORO*: *CANDIDO* vem chorando, e o segue: *D. FLORA* a tal vista quer seguillo, mas agitada se confunde: depois torna logo *ANICETO* com huma cabeça de pão em huma mão, e na outra hum embrulho de hum capote atado, que com desesperação lança aos pés de *D. FLORA*... *HERMENEGILDO* triste atrás de todos.

*Ani.* **O** H pobre de mim!... (*Gritando.*) Oh que desgraça!... Oh filho infeliz!...  
(*Entra.*)

*D. Fl.* Que he succedido?..

*Can.* Ah meu rico Irmão!... Ah fatal desaventura!..

*D. Fl.* Espera, Candido; ouve-me... (*Detendo-o.*)

*Ani.* (*Sabe da camara.*) Ah Mulher sem juizo! Ah Mãi desgraçada!.. Eis-aqui descuberto o vosso detestavel engano. (*Lança-lhe aos pés a cabeça de pão, e o involto, &c.*)

*D. Fl.* Mas, dizei-me, que acontece?..

*Ani.*

118 A MÃI INDISCRETA,

*Ani.* (Com delirio.) Dar-me a entender, que o desgraçado já estava em casa!.. que já estava na cama,.. ah que dor!..

*D. Fl.* Mas, por caridade, dissei-me, que succedeo a Ifidoro?..

*Ani.* Ifidoro está mortalmente ferido. (Se encosta a hum bastidor, demonstrando a sua excessiva afflicção.)

*D. Flo.* Oh Deos! (Expressando huma sensivel dor.) Oh desgraçada de mim!.. Oh meu querido filho!.. Oh alma do meu coração!.. Como?.. Dissei-me?.. por quem foi ferido?.. Onde se acha?.. (A Hermenegildo com afflicção.)

*Her.* Elle está femivivo na loja do caté do Grego, onde o Cirurgião agora lhe cura a ferida.

*Can.* Pobre meu Irmão!.. (Chora.)

*D. Fl.* Oh Ceos, que golpe he este!.. Que dor!.. Que pena!.. Eu sinto partir-me o coração!.. Oh meu Deos!.. Ai... Ai de mim!.. Não; não resisto!.. Soccorrei-me... (Desmaiia nos braços de Candido, e de Hermenegildo.)

*Can.* Minha Mãi!.. Minha querida Mãi!.. Oh Deos!.. Quantas desgraças ao mesmo tempo!

*Her.* A dor lhe opprimio os sentidos. He melhor, Senhor Candido, que nós a transportemos á sua camara para soccorrella com algum espirito. (Os ditos a conduzem para dentro.)

S C E N A XXI.

ANICETO, depois HERMENEGILDO.

*Ani.* **M**Aior angustia, tormento maior do que este que experimento, não he possivel, que humano algum já mais o tenha soffrido até agora!.. Ah que inesperada desgraça he esta pa-



para mim!.. Ai de mim, infeliz! Ah miseravel filho!.. Eu tremo todo! Não tenho vigor, não tenho forças para dar hum passo... Oh Deos! que dor!.. A estas horas talvez o infeliz tenha já expirado!.. Que faço!.. Ao menos se eu pudesse chegar a tempo de lhe deitar a minha benção. (*Em acto de querer ir-se.*)

*Her.* Amigo, aonde ides?

*Ani.* Oh Deos!.. Não sei... Desgraçado filho meu!.. vamos... affisti-me... acompanhai-me, caro amigo. (*Reprimindo-se de chorar.*)

*Her.* Não: socegai-vos: procurai reprimir a vossa dor: resignai-vos com a vontade do Ceo: por este meio Deos quer experimentar a vossa paciencia. O vosso filho, não obstante ser mortalmente ferido, não está sem esperanza de vida: o Cirurgião o affiste com todo o cuidado. Ficaí em casa: eu lá irei; e dentro em pouco tempo aqui será transportado. Ide affistir a vossa Mulher, que pela excessiva dor está desmaiada sobre huma cadeira.

*Ani.* Ah, meu amigo: he impossivel que largo tempo eu sobreviva a hum golpe tão fero. (*Vai-se sustentado por Hermenegildo.*)

## S C E N A XXII.

Quarto interior da loja do café.

*BASILIO, e BALESTRA.*

*Bal.* **A** Onde ides, Senhor Basilio? Esperai hum pouco. . Ouvi-me, não vos vades embora ..

*Basf.* (*Virando-se.*) Meu Balestra, a meia noite já passou, e eu ainda não ceci. **A Deos.**

*Bal.*

120 A MÃI INDISCRETA.

- Bal.* Visto isso, estimais antes a cêa, do que assistir ao vosso amigo o Senhor Isidoro.
- Baf.* E de que lhe posso eu servir?
- Bal.* Diz o Cirurgião, que daqui a hum pouco se poderá transportar para casa, e assim acompanhando-o, poderá consolar os afflictos Pais.
- Baf.* Os Pais não merecem compaixão. Pela má educação, que a Mãi lhe deu, se acha o filho neste estado.
- Bal.* Porém, pede a caridade humana...
- Baf.* Que caridade, que caridade!... Ouve-me: *Primas charitas incipit ab ego.* Entendes este latim? Queres-me ensinar a moral? De ti he que hei de aprender os deveres de hum homem de bem, e o viver honesto?
- Bal.* (Que ingrato homem!)
- Baf.* Tu, que es seu criado, fica aqui, e tem cuidado d'elle. Boa noite. (*Em acção de partir.*)
- Bal.* (Que falso amigo he este!)

S C E N A XXIII.

HERMENEGILDO, e os ditos.

- Her.* **A** Onde ides?
- Baf.* Oh!... justamente eu vinha a procurar-vos.
- Bal.* Sim: vinha a procurar-vos! (*Com ironia.*)  
Hia a ceiar em boa paz.
- Baf.* Que dizes, atrevido? Não lhe deis credito: este maroto he hum grandissimo mentiroso.
- Bal.* E lho diz a bocca da verdade. (*Com ironia.*)
- Baf.* Eu vinha ter com vosco a fim de que, seguindo meu conselho, possais demonstrar aos Pais deste desgraçado rapaz a vossa amizade, par-

participando-lhes com bom modo a infauſta noticia de tudo o ſucedido.

*Her.* Mas vós, que todos os dias frequentais os ſeus jantares, as ſuas ceas; que ſois o Conſelheiro, o Confidente, o Secretario, o intimo amigo da Senhora D. Flora, por que vos não incommodais? Porque me encarregais deſte acto de amizade que vós, ſem ter preciſão do meu conſelho, (*Com enfaſe carregada*) deveis pôr em pratica?

*Baf.* Para vos dizer a verdade, não ſou nada bom para dar más novas.

*Her.* Sim: bem vos entendo; mas tambem ha muito tempo que vos conheço. O Ceo nem ſempre paga todos os ſabbados aos operarios.

*Baf.* Porque me fallais por figura? Suspeitais por ventura, que eu ſeja...

*Her.* Não o suspeito, não; antes eſtou certo de que o voſſo modo de vida não he de homem de bem.

*Baf.* Vede, Senhor Hermenegildo, como fallais! (*Com reſentimento.*)

*Her.* Como hum homem ſincero, como hum homem de honra, como hum amigo do pobre Aniceto.

*Baf.* Viſto iſſo, vós me accusais...

*Her.* Não he eſte o tempo, e o lugar, em que vos dê fatiſações. Baleſtra, ſeguc-me. Entremos para ver o eſtado em que ſe acha Iſidoro. (*Entra com Baleſtra no outro quarto.*)

## S C E N A XXIV.

*BASILIO*, depois *ANICETO*, e logo  
*HERMENEGILDO*.

*Bas.* (*Passando pensativo.*) **V**Ejo-me algum tanto embaraçado!.. Este successo tão fatal me expõe a mil reprehensões dos Pais de Isidoro... E como me hei de desculpar?... A consciencia finto que me remorde... A minha honra... vejo-a em perigo... Ai de mim!.. Já temo que o público me esteja lendo no semblante toda a falsidade do meu coração: que me conheça por hum adulator, por hum fingido, por hum homem depravado... Ah!.. he já tempo de emendar-me!.. Sim: com hum prudente retiro evitarei as accusações dos infelices Pais... Oh Ceos, que vejo!.. Vem Aniceto...

*Ani.* Senhor Basilio... ah por piedade, dizei-me sinceramente: Vive o meu filho?

*Bas.* Que!.. já sabeis...

*Ani.* Sim, foi já advertido da minha desgraça: dizei-me se vive.

*Bas.* Vive; porém diz o Cirurgião... mas o que elle diz vós o sabereis d'elle mesmo. Entrai alli dentro.

*Ani.* Ah!.. certamente agora estará espirando.  
(*Vai para entrar; mas Hermenegildo, que sabe, o detem.*)

*Her.* Amigo, aonde ides?... Para que vindes aqui?

*Ani.* Ah caro Hermenegildo!.. (*Chora.*)

*Her.* Não choreis, o vosso filho ainda vive: o Cirurgião não desconfia de podello curar, e agora o vão conduzir para vossa casa.

## SCENA XXV.

*ISIDORO* he trazido fóra sobre huma cadeira, o qual se vê abatido de espirito. *HERMENE-GILDO*, *BALÉSTRA*, o *CIRURGIAM*, e outras pessoas lhe assistem de roda. *ANICETO* a esta primeira vista exprime o sentimento interno da sua dor, sem poder fallar. *BASILIO* confuso, e triste fica a hum lado, &c.

*Ani.* **O**H meu Deos!... Que dor he esta minha!... (Cobre o rosto com hum lenço.)

*Her.* Querido amigo, não vos entregueis totalmente ao vosso excessivo sentimento.

*Baf.* (Coitado!.. faz-me compaixão!)

*Ani.* Ifidoro!.. Ifidoro!.. Meu caro filho!..

(A estas vozes Ifidoro abre os olhos, e algum tanto se esforça.)

*Isi.* Ai de mim!.. (Com voz languida, e tremula.)

Meu querido Pai!.. Oh Deos!.. Que pena... que tumulto... sinto no meu coração!.. Ah, meu rico Pai!.. Eis-aqui... a que estado... me reduzirão... as minhas immoderadas paixões!.. Eis-aqui o fruto... da minha depravada vida!.. da minha defobediencia... do meu pouco respeito... dos desgostos, que vos causei!.. A Mão Suprema... Ai de mim!... já descarregou sobre mim o golpe!.. Ah se ainda sou digno... da vossa piedade.. Pai adorado, meu rico Pai.. elevai até o Ceo... hum vosso Paterno suspiro... Ah... sim... (Com voz mais forte.) apresentai-lhe os meus remorços... (Aqui chora excessivamente.)

*Ani.* Sim, filho: no teu misero estado o arrependimento só seja o objecto dos teus cuidados.

*Isi.*

*Isi.* Perdoai-me, ó Pai.. Ah, fim.. vo-lo peço.. perdoai-me:.. Dai-me hum final.. com que algum tanto.. eu possa.. tranquilizar.. este meu.. desgraçado coração...

*Ani.* Sim, fim, filho: eu te perdoo. Rogo ao Ceo queira absolver-te de todas as tuas desobediencias... (*Contendo o pranto.*) Compadeço-me.. do teu estado.... Eu te abençoo, ó filho... (*Chora com demazia.*)

*Isi.* Ah!.. meu querido Pai... não devia ser este o fruto.. de tantos suores.. que por mim derramastes!.. Tenho sido hum ingrato, hum contumaz.. hum perfido filho... (*Com voz mais forte.*) Sim, eu o confesso... Conheço ter illudido.. as vossas esperanças... Ah Mãi!.. Ah Mãi para mim fatal!.. Oh Deos!.. Que lembrança cruel!.. Ah perfidos amigos!.. Ah detestaveis aduladores!.. Por vossa culpa.. agora me acho... neste deploravel estado!... Ai de mim!.. Que pena! Que cruel remorso!.. Oh Deos!.. Sinto.. faltar-me.. o espirito... (*Desfalece quasi privado dos sentidos.*)

### S C E N A U L T I M A.

*Sabe D. FLORA ansiosa, e furiosa acompanhada de CANDIDO. Os ditos em diferentes postos, e significantes acções.*

*D. Fl. (Ao sa- bir da Scena.)* **A** Onde está, aonde está o meu filho!... Isidoro!... Alma do meu coração!... Ah!... Sim, ainda te acho com vida... Ah!.. que cruel, que atroz objecto he este para mim!.. Desgraçado filho, em que estado te acho!.. Ah, dizei-me vós, qual foi o ímpio, o perfido assassino, o barbaro coração, que tão cruelmente ferio o meu filho?...

Não

Não mo occulteis... (*Aos que estão presentes.*) Declarai-me, mostrai-me o indigno... (*Com desesperação.*) Com estas mãos, sim, com estas minhas mãos quero arrancar-lhe o coração do peito: com estas mãos facar-lhe as entranhas: com o seu ímpio sangue quero faciar a minha ira, o meu furor...

*Her.* Senhora D. Flora, agora não he tempo de procurar vinganças...

*D. Fl.* (*Com ira.*) Affastai-vos de mim: calai-vos: não vos mostreis a meus olhos mais odioso do que fois.. Desgraçada de mim!.. Que pena!.. (*Avizinha-se a Isidoro*) Meu rico filho!... E hei de perder-te! e hei de ficar em vida sem a tua companhia!.. Oh lembrança cruel!.. (*Affastando-se delle.*) Oh golpe atroz!... Oh Mãi desaventurada!..

*Can.* Ah que desgraça!..

*D. Fl.* E tu, barbaro Ceo, porque me tiras hum filho, que só foi a minha delicia, o meu amor, a minha esperança?... Em que te offendeo o desgraçado?... Que sacrilego excessõ commetteo o infeliz, para irritar tanto a tua indignação?... Quaes forão os seus delictos, senão humanas fragilidades?... Ah! se tão injusto es, se contra mim estás tão irado, tira-me esta infeliz vida, aparta-me de huma tão cruel lembrança... Mata-me, ó Ceo tyranno. (*Com excessõ de desesperação.*)

*Isi.* (*Recobrando algum alento, mas sem abrir os olhos.*) Ah Mãi!.. Ah Mãi.. por mim.. infeliz. (*Torna á desfalecer.*)

*D. Fl.* (*Chega-se a Isidoro.*) Filho!.. meu querido filho!... abre os olhos... a tua rica Mãi está aqui... Olha para mim: aqui estou... Isidoro, meu querido Isidoro...

*Isi.*

*Isi.* Ah!... por piedade.. vos peço.. não me augmenteis mais.. a minha dor... Ah, fim.. agora.. me vejo obrigado a confessar.. que vós fostes.. a origem.. de todo o meu mal.... Eu tivera sempre.. dado ouvidos.. ás admoestações de meu Pai.. teria temido sempre.. as suas reprehensões.. se em vós.. não tivesse conhecido.. huma constante inclinação.. a apadrinhar.. os meus loucos desejos... Ai de mim, infeliz!..  
(*Torna a cabir desfalecido.*)

*D. Fl.* Triste de mim, que ouço!... Que horrores se me representão!... Eu tremo!... Ah quantas cruéis afflicções, quantos acerbos martyrios vem como de tropel para dislacerar-me o coração! Oh cruéis remorsos!... Oh miseravel filho! Oh desesperada Mãi! (*Encosta-se á cadeira de Isidoro, sustentando-se a cabeça.*)

*Ani.* Oh Ceos! Imploro a vossa assistencia!...

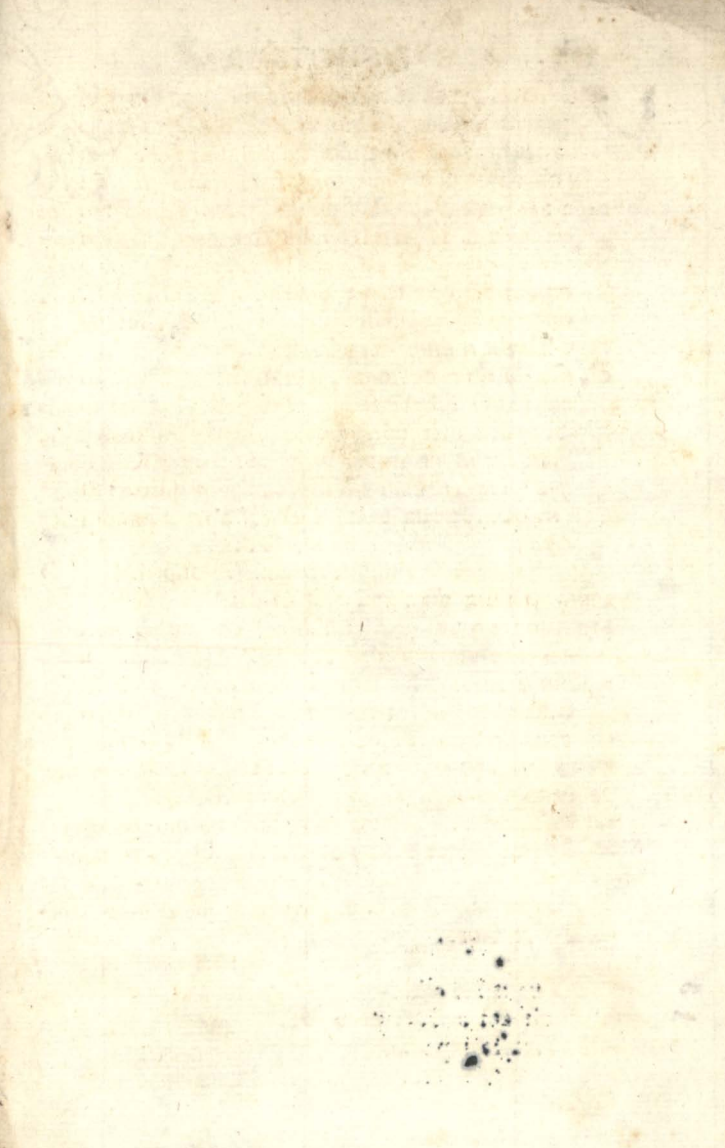
*Can.* Infeliz meu irmão. (*Chora.*)

*Her.* Soceguem-se, Senhores. Os vossos excessivos affectos podem aggravar-lhe a ferida: leve-mo-lo para casa. Com a vontade do Ceo se resignem todos, reflectindo, que por este meio elle vos não castiga, quando vos dá tempo para vos levantardes do profundo lethargo em que tinheis cahido. E vós, Senhor Basilio...

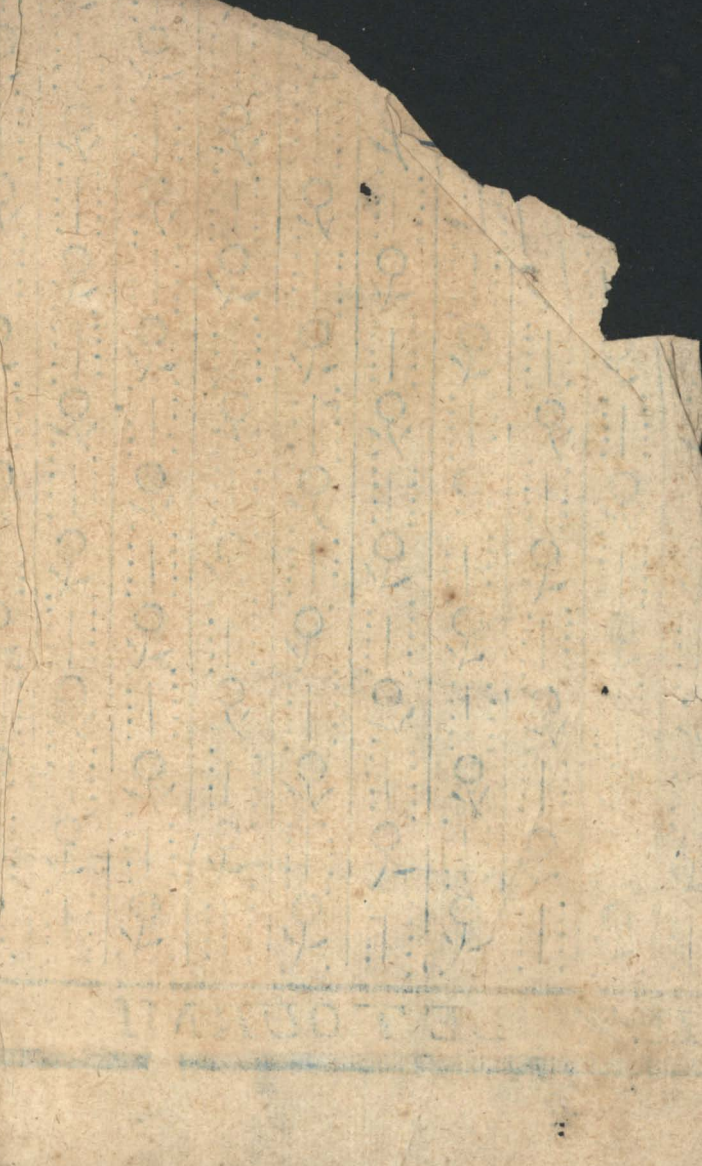
*Bas.* Não mais: penetro o que me quereis dizer. Eu mesmo me accuso. Tenho sido hum adulator, hum falso amigo destes Senhores, e no perdão que lhes peço, vejão todos o meu arrependimento.













HEZ LE TOURI

25